

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RAFISA MOSCOSO LOBATO RÊGO

Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na grande São Luís

**São Paulo
2022**

RAFISA MOSCOSO LOBATO RÊGO

Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na grande São Luís

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Wellington Zangari

**São Paulo
2022**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Moscoso Lobato Rêgo, Rafisa

Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na grande São Luís. / Rafisa Moscoso Lobato Rêgo; orientador Wellington Zangari. – São Paulo, 2022.

212 f.: il.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Experiências anômalas. 2. Psicologia anomalística. 3. Crenças religiosas. 4. Sofrimento psíquico. 5. Religiosidade. I. Zangari, Wellington, orient. II. Título.

Nome: RÊGO, Rafisa Moscoso Lobato Rêgo

Título: Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na Grande São Luís

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

À minha mãe e aos meus avós, por me possibilitarem chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Wellington Zangari, meu orientador, pela FORÇA neste percurso;

À minha família – mãe, avós, irmão e padrasto – pelo apoio e pela confiança na realização deste trabalho;

A Denguinho, por ceder parte de nosso tempo para os momentos de produção;

Aos meus amigos da USP, grata pelo companheirismo;

E aos amigos da Universidade CEUMA, pelo incentivo;

Agora, de modo especial, a Deus, aos Guias e aos Amigos espirituais pela vigília e intuições.

RESUMO

RÊGO, R. M. L. **Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na grande São Luís.** 2022. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no Estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas. Para a coleta de dados, foi utilizada uma versão adaptada do Questionário de Prevalência e Relevância de Experiências Anômalas (Q-PREA), e um roteiro de entrevista semiestruturada. Dos 231 respondentes (idades de 18 a 70 anos) que participaram da pesquisa, 100% alegaram experienciar pelo menos uma experiência anômala ao longo da vida, sendo a experiência relacionada a Psi em vigília o tipo de experiência mais declarada em nossa amostra. Além disso, há pessoas que relataram algum nível de sofrimento psíquico (entre pouquíssimo e intenso) em todos os tipos de experiências anômalas investigadas, sendo a maior frequência de sofrimento psíquico encontrada na vivência de experiências relacionadas a Psi em vigília, e a menor frequência de sofrimento encontrada na vivência de experiências místicas. Por fim, percebemos que o sofrimento psíquico está predominantemente ligado ao fato de os sujeitos não conseguirem dar uma explicação à experiência anômala vivenciada, sendo que, quando esses usam crenças religiosas para dar sentido a essas vivências, o sofrimento é aliviado. Os resultados não são conclusivos e nos apontam caminhos a serem percorridos, além questões a serem aprofundadas em estudos futuros sobre esse tema.

Palavras-chave: Experiências anômalas. Psicologia anomalística. Crenças religiosas. Sofrimento psíquico. Religiosidade.

ABSTRACT

RÊGO, R. M. L. **When the "supernatural" generates suffering: prevalence and impact of anomalous experiences in greater São Luís.** 2022. Thesis (Doctorate in Psychology) – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This research aimed to verify the prevalence of anomalous experiences in a sample of the population of the Metropolitan Region of Greater São Luís, located in the Brazilian State of Maranhão, in order to know the types of experiences experienced. For data collection, an adapted version of the Questionnaire of Prevalence and Relevance of Anomalous Experiences (Q-PREA), and a semi-structured interview script were used. Of the 231 respondents (ages 18 to 70) who took part in the survey, 100% claimed to experience at least one anomalous experience throughout their lives, with waking Psi-related experience being the most stated type of experience in our sample. In addition, there are people who reported some level of psychic suffering (between very little and intense) in all types of anomalous experiences investigated, with the highest frequency of psychic suffering found in the experience of Psi-related experiences in vigil, and the lowest frequency of suffering found in the experience of mystical experiences. Finally, we noticed that the psychic suffering is predominantly linked to the fact that the subjects are unable to give an explanation to the anomalous experience, and when they use religious beliefs to give meaning to these experiences, the suffering is relieved. The results are not conclusive and point us to paths to be followed, as well as issues to be deepened in future studies on this theme.

Keywords: Anomalous experiences. Anomalistic psychology. Religious beliefs. Psychic suffering. Religiosity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes das entrevistas	69
Quadro 2 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências alucinatórias	70
Quadro 3 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências de sonhos lúcidos	74
Quadro 4 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências fora do corpo	74
Quadro 5 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências relacionadas a PSI	75
Quadro 6 – Trechos das falas dos participantes em que percebemos a crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Gênero	41
Tabela 2	–	Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Idade	42
Tabela 3	–	Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Estado civil	42
Tabela 4	–	Frequências e percentuais de dados sociodemográficos: escolaridade.....	43
Tabela 5	–	Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Trabalho	44
Tabela 6	–	Frequências e percentuais de dados sociodemográficos: renda.....	44
Tabela 7	–	Frequências e percentuais de dados sociodemográficos: crença religiosa.....	44
Tabela 8	–	Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Religiosidade	45
Tabela 9	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências alucinatórias.....	46
Tabela 10	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de sinestesia	47
Tabela 11	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de sonhos lúcidos	47
Tabela 12	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências fora do corpo.....	48
Tabela 13	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências relacionadas à Psi em vigília	48
Tabela 14	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de PK com objetos.....	49
Tabela 15	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de abdução por alienígenas	49
Tabela 16	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de vidas passadas	50
Tabela 17	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de quase morte.....	50

Tabela 18	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de curas anômalas	51
Tabela 19	–	Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências místicas.....	51
Tabela 20	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências alucinatórias e presença de sofrimento psíquico.....	53
Tabela 21	–	Frequências de respondentes referente à vivência de sinestesia e presença de sofrimento psíquico	53
Tabela 22	–	Frequências de respondentes referente à vivência de sonhos lúcidos e presença de sofrimento psíquico.....	54
Tabela 23	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências fora do corpo e presença de sofrimento psíquico	55
Tabela 24	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências relacionadas a Psi em vigília e presença de sofrimento psíquico	56
Tabela 25	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de PK com objetos e presença de sofrimento psíquico.....	56
Tabela 26	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de abdução por alienígenas e presença de sofrimento psíquico.....	57
Tabela 27	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de vidas passadas e presença de sofrimento psíquico	58
Tabela 28	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de quase morte e presença de sofrimento psíquico	59
Tabela 29	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de curas anômalas e presença de sofrimento psíquico.....	59
Tabela 30	–	Frequências de respondentes referente à vivência de experiências místicas e presença de sofrimento psíquico.....	60
Tabela 31	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência alucinatória.....	61
Tabela 32	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e sinestesia.....	62
Tabela 33	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e sonho lúcido	62
Tabela 34	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência fora do corpo	63

Tabela 35	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de psi em vigília	64
Tabela 36	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de PK com objetos	64
Tabela 37	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de abdução por seres alienígenas	65
Tabela 38	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de vidas passadas	66
Tabela 39	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de quase morte	66
Tabela 40	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de cura anômala	67
Tabela 41	–	Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência mística	68

LISTA DE SIGLAS

APA	American Psychological Association
ASPR	<i>American Society for Psychical Research</i>
CEPH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
COVID-19	<i>Corona Virus Disease 2019</i>
CRE	<i>Coping Religioso/Espiritual</i>
DSM-5	<i>Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição</i>
EAs	Experiências anômalas
ECLIPSY	Instituto de Pesquisas Científicas em Parapsicologia
EXP	Experenciadores
GEPPA	Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia Anomalística e Psicologia da Religião
IC	Intervalos de Confiança
INTER PSI	Instituto de Pesquisas Interdisciplinares das Áreas Fronteiriças da Psicologia
InterPsi	Laboratório de Estudos Psicossociais “Crença, Subjetividade, Cultura e Saúde
NEXP	Não Experenciadores
PA	<i>Parapsychological Association</i>
PK	Psicocinesia
Q-PREA	Questionário de Prevalência e Relevância de Experiências Anômalas
Q-PRP	Questionário de Prevalência e Relevância de Psi
SPR	<i>Society for Psychical Research</i>
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PRIMEIROS PASSOS: A PESQUISADORA	15
INTRODUÇÃO	17
PARTE 1: REVISÃO DA LITERATURA E DOS CONCEITOS ABORDADOS NA PESQUISA	19
CAPÍTULO 1: EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS	20
CAPÍTULO 2: EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO	27
CAPÍTULO 3: PSICANÁLISE: a religião como uma saída para o desamparo humano	31
PARTE 2: APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA PESQUISA	35
CAPÍTULO 3: DETALHAMENTO DO ESTUDO	36
3.1 Objetivo geral	36
3.2 Objetivos específicos	36
3.3 Hipóteses	36
3.4 Método	36
3.5 Considerações éticas	39
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – QUANTITATIVOS	41
4.1 Perfil da amostra	41
4.1.1 Dados sociodemográficos	41
4.1.1.1 <i>Gênero</i>	41
4.1.1.2 <i>Idade</i>	41
4.1.1.3 <i>Estado civil</i>	42
4.1.1.4 <i>Escolaridade</i>	43
4.1.1.5 <i>Trabalho e renda mensal</i>	43
4.1.1.6 <i>Crença religiosa</i>	44
4.2 Vivência de experiências anômalas	46
4.2.1 Experiências alucinatórias	46
4.2.2 Sinestesia	47
4.2.3 Sonhos lúcidos	47
4.2.4 Experiências fora do corpo	48
4.2.5 Experiências relacionadas a Psi em vigília	48

4.2.6 Experiências de PK com objetos.....	49
4.2.7 Experiências de Abdução por Alienígenas.....	49
4.2.8 Experiências de vidas passadas	50
4.2.9 Experiências de quase morte.....	50
4.2.10 Experiências de curas anômalas	51
4.2.11 Experiências místicas.....	51
4.3 Vivência de experiências anômalas e sofrimento psíquico.....	52
4.3.1 Experiências alucinatórias.....	52
4.3.2 Sinestesia	53
4.3.3 Sonhos lúcidos	54
4.3.4 Experiências fora do corpo.....	54
4.3.5 Experiências relacionadas a Psi em vigília	55
4.3.6 Experiências de PK com objetos.....	56
4.3.7 Experiências de abdução por alienígenas	57
4.3.8 Experiências de vidas passadas	57
4.3.9 Experiências de quase morte.....	58
4.3.10 Experiências de curas anômalas	59
4.3.11 Experiência mística	60
4.4 Associação entre crença religiosa e experiências anômalas.....	60
4.4.1 Experiências alucinatórias.....	61
4.4.2 Sinestesia	61
4.4.3 Sonhos lúcidos	62
4.4.4 Experiências fora do corpo.....	63
4.4.5 Experiências relacionadas a Psi em vigília	63
4.4.6 Experiências de PK com objetos.....	64
4.4.7 Experiências de abdução por alienígenas	65
4.4.8 Experiências de vidas passadas	65
4.4.9 Experiências de quase morte.....	66
4.4.10 Experiências de curas anômalas	67
4.4.11 Experiência mística	67
CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – ENTREVISTAS ..	69
5.1 Experiência anômala e sofrimento psíquico	70
5.2 Crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas	77

CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICES	101

PRIMEIROS PASSOS: A PESQUISADORA

Ao longo da minha prática como psicanalista, deparei-me com alguns pacientes que traziam para as sessões conteúdos relacionados às religiões que seguiam. Porém, esses conteúdos nunca se apresentavam como um assunto principal a ser tratado no processo de análise. Contudo, o atendimento de um caso em especial me mobilizou a sair de minha zona de conforto e me impulsionou a enveredar por novos caminhos dentro da Psicologia, a saber: a Psicologia Anomalística e a Psicologia da Religião.

O caso citado acima diz respeito a uma paciente que me procurou com a seguinte queixa principal: desde criança costumava escutar vozes e, como vinha de uma família espírita, sempre lhe era dito que ela era médium. Porém, há alguns meses, devido a questões pessoais, ela se afastou do centro espírita que frequentava e estava bastante angustiada, pois começou a duvidar se realmente o fato de escutar vozes era devido à mediunidade ou se tinha algum tipo de transtorno mental.

Como era a primeira vez que me deparei com uma paciente com tal queixa, levei o caso para a reunião de supervisão clínica da escola de psicanálise que eu fazia parte. Para minha surpresa, o retorno que recebi em relação à questão principal que levou a paciente ao meu encontro – se as vozes que escutava eram algo patológico ou não – era de que eu não deveria “escutar” tal questão e seguir adiante os atendimentos explorando outros aspectos da vida da paciente. Ao questionar sobre essa condução, fui informada de que essas “questões de mediunidade” não deveriam ser exploradas em um processo de análise, pois diz respeito a uma área relacionada à espiritualidade e à religiosidade do sujeito e um analista não “deveria” adentrar nesse âmbito.

Ao refletir sobre o que me foi dito nessa reunião de supervisão de caso, me dei conta de que ao longo da minha formação como psicóloga na Universidade Federal do Maranhão, o tema da religiosidade e da espiritualidade nunca foi abordado em sala de aula. E mais, nas poucas vezes em que fiz alguma pergunta relacionada a esses temas, obtive a mesma resposta que tive na escola de psicanálise, a saber: os psicólogos não devem adentrar em questões relacionadas à espiritualidade e à religiosidade de seus pacientes.

Não satisfeita com as respostas que obtive em relação a como conduzir o atendimento de minha paciente, resolvi buscar material sobre a relação entre psicologia e mediunidade. Assim, encontrei o InterPsi – Laboratório de Estudos Psicossociais “Crença, Subjetividade, Cultura e Saúde”, da Universidade de São Paulo. Até então nunca tinha ouvido falar em Psicologia Anomalística e, após ler alguns materiais publicados pelos membros do InterPsi-Universidade de São Paulo (USP), comecei a me comunicar com o professor Wellington Zangari, um dos coordenadores do laboratório juntamente com a professora Fatima Regina Machado, para obter maiores informações sobre a área.

Após algumas reuniões, criei, em 2016, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia Anomalística e Psicologia da Religião (GEPPA), na Universidade Ceuma, local onde sou docente do curso de Psicologia. E, desde então, passamos a ser o primeiro grupo de pesquisa do Nordeste que se dedica à produção de conhecimento em relação a essas duas áreas da psicologia.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de doutorado tem como objetivo principal verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas.

Como objetivos específicos, definimos: a) relacionar experiências anômalas e dados sociodemográficos; b) verificar quanto as experiências anômalas produzem sofrimento psíquico às pessoas que as vivenciam; e c) investigar a associação entre a vivência de experiências anômalas e a crença religiosa.

O objeto de estudo desta tese são as experiências anômalas, que se caracterizam por ser experiências que desafiam as explicações comumente aceitas sobre o mundo que nos cerca. E, nossos problemas de pesquisa são: qual a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da Grande São Luís? Quais são os tipos de experiências anômalas vivenciadas nesse contexto? A vivência de experiências anômalas produz sofrimento psíquico? Crenças religiosas ajudam a dar sentido às experiências anômalas e, desse modo, alivia o sofrimento psíquico vivenciado pelo sujeito que a experiencia?

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi utilizada uma Versão do Questionário de Prevalência e Relevância de Experiências Anômalas (Q-PREA) elaborado por Reichow (2017), com algumas adaptações no que se refere a questões sobre a vivência de experiências anômalas e sofrimento psíquico; e, em um segundo momento, realizamos entrevistas semiestruturadas com alguns respondentes do questionário.

Para apresentação do tema da pesquisa e dos conceitos que nos guiaram no processo de análise dos dados coletados, assim como da discussão de nossos resultados, optamos por dividir esta tese em três partes:

A Parte 1, intitulada Revisão da Literatura e dos Conceitos abordados na Pesquisa é composta por três capítulos: o capítulo 1 **Experiências Anômalas**, no qual abordamos o que são experiências anômalas, detalhando cada experiência apresentada no livro *Variedades das Experiências Anômalas*, assim como escrevemos sobre a história dos estudos e pesquisas dessas experiências e a importância de seu estudo; o capítulo 2 **Experiências Anômalas e Sofrimento Psíquico**, no qual abordamos a questão do sofrimento psíquico decorrente da

vivência de experiências anômalas, e suas relações com os conceitos de religiosidade, espiritualidade e *coping* religioso; e o capítulo 3 **Psicanálise: a religião como uma saída para o desamparo humano**, no qual escrevemos como a teoria psicanalítica aborda a religião como meio possível para dar sentido ao sofrimento psíquico a partir do sentimento de desamparo estrutural dos sujeitos.

Na Parte 2, **Apresentação da Estrutura da Pesquisa**, apresentamos os objetivos geral e específicos, as hipóteses, o método e as considerações éticas relacionadas à pesquisa.

A Parte 3, **Apresentação e Análise dos dados**, está dividida em três capítulos: o capítulo 5, no qual apresentamos os dados quantitativos coletados referentes ao perfil da amostra, à vivência de experiências anômalas, à relação entre experiências anômalas e sofrimento psíquico e à relação entre essas experiências e crenças religiosas; o capítulo 6, em que apresentamos os dados qualitativos coletados a partir das entrevistas semiestruturadas; e o capítulo 7, no qual apresentamos a discussão dos resultados alcançados à luz do referencial teórico apresentado na parte 1.

Em nossas **Considerações finais**, revisitamos as hipóteses que nortearam nosso trabalho, e apontamos as limitações e possibilidades de desdobramentos da presente pesquisa.

PARTE 1

REVISÃO DA LITERATURA E DOS CONCEITOS ABORDADOS NA PESQUISA

CAPÍTULO 1: EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS

Ao longo da história, experiências humanas denominadas como estranhas, extraordinárias e inexplicadas têm sido objeto de fascinação, especulações e curiosidade para a população em geral. Na Europa, entre os séculos XIX e XX, houve bastante interesse, por parte dos estudiosos da Psicologia e de outras áreas do conhecimento, pelas alterações da consciência, pelos sonhos, pelas escritas e desenhos automáticos, entre outros fenômenos. Já, no século XXI, podemos apontar alguns temas de grande interesse da população em geral, tais como: experiências de quase morte, experiências fora-do-corpo, experiências de mediunidade, experiências psi (como são denominadas as experiências de tipo extrassensorial ou extramotor), experiências de êxtase místico dentre outras, que compõem o conjunto das chamadas experiências anômalas.

Experiências anômalas (EAs) são definidas como experiências incomuns que, apesar de serem vivenciadas por uma quantidade considerável de pessoas (MACHADO, 2010; REICHOW, 2017; TORRES, 2016), desviam-se da experiência comum ou de explicações científicas comumente aceitas ou estabelecidas, sendo, por isso, consideradas anômalas. Quando uma pessoa tem uma experiência anômala, isto não significa que um evento anômalo de fato ocorreu. O que importa, porém, é que a pessoa vivenciou algo que considerou/interpretou como sendo do domínio do que seria anômalo. É importante salientar que o termo “anômalo” não é sinônimo de “anormal” e não tem, necessariamente, relação com transtornos mentais. Por estarem à margem do *mainstream* científico, usualmente não recebem, no meio acadêmico, a mesma atenção que as experiências consideradas regulares, chegando a serem desconsideradas, não abordadas na formação em Psicologia e Psiquiatria.

Dentro de contextos religiosos, as experiências anômalas são especialmente compreendidas como expressões da relação entre o humano e o sagrado, e a vivência dessas experiências, geralmente, está associada a uma maior sensibilidade, um dom ou uma capacidade especial que a pessoa que a vivencia tem de perceber o mundo. Alminhana (2013) destaca que diversos grupos religiosos não só incentivam como valorizam as experiências anômalas, e suas interpretações podem permitir uma melhor aceitação e integração das experiências anômalas que antes eram vivenciadas como ameaçadoras e disruptivas. Enquanto Zangari (1996, 2003) destaca a importância das experiências anômalas como confirmadoras ou

suscitadoras de crenças/sistemas religiosos, sem vínculo necessário com algum tipo de desequilíbrio mental.

No contexto científico, a psiquiatria e a psicologia têm uma tendência a ignorar as experiências anômalas ou as consideram patológicas. O estudo das EAs tem sido descartado do meio acadêmico seja por preconceito ou por desconhecimento dos fenômenos que estão envolvidos com esse grupo de experiências (CHIBENI; MOREIRA-ALMEIDA, 2007). Porém, nas últimas décadas, observa-se uma mudança em relação a esse cenário a partir da realização de estudos em psicologia e em psiquiatria nos quais a diversidade cultural e religiosa das sociedades passou a ser considerada. Como exemplo, podemos citar a Psicologia Anomalística, que caracteriza-se pela aplicação de métodos psicológicos no estudo de experiências anômalas (HOLT; SIMMONDS-MOORE; LUKE, 2012). É importante deixar claro, porém, que a presença do tema no meio acadêmico não significa a validação de crenças religiosas ou sobrenaturais, mas a consideração dos mecanismos psicológicos envolvidos nessas experiências e seu papel na constituição da subjetividade, na formação de crenças e na motivação de comportamentos e tomadas de decisão.

Apesar de a Psicologia Anomalística ser considerada uma área recente de estudos, historicamente observa-se que vários teóricos da psicologia já se interessavam pelo estudo de experiências anômalas e de experiências parapsicológicas. Em 1882, com a fundação da *Society for Psychical Research* (SPR), em Londres, foi realizada a primeira investigação sistemática de várias experiências anômalas. Vários cientistas e filósofos famosos se uniram para realizar estudos e pesquisas sobre alegações de supostos casos de telepatia e de clarividência (fenômenos psi), fenômenos dissociativos, hipnose, cognição pré-consciente, etc. Em 1885, a *American Society for Psychical Research* (ASPR), fundação semelhante à SPR, foi estabelecida nos Estados Unidos sob a liderança de William James, notável pesquisador da área psicológica. E, em 1957, foi fundada a *Parapsychological Association* (PA) afiliada da *American Association for the Advancement of Science* (Associação Americana para o Progresso da Ciência), que tem como objetivo buscar explicações científicas para as experiências anômalas (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

No contexto brasileiro, pode-se destacar como ponto de partida para o estudo sistemático das experiências anômalas, a fundação, em 1989, do Instituto de

Pesquisas Científicas em Parapsicologia (ECLIPSY) que, posteriormente, passou a chamar-se Instituto de Pesquisas Interdisciplinares das Áreas Fronteiriças da Psicologia (INTER PSI). Atualmente, o InterPsi chama-se Laboratório de Estudos Psicossociais “Crença, Subjetividade, Cultura e Saúde” e, sob a coordenação dos professores Wellington Zangari e Fatima Regina Machado, desde 2010 está alocado no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e assumiu a Psicologia Anomalística como denominação para sua área de estudo em diálogo com a Psicologia da Religião passando a divulgar o termo experiências anômalas para seu principal foco de interesse.

Após esse breve histórico sobre os estudos das experiências anômalas, torna-se necessário definir quais EAs foram abordadas na presente pesquisa de doutorado. Reichow (2017) categorizou as experiências anômalas no Q-PREA de acordo com a obra *Varietades da Experiência Anômala*, organizada por Etzel Cardeña, Steven Jay Lynn e Stanley Krippner, editada pela American Psychological Association (APA) e lançada em 2000. A primeira edição desse livro foi traduzida para o português pela pesquisadora Fatima Regina Machado e foi lançada no Brasil em 2013. De acordo com essa obra, as experiências descritas como anômalas são as seguintes: experiências alucinatórias, sinestesia, sonhos lúcidos, experiências fora do corpo, experiências relacionadas a psi, experiências de abdução por alienígenas, experiências de vidas passadas, experiências de quase morte, experiências de curas anômalas e experiências místicas.

A seguir faremos uma breve definição das variedades das experiências anômalas.

Experiências alucinatórias: caracterizam-se pela percepção de algo que não está presente objetivamente na realidade externa. Segundo Cardeña, Lynn e Krippner (2013), as experiências alucinatórias apresentam um forte impacto perceptivo e não são passíveis de controle direto e voluntário pelo sujeito que a experiencia, apesar de não haver a presença de um estímulo objetivo do órgão sensorial.

De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)*, as alucinações são vívidas e claras, podendo ocorrer em qualquer modalidade sensorial e, em alguns contextos culturais, podem ser elemento normal de experiências religiosas (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014).

Podemos apontar como exemplos de experiências alucinatórias as visões de espíritos, a audição de sons que chamam o nome do sujeito que a experiencia ou lhe sussurram alguma mensagem, sentir cheiro de flores, velas queimando sem que esses objetos estejam presentes por perto, sentir-se sendo tocado por algo que o sujeito não consegue ver, etc. (MACHADO; ZANGARI, 2021).

Sinestesia: podem ser definidas como um tipo de percepção de um estímulo que ocorre de vários modos simultâneos e que evoca duas respostas sensoriais ao mesmo tempo. Como exemplo podemos citar ouvir um som e, ao mesmo tempo, perceber um sabor associado a ele (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

Segundo Machado e Zangari (2021), esse tipo de experiência anômala é bastante rara, porém há descrição de seus aspectos neurofisiológicos, a saber: podemos dizer que as experiências sinestésicas são produzidas em função de uma anomalia no processo de decodificação dos estímulos percebidos. Desse modo, além de uma resposta primária dada a um estímulo indutor, há, simultaneamente, uma resposta sensorial secundária.

Sonhos lúcidos: são definidos como um tipo de sonho em que o sonhador sabe que está sonhando e pode interferir de modo consciente nos rumos de seu enredo onírico (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013; GARFIELD, 1977).

Os sonhos lúcidos são considerados um tipo de experiência anômala porque, comumente, as pessoas não se dão conta de que estão em uma situação onírica. De um modo geral, percebemos que estávamos sonhando apenas após despertar (MACHADO; ZANGARI, 2021).

Experiências fora do corpo: relacionam-se ao que algumas pessoas relatam ao sentir a sua consciência fora de seu corpo físico, flutuando e vendo o próprio corpo a uma curta distância ou viajando para outros locais (ALVARADO, 2013).

Essas experiências são conhecidas, popularmente, como viagens astrais. De acordo com Cardeña, Lynn e Krippner (2013), nesse tipo de experiência as pessoas sentem que seu self ou núcleo de consciência está localizado fora de seu corpo físico, podendo ou não permanecer conectado ao corpo por meio de uma espécie de cordão.

Experiências relacionadas a Psi: esse tipo de experiência pode ser dividido em dois grupos, a saber (MACHADO; ZANGARI, 2021):

- a) Experiências Extrassensoriais, nas quais estão incluídas experiências telepáticas, ou seja, uma possível comunicação mental entre seres humanos sem a utilização dos órgãos sensoriais; experiências de clarividência, em que há uma suposta captação de informações diretamente do ambiente; e precognição, que se caracteriza pela obtenção de modo anômalo de conhecimentos de eventos futuros;
- b) Experiências Extramotoras, denominadas de psicocinese, que se caracterizam como uma possível intervenção no mundo físico sem a utilização de nosso aparelho motor ou de aparatos tecnológicos. Esse tipo de experiência está relacionado a efeitos físicos anômalos como quebra e movimentação de objetos, problemas em equipamentos eletroeletrônicos que parecem não ter explicações conhecidas, etc.

Experiências de abdução por alienígenas: caracterizam-se por memórias subjetivas reais de ter sido levado (por vontade própria ou não) por supostos seres extraterrestres em naves espaciais (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

As narrativas apontam para visões de objetos voadores não identificados (OVNIs), sequestros dos experienciadores que teriam sido levados para outros planetas por Ets e teriam passado por intervenções físicas como pequenas cirurgias para implantação de chips, etc. Ao despertar dessa suposta experiência, os sujeitos podem apresentar paralisia momentânea do corpo e lapsos de memória (MACHADO; ZANGARI, 2021).

Experiências de vidas passadas: são definidas como uma nítida impressão que um sujeito tem de ter sido outra pessoa em tempos pretéritos, sem que tal impressão anule a sua atual vivência (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

O sujeito que vivencia esse tipo de experiência descreve detalhes do contexto no qual teria vivido no passado e, alguns podem apresentar uma marca de nascença que remete a alguma situação trágica que foi vivenciada nessa suposta vida passada. Dentre os relatos existentes, podemos destacar as narrativas feitas por crianças que apresentam memórias espontâneas, ou seja, não são evocadas por meio de alguma técnica diretiva (MACHADO; ZANGARI, 2021).

Experiências de quase morte (EQM): referem-se a uma forte vivência que um sujeito apresenta com conteúdos místicos e/ou transcendentais que ocorre em situações de intenso perigo físico ou emocional (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

Esse tipo de experiência não é um evento tão raro, estimando-se de que já tenha ocorrido a 14% da população brasileira. É um tipo de experiência intensa que ocorre em pessoas em morte clínica ou próxima desse estado, no momento quando estão inconscientes. Ao serem reanimados, esses sujeitos relatam lembranças do momento em que, supostamente, estavam mortos, tais como: contato com entes queridos já falecidos e/ou com seres místicos, observação da equipe de socorro, etc. (CARUNCHIO, 2018).

Experiências de curas anômalas: têm como característica a vivência da cura de uma doença sem que essa cura seja atribuída a tratamentos médicos convencionais – não podendo ser encontrada uma explicação no arcabouço teórico científico tradicional da medicina e da biomedicina –, ou que se desvie da evolução esperada do quadro clínico (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

Segundo Machado e Zangari (2021), podemos fazer uma diferenciação entre evento de cura anômala, no qual é constatada, objetivamente, a cura inexplicada de um paciente; e experiência de cura anômala, em que se leva em consideração aspectos subjetivos do paciente submetido a algum tipo de intervenção ritualística. Neste último, o paciente pode se sentir curado, apesar de não ter sido necessariamente curado de alguma doença.

Experiências místicas: referem-se à vivências de caráter transcendental que podem envolver sentimentos intuitivos do universo, de encontro com uma realidade superior e de unidade com o cosmos (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

Esse tipo de experiência tem como característica a inefabilidade, ou seja, escapa à possibilidade de descrição ou verbalização do que exatamente ocorre ao ser vivenciada. Porém, na maioria dos casos, os experienciadores relatam obter um insight profundo sobre o sentido da vida (MACHADO; ZANGARI, 2021).

Apesar de não receberem, no mundo acadêmico, a mesma atenção que as experiências regulares, o estudo das experiências anômalas justifica-se por alguns aspectos importantes, a saber: são altamente prevalentes, ou seja, são vivenciadas por uma grande quantidade de pessoas. De acordo com a literatura internacional, a prevalência de experiências relacionadas a psi (um dos tipos de experiências anômalas) é de mais da metade da população nos países onde estudos foram realizados (TARG; SCHLITZ; IRWIN, 2013).

Já, no Brasil, em um estudo para levantamento de experiências psi e correlatas (também anômalas), realizado por Zangari e Machado (1996) com

estudantes universitários na cidade de São Paulo, foi encontrado 89,5% de experienciadores brasileiros para experiências anômalas, e mais de 90% de experienciadores para experiências do tipo psi. Posteriormente, em um estudo realizado por Machado (2009) com o objetivo de verificar a prevalência de experiências psi e sua associação com crenças, atitudes e níveis de bem-estar subjetivo em uma amostra da população de estudantes e trabalhadores da cidade de São Paulo e Grande São Paulo, dentre os 306 respondentes, 82,7% alegaram ter vivido ao menos uma experiência anômala extra-sensório-motora. Torres (2016), ao replicar uma versão do Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP) – desenvolvido por Machado (2009) – em uma amostra de 126 participantes, encontrou 84,9% de experienciadores para alguma das experiências anômalas apresentadas no questionário. Já, em estudo recente realizado por Reichow (2017), no qual foi utilizado o Q-PREA – desenvolvido pelo autor – em uma amostra composta por 158 participantes de diferentes grupos da população da região Sul do Brasil, 100% deles responderam já ter vivenciado algum tipo de experiência anômala (MACHADO, 2009; REICHOW, 2017; TORRES, 2016; ZANGARI; MACHADO, 1996).

Mais recentemente, tem crescido o número de estudos acerca da relevância e das implicações das experiências anômalas e religiosas para a saúde física e mental dos sujeitos, o que coloca cada vez mais em relevo a necessidade de aprofundamento no conhecimento dessa temática e das discussões de suas implicações nas práticas profissionais psicológicas, por exemplo, quando pensamos em um diagnóstico diferencial entre pessoas que vivenciaram uma experiência anômala e pessoas que têm algum tipo de transtorno mental, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 2: EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Como vimos no primeiro capítulo, o número de estudos demonstrando a alta prevalência de EAs na população em geral tem aumentado significativamente nas últimas décadas, de modo que, cada vez mais, surgem questões relacionadas ao diagnóstico diferencial entre experiências anômalas, religiosas/espirituais e transtornos mentais com conteúdo religioso, principalmente quando a vivência da experiência causa sofrimento para o sujeito.

Experiências anômalas têm grande impacto na vida dos sujeitos que as vivenciam, mesmo que tenha havido apenas uma vivência única e transitória (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013; MACHADO, 2010; MARTINS; ZANGARI, 2012; MENEZES JÚNIOR; MOREIRA-ALMEIDA, 2009; MOREIRA-ALMEIDA; CARDEÑA, 2011). Por exemplo, é comum que sujeitos, ao vivenciarem uma experiência de quase morte, mudem seu sistema de valores pessoais. Isto significa que a vivência de alguns tipos de experiências anômalas pode levar a uma positiva reestruturação da vida do sujeito (CARUNCHIO, 2018).

Mas, por outro lado, a vivência de algumas experiências anômalas pode trazer algum tipo de sofrimento psíquico e/ou social para as pessoas que as experienciam (MACHADO; ZANGARI, 2016). Nesses casos, o enfrentamento dessas experiências pode se tornar bastante complexo e o retorno ao equilíbrio dependerá, em grande parte, do significado que a pessoa atribui à experiência. Dito de outro modo, ao vivenciar uma experiência anômala, o indivíduo terá que encontrar o seu significado, ou seja, terá que dar sentido a ela dentro de seu quadro de referências para que a experiência não provoque sofrimento ou para que o sofrimento seja minimizado (MENEZES JÚNIOR; MOREIRA-ALMEIDA, 2009; MACHADO; ZANGARI, 2021; ZANGARI; MACHADO, 2018b).

Historicamente, experiências anômalas, religiosas e espirituais foram associadas, predominantemente a psicopatologias, tais como esquizofrenias e outros tipos de psicose. O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (1989), em sua terceira edição (DSM-3), por exemplo, nas referências que faz à religião, a associa com algum tipo de patologia (aspecto que foi se modificando em edições mais recentes, como o DSM-5 (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014)). De fato, as características dos relatos de

experiências anômalas são comumente semelhantes a narrativas decorrentes de delírios, alucinações e distúrbios perceptivos. Mas, considerando-se a alta prevalência de experiências anômalas apontada em estudos feitos com participantes pertencentes a grupos não clínicos, parece ser inviável, até mesmo absurdo, pensar que a população em geral e em diferentes contextos culturais estaria comprometida do ponto de vista da saúde mental. Teóricos importantes da Psicologia abordaram essas experiências de outro modo: Jung considera a experiência mística psicologicamente saudável e Maslow considera que as “experiências culminantes” podem estar ligadas a experiências anômalas e seriam expressão máxima de saúde e bem-estar psicológico (MENEZES JÚNIOR; ALMEIDA, 2009).

Nas últimas décadas, houve aumento no número de estudos que têm como objetivo buscar critérios para o diagnóstico diferencial entre experiências anômalas, experiências religiosas e espirituais, e transtornos mentais. Lukoff, Lu e Turner (1995) fazem uma diferenciação entre problemas religiosos e problemas espirituais. Para esses autores: os problemas religiosos estariam relacionados a conflitos com fé e doutrina religiosas, tais como perda ou questionamento da fé e situações de conversão religiosas; e os problemas espirituais diriam respeito a conflitos que envolvem questões transcendentais ou relacionadas a práticas espirituais. Tanto um quanto outro tipo pode ser conectado a experiências anômalas – e vice-versa – a partir da atribuição de causalidade ou de sentido. De um modo geral, tais experiências não levam a dificuldades psicológicas relevantes, ou seja, não configuram transtornos psicológicos ou psiquiátricos propriamente, mas podem gerar algum tipo de perturbação/desconforto psicológico ou crises existenciais e levar o sujeito que as vivencia a buscar ajuda médica e psicológica para compreender o que ocorre com ele e/ou lidar com seu sofrimento psíquico.

Dito isso, torna-se necessário diferenciar estes dois conceitos – religiosidade e espiritualidade – que, embora pareçam próximos, dizem respeito a fenômenos diferentes. Segundo Koenig (2001), podemos entender a religiosidade como um conjunto de crenças e práticas dentro de uma doutrina, uma religião, a qual caracteriza-se por ser uma instituição, um sistema organizado de símbolos, dogmas e práticas, cujo objetivo é facilitar a proximidade com o sagrado ou o transcendente. Já, a espiritualidade caracteriza-se por ser um sentimento íntimo e existencial de busca de sentido de vida, podendo estar relacionada à religiosidade ou não. Ou seja, é possível uma pessoa ter espiritualidade e não ser adepta a alguma religião, tendo

como sentido de vida algo maior do que apenas as práticas religiosas. Assim, percebe-se que a religiosidade é uma experiência que está atrelada às religiões, e que pode ser uma das formas de manifestação da espiritualidade, mas não a única, tendo em vista que há pessoas ateias que possuem alto grau de espiritualidade, com uma forte relação de sentido de vida (ZANGARI; MACHADO, 2018a).

Religiosidade e espiritualidade estão associadas a melhores níveis de qualidade de vida, satisfação, felicidade e menores índices de depressão, suicídio, álcool e drogas (PARGAMENT; KOENIG; PEREZ, 2000). Porém, Koenig (2001) observa que a religiosidade também poderá despertar aspectos negativos, como a diminuição da liberdade, do cuidado pessoal, na alienação do indivíduo, fanatismo religioso, e passividade a ponto de delegar a Deus a resolução de problemas, ou crer em punições advindas do transcendente.

A partir disso, ressalta-se a importância do *coping* religioso/espiritual (CRE), termo criado por Pargament (2007), com o intuito de observar a utilização da religiosidade e da espiritualidade no modo de enfrentamento ao estresse em situações difíceis. Apesar do termo *coping* não ter uma tradução literal para o português, pode ser entendido como “lidar”, “enfrentar” e “adaptar-se”, ou seja, teria a função de reduzir ou suportar uma situação aversa. Essas formas de enfrentamento partem dos aspectos relacionados à religiosidade e à espiritualidade, e se interligam com os campos cognitivo, comportamental e interpessoal (PARGAMENT; KOENIG; PEREZ, 2000; PANZINI; BANDEIRA, 2007).

Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) em seu artigo *Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso*, sugerem nove critérios que devem ser levados em consideração ao avaliarmos um sujeito que vivencia algum tipo de experiência incomum: a) ausência de sofrimento psicológico; b) ausência de prejuízos sociais e ocupacionais; c) duração curta da experiência; d) atitude crítica sobre a experiência; e) compatibilidade com o grupo cultural ou religioso do paciente; f) ausência de comorbidades; g) controle sobre a experiência; h) crescimento pessoal ao longo do tempo; e i) uma atitude de ajuda aos outros.

Zangari e Machado (2018b), ao fazer uma análise dos nove critérios diagnósticos apresentados por Menezes Júnior e Almeida (2009), apontam que eles podem ser reduzidos a dois fundamentais: a) o quadro de referência a partir do qual o sujeito que vivencia uma experiência anômala/religiosa dá sentido a ela; e b) a

predisposição psicológica do sujeito que passa por uma experiência anômala. Dito de outro modo, se o sujeito que vivencia uma experiência anômala/religiosa não conseguir atribuir a ela um sentido, essa experiência tende a ser perturbadora e caótica. Desse modo, as experiências anômalas/religiosas podem, a princípio, ser fonte de conflito cognitivo e afetivo quando esse sentido ainda não foi encontrado. Em indivíduos mentalmente sãos, com algum esforço pessoal e apoio social, o significado dessas experiências acaba sendo construído, o que permitirá a sua integração simbólica. Por outro lado, em indivíduos mentalmente doentes, as experiências anômalas/religiosas podem se constituir como parte do conteúdo delirante ou como desencadeadoras de estados patológicos de base.

Na pesquisa realizada por Machado (2009) as pessoas que alegaram ter vivido ao menos uma experiência anômala extra-sensório-motora atribuíram causas para essas experiências coerentes com suas crenças, adesão ou postura religiosa, o que permite fazer associações importantes entre as experiências anômalas e as crenças de seus experienciadores e experienciadoras. Quando o indivíduo não consegue dar um sentido ao que está vivenciando, assim como quando não encontra acolhimento a essa vivência no grupo cultural ou religioso ao qual pertence, o sofrimento psíquico/social tende a se intensificar.

Desse modo, ao pensarmos sobre o diagnóstico diferencial entre experiências anômalas e religiosas e estados psicopatológicos devemos levar em consideração diversos fatores, tais como o envolvimento com grupos religiosos, a atribuição de significado a essas experiências, abordagens teóricas diferenciadas, aspectos clínicos, assim como questões sociais e culturais que fazem parte da relação entre saúde mental e psicopatologia (REICHOW, 2017).

CAPÍTULO 3: PSICANÁLISE: a religião como uma saída para o desamparo humano

Sigmund Freud marcou a história da humanidade ao propor uma forma de pensar a mente não mais de modo unitário, mas dividida e em conflito consigo mesma. O eu já não é mais o senhor de sua casa e é surpreendido por forças ocultas que se manifestam a partir de atos falhos, chistes, sonhos, lapsos e sintomas. A constituição psíquica do sujeito é pensada então a partir de tendências eróticas e agressivas que se manifestam desde a mais tenra idade. Neste capítulo, iremos abordar a religiosidade enquanto elemento importante para a constituição psíquica do sujeito, trazendo-a como uma das respostas possíveis para amenizar o sentimento de desamparo constitutivo do ser humano que, segundo a teoria psicanalítica, é fonte primordial de sofrimento psíquico.

De acordo com a teoria freudiana, o estado de desamparo é um dado de natureza objetiva que se remete à impotência na qual a criança se encontra ao nascer. O termo usado pelo autor, em alemão, para definir esse sentimento de desamparo é *Hilflosigkeit*, que é um vocábulo que expressa uma condição do ser humano que está desamparado, que se deixado sozinho não consegue sobreviver, necessitando de alguém que o ajude.

Ao abordar, pela primeira vez, o termo *Hilflosigkeit* no texto “*Projeto para uma Psicologia Científica*” (1895), Freud (1996a) o empregou para se referir a estímulos internos ou externos que afetam os organismos humanos, e à uma ação específica – que pode ser motora ou psíquica – como resposta adequada para cessar esses estímulos acima e que dá origem à situação de desamparo. É importante deixar claro que Freud se referia a esse estado assim que a criança nasce, ou seja, o desamparo está associado, em um primeiro momento, a uma prematuração biológica do bebê.

Dito isso, podemos perceber que o conceito de desamparo está ligado, primeiramente, à ideia de maturação biológica do ser humano para, posteriormente, ser vivenciado na esfera psíquica. Desse modo, a relação do bebê com os seus cuidadores é de suma importância, pois têm a função, antes de mais nada, de sobrevivência, pois ele se encontra em um estado de imaturidade motora e psíquica. Após esse primeiro momento, há a criação de outros tipos de relação com o outro (FREUD, 1996b).

Para Freud (1996c), o estado de impotência do bebê recém-nascido gera, do ponto de vista econômico, um aumento de tensão (desprazer/sufrimento) relacionado às necessidades fisiológicas. O bebê sente esse acúmulo de tensão sob a forma de aflição e, ainda não sabendo nomear o que sente, grita. O cuidador, por sua vez, nomeia (simboliza) esse grito enquanto “fome” e alimenta o bebê. Todo esse processo dá origem à primeira experiência de satisfação, a qual o ser humano tentará repetir, sem sucesso, pelo resto de sua vida. Tal situação, portanto, marca o desamparo original dos seres humanos, que é fonte de sofrimento psíquico. Assim, posteriormente, essa vivência original e primária de desamparo será revivida e repetida psiquicamente ao longo das vivências de cada sujeito e marcará a relação que cada um vai estabelecer com suas necessidades, demandas, desejos e experiências que vivencia ao longo da vida.

Desse modo, o desamparo não se refere apenas ao fato de o bebê recém-nascido ser fisicamente frágil e incapaz de sobreviver sozinho, ou seja, não se constitui apenas a partir de sua condição biológica. Há uma passagem, na teoria freudiana de um desamparo biológico para um desamparo psíquico no qual a referência ao outro é importante e decisiva na constituição do sujeito e vai marcar suas relações ao longo da vida.

Para a teoria psicanalítica, portanto, o desamparo é a condição última e estruturante dos sujeitos. E há três saídas humanas significativas para esse estado de desamparo, a saber: a ciência, a arte e a religião, as quais podem conviver mutuamente. Veremos a seguir, em que momento de sua teoria, Freud (1996g) apresenta a religião como uma saída possível para o estado de desamparo humano, ou seja, a crença religiosa como forma de dar sentido à vivência de sofrimento psíquico.

No início de sua obra, ao escrever o texto “*Atos obsessivos e práticas religiosas*”, Freud (1996d) fez uma comparação entre a práticas religiosas e a neurose obsessiva, afirmando que ambos geram angústia, culpa e produzem comportamentos compulsivos. Desse modo, ele desenvolveu a ideia de que a religião é uma espécie de neurose obsessiva, abordando-a a partir de um aspecto negativo, sendo produtora de psicopatologias. Porém, ao amadurecer sua teoria sobre a crença religiosa, Freud (1996e, 1996f, 1996g, 1996h) vai modificando suas concepções a partir da escrita de vários textos em que aborda esse aspecto, a saber: “*Totem e Tabu*” (1913), “*O futuro*

de uma ilusão” (1927), *“O mal-estar na civilização”* (1930) e *“Moisés e o monoteísmo”* (1938).

No texto *“O futuro de uma ilusão”* (1927), Freud (1996f) aponta a religião como uma forma de o sujeito se sentir menos desamparado, pois ela proporciona um alívio frente às angústias da vida. Dito de outro modo, as religiões são como uma ilusão de grande valor para os seres humanos, pois apenas elas são capazes de dar repostas a tudo.

Em *“O mal-estar na civilização”* (1930), essa relação entre religião e desamparo também é abordada por Freud (1996g, p. 81) ao afirmar que o sujeito precisa criar uma ilusão de união com o cosmos com o objetivo de evitar o sentimento de desamparo e, conseqüentemente, evitar sofrimento. Para ele, “a origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil. Pode haver algo mais por trás disso, mas presentemente, ainda está envolto em obscuridade”.

Frente ao desamparo, o sujeito entra em um estado de angústia (sofrimento), já que o aparelho psíquico não tolera o desprazer (aumento de tensão) e necessita desviá-lo de qualquer modo. Assim, para Freud (1996g), a religião, enquanto criação da cultura, serve ao sujeito como uma opção para lidar com esse desamparo fundamental que o constitui. Dito de outro modo, a religiosidade é uma experiência psíquica em que o sujeito se joga em direção ao outro (o divino, Deus, o Universo, etc.) para tentar tamponar a falta fruto de sua condição de desamparo que gera sofrimento psíquico. Assim, crenças religiosas ajudam o sujeito a organizar o mundo ao redor a partir de sistemas simbólicos que dão sentido ao real.

Para nos ajudar a pensar sobre as dimensões simbólica e real, recorreremos a Jacques Lacan, importante teórico da psicanálise, que realizou um retorno à teoria freudiana a partir de conceitos linguísticos, sob a hipótese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Dito de outro modo, é a partir da palavra, do fluxo de cadeias associativas, da simbolização, que temos acesso ao inconsciente.

Para Lacan (1999), esse estado de desamparo descrito por Freud remete à angústia vivenciada frente à perda do objeto de satisfação (representado pelo falo) e que dá origem ao processo de inserção da criança na linguagem. Ou seja, é a partir da vivência do complexo de Édipo que a criança é levada a colocar-se como sujeito da linguagem e passa a simbolizar esse objeto perdido de vários modos, ao longo da vida, para conseguir lidar com a falta que a angústia.

Em seu seminário 5, sobre *As formações do Inconsciente*, ao abordar a questão sobre o complexo de Édipo, Lacan (1999) nos diz que o pai é uma metáfora, um significante – o Nome-do-Pai – que vem metaforizar o lugar de ausência da mãe para a criança. A partir da metáfora paterna, o Outro, antes onipotente e absoluto – representado pela mãe no primeiro momento do complexo – ao qual a criança estava submetida, é agora barrado pelo Nome-do-Pai, instalando a lei para o sujeito e representando a sua entrada na ordem simbólica, permitindo a inauguração da cadeia significante no inconsciente. Desse modo, Lacan nos apresenta a simbolização como forma de dar sentido ao real, que é descrito como sendo um vazio indizível, o qual provoca angústia ao sujeito.

Nesse ponto, podemos então fazer um paralelo entre o processo de simbolização de experiências vivenciadas no real, e a atribuição de um sentido a experiências anômalas que ajuda a amenizar a angústia/sofrimento que elas suscitaram ao serem vivenciadas pelo sujeito. Dito de outro modo, podemos pensar que a simbolização da vivência de experiências anômalas que se dá, muitas vezes, a partir da utilização de crenças religiosas, ajuda a amenizar o sofrimento causado pela sua vivência.

PARTE 2

APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA PESQUISA

CAPÍTULO 3: DETALHAMENTO DO ESTUDO

No presente capítulo, apresentaremos os objetivos geral e específicos da pesquisa, o problema, as hipóteses, e o método que utilizamos para a realização de nosso estudo.

3.1 Objetivo geral

Verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas.

3.2 Objetivos específicos

- a) Relacionar experiências anômalas e dados sociodemográficos;
- b) Verificar quanto as experiências anômalas produzem sofrimento psíquico às pessoas que as vivenciam;
- c) Investigar a associação entre a vivência de experiências anômalas e a crença religiosa.

3.3 Hipóteses

- a) Há alta prevalência de experiências anômalas na amostra investigada;
- b) Há sofrimento psíquico a partir da vivência de experiências anômalas;
- c) A crença religiosa contribui para a diminuição de sofrimento psíquico do sujeito que vivencia experiências anômalas, pois ajuda a dar sentido a essas experiências.

3.4 Método

- a) Participantes

A pesquisa contou com 231 respondentes adultos residentes na Região Metropolitana da Grande São Luís, também conhecida como Grande São Luís, que é composta pelos municípios de São José de Ribamar, Raposa, Paço do Lumiar,

Alcântara, Bacabeira, Rosário, Santa Rita, Icatu e São Luís, situados no estado brasileiro do Maranhão. Juntos, perfazem uma população de 1.656.503 habitantes (BRASIL, 2021).

A amostra deste estudo caracteriza-se como de conveniência, já que foi constituída de voluntários contatados por meio dos contatos pessoais da pesquisadora e das redes sociais. A exigência para participação foi que a idade mínima fosse de 18 anos.

b) Instrumentos

Os seguintes instrumentos foram utilizados:

Instrumento 1: Versão do *Questionário de Prevalência e Relevância de Experiências Anômalas* (Q-PREA) elaborado por Reichow (2017) (APÊNDICE A), com algumas adaptações no que se refere a questões sobre a vivência de experiências anômalas e sofrimento psíquico. O Q-PREA foi o instrumento que permitiu a análise quantitativa dos dados da pesquisa.

Instrumento 2: Roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), com o objetivo de aprofundar questões do Q-PREA, especialmente no que diz respeito à relação entre a vivência de experiências anômalas, crença religiosa e sofrimento psíquico. A entrevista semiestruturada foi o instrumento que permitiu a análise qualitativa dos dados da pesquisa.

O Q-PREA foi desenvolvido e validado semanticamente durante a pesquisa de doutorado de Reichow (2017), conjuntamente com a pesquisadora Dra. Fátima Regina Machado e pesquisadores do Inter Psi – Laboratório de Estudos Psicossociais, Crença, Subjetividade, Cultura & Saúde, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O Q-PREA foi construído sobre a estrutura do questionário Q-PRP (*Questionário de Prevalência e Relevância de Psi*), desenvolvido durante a pesquisa de doutorado da pesquisadora Fátima Regina Machado.

O Q-PRP nasceu da adaptação de algumas questões que compõem o questionário elaborado por Palmer (1979), e da elaboração de novas questões com o objetivo de direcionar o instrumento para os objetivos específicos da pesquisa desenvolvida na tese de doutorado de Machado.

No Q-PREA foram acrescentadas questões relativas às outras experiências anômalas, conforme a categorização que consta na obra *Variedades da experiência anômala* (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

Na presente pesquisa, temos também como objetivo verificar quanto as experiências anômalas produzem sofrimento psíquico às pessoas que as vivenciam. Desse modo, propomos acrescentar às questões 19 a 38 do Q-PREA a seguinte pergunta, em Escala Tipo-Likert: “A vivência dessa experiência provocou algum desconforto/espanto/sofrimento para você? Marque o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)”.

A partir das respostas obtidas nessa questão acima, posteriormente, selecionamos alguns participantes que foram chamados para as entrevistas a partir do seguinte critério: pessoas que responderam de 1 a 5.

Assim como no estudo realizado por Reichow (2017), na presente pesquisa utilizamos a versão online do Q-PREA, a partir de um formulário do *Google Forms*.

Em relação à entrevista semiestruturada, seu roteiro foi elaborado para atender os objetivos da pesquisa, apresentando quatro questões relacionadas à temática abordada em nosso estudo.

c) Procedimentos

Os respondentes foram convidados a participar da pesquisa a partir de contatos pessoais da pesquisadora via aplicativo *whatsapp*, divulgação de conhecidos e por redes sociais.

O processo da coleta dos dados foi virtual: os respondentes recebiam o *link* de acesso ao formulário no *Google forms* (<https://forms.gle/nuYEp4B43e28KciA8>), o qual os direcionava ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C). Após aceitar participar da pesquisa, o respondente era direcionado ao Q-PREA.

Após a finalização da aplicação do Q-PREA, verificamos quais respondentes se disponibilizaram para participar da entrevista semiestruturada. Essa verificação aconteceu a partir das respostas obtidas na questão 43: “Caso você tenha vivenciado alguma(s) experiência(s) relatada(s) acima e teve algum nível de sofrimento em relação a essa(s) vivência(s), você gostaria de participar de uma entrevista comigo para falar melhor sobre o que você vivenciou?”.

Após entrarmos em contato, dezesseis respondentes aceitaram participar da entrevista, que foi realizada de forma online pelo *Google Meet*, pois estávamos em meio à pandemia de *Corona Virus Disease 2019* (COVID-19). As entrevistas

foram realizadas em horário marcado previamente, com a anuência do participante, sem impedimentos em suas atividades diárias.

Em relação à análise dos dados quantitativos obtidos, a sua compilação e o cruzamento das informações foram realizados através do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) 2.0. Foi realizada uma análise estatística descritiva e o teste qui-quadrado, que analisou possíveis associações e intervalos de confiança (IC) de 95% ([IC95%]). As comparações foram consideradas significativas quando a significância estatística obtida foi inferior a 5%.

Já, os dados das entrevistas semiestruturadas foram discutidos a partir da análise de conteúdo de Bardin.

3.5 Considerações éticas

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27. Telefone: (11)3091 4182, e-mail: ceph.ip@usp.br, e recebeu aprovação para sua realização em 10 de agosto de 2020. O número CAAE é 35098820.8.0000.5561 e o número do parecer é 4.204.038.

Durante o processo de coleta e análise dos dados, os participantes tiveram o total direito de retirar o seu consentimento e interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento. Foi garantido o esclarecimento sobre a metodologia antes e durante o curso da pesquisa, assim como o sigilo dos participantes, preceito assegurado pela Resolução nº 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) – Conselho Nacional de Saúde.

PARTE 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – QUANTITATIVOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados sociodemográficos, os resultados referentes à vivência das experiências anômalas, e aqueles referentes ao sofrimento psíquico relacionado à vivência das experiências anômalas. Além disso, apresentaremos os resultados das associações entre crença religiosa e a vivência de experiências anômalas.

4.1 Perfil da amostra

A seguir, apresentaremos os dados sociodemográficos que caracterizam a população investigada.

4.1.1 Dados sociodemográficos

4.1.1.1 Gênero

A amostra da presente pesquisa foi composta por 231 respondentes da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão.

Em relação ao gênero, do total de respondentes (n=231), 62 (26,8%) são homens e 163 (70,6%) são mulheres (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Gênero

	Frequency	Percent	Valid Percent	CumulativePercent
Valid Homens	62	26,8	26,8	26,8
Mulheres	163	70,6	70,6	97,4
Outros	6	2,6	2,6	100,0
Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.1.1.2 Idade

Em relação à idade, os respondentes variam entre 18 e 70 anos, numa média geral de 30,74 anos de idade. Os respondentes foram, arbitrariamente,

divididos em faixas etárias: 18 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 45 anos, 46 a 55 anos e 56 anos ou mais.

Da amostra geral (n=231), 103 (44,6%) dos respondentes têm de 18 a 25 anos de idade; 65 (28,1%) têm de 26 a 35 anos de idade; 33 (14,3%) têm de 36 a 45 anos de idade; 17 (7,4%) têm de 46 a 55 anos de idade; e 13 (5,6%) têm 56 anos ou mais (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	18 - 25	103	44,6	44,6	44,6
	26 - 35	65	28,1	28,1	72,7
	36 - 45	33	14,3	14,3	87,0
	46 - 55	17	7,4	7,4	94,4
	56 ou mais	13	5,6	5,6	100,0
	Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.1.1.3 Estado civil

Quanto ao estado civil, dos 231 respondentes, 137 disseram nunca terem se casado (59,3%), 55 são casados (23,8%), 15 são separados ou divorciados (6,5%), 2 são viúvos (as) (0,9%), 8 vivem maritalmente (3,5%) e 14 estão em uma união estável (6,1%) (Tabela 3).

Tabela 3 – Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca casei	137	59,3	59,3	59,3
	Casado(a)	55	23,8	23,8	83,1
	Separado(a)	15	6,5	6,5	89,6
	Viuvo(a)	2	,9	,9	90,5
	Vivo maritalmente	8	3,5	3,5	93,9
	União estável	14	6,1	6,1	100,0
	Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.1.1.4 Escolaridade

Em relação ao nível de escolaridade, dos 231 respondentes, 2 (0,9%) afirmaram ter o Ensino fundamental completo; 21 (9,1%) afirmaram ter o Ensino médio completo; 67 (29%) se consideram graduandos; 28 (12,1%) têm o Ensino superior incompleto; 37 (16%) afirmaram ter o Ensino superior completo; e 76 (32,9%) têm Pós-graduação (Tabela 4).

Tabela 4 – Frequências e percentuais de dados sociodemográficos: escolaridade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Ensino fundamental completo	2	0,9	0,9	0,9
Ensino médio completo	21	9,1	9,1	10,0
Graduando	67	29,0	29,0	39,0
Ensino superior incompleto	28	12,1	12,1	51,1
Ensino superior completo	37	16,0	16,0	67,1
Pós-Graduação	76	32,9	32,9	100,0
Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.1.1.5 Trabalho e renda mensal

Quando perguntados se trabalham, dos 231 respondentes, 141 (61%) responderam que sim, enquanto 90 (39%) disseram que não trabalham (Tabela 5).

Sobre a renda mensal dos respondentes ou renda mensal familiar, no caso de o respondente ser sustentado pela família, foi organizada para a coleta a partir de faixas de renda: até R\$ 895,00; entre R\$ 895,00 e R\$ 1.277,00; entre R\$ 1.277,00 e R\$ 1.865,00; entre R\$ 1.865,00 e R\$ 3.118,00; entre R\$ 3.118,00 e R\$ 6.006,01; entre R\$ 6.006,01 e R\$ 11.037,00; e acima de R\$ 11.037,00.

Dos 231 respondentes, 14 (6,1%) possuem renda de até R\$ 895,00; 31 (13,4%) respondentes entre R\$ 895,00 e R\$ 1.277,00; 27 (11,7%) respondentes entre R\$ 1.277,00 e R\$ 1.865,00; 43 (18,6%) respondentes entre R\$ 1.865,00 e R\$ 3.118,00; 49 (21,2%) respondentes entre R\$ 3.118,00 e R\$ 6.006,01; 36 (15,6%) entre R\$ 6.006,01 e R\$ 11.037,00; e 31 (13,4%) acima de R\$ 11.037,00 (Tabela 6).

Tabela 5 – Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	141	61,0	61,0	61,0
	Não	90	39,0	39,0	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

Tabela 6 – Frequências e percentuais de dados sociodemográficos: renda

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até R\$ 895,00	14	6,1	6,1	6,1
	Entre R\$ 895,01 e R\$ 1.277,00	31	13,4	13,4	19,5
	Entre R\$ 1.277,01 e R\$ 1.865,00	27	11,7	11,7	31,2
	Entre R\$ 1.865,01 e R\$ 3.118,00	43	18,6	18,6	49,8
	Entre R\$ 3.118,01 e R\$ 6.006,00	49	21,2	21,2	71,0
	Entre R\$ R\$ 6.006,01 e R\$ 11.037,00	36	15,6	15,6	86,6
	Acima de R\$ 11.037,00	31	13,4	13,4	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.1.1.6 Crença religiosa

Quanto à crença religiosa, dos 231 respondentes, 21 (9,1%) afirmaram ser agnósticos; 73 (31,6%) são católicos; 25 (10,8%) são espíritas kardecistas; 56 (24,2%) são evangélicos; 40 (17,3%) afirmaram não serem adeptos de nenhuma religião específicas, mas acreditam em Deus; 4 (1,7%) são de religião de matriz afro ou afro-brasileira; e 4 (1,7%) se consideram ateus (Tabela 7).

Tabela 7 – Frequências e percentuais de dados sociodemográficos: crença religiosa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Agnóstico	21	9,1	9,1	9,1
Católica Apostólica Romana	73	31,6	31,6	40,7
Espiritismo Kardecista	25	10,8	10,8	51,5
Evangélica	56	24,2	24,2	75,8
Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	40	17,3	17,3	93,1
Religião de matriz afro ou afro-brasileira	4	1,7	1,7	94,8
Sou ateu_ateia	4	1,7	1,7	96,5
Outros	8	3,5	3,5	100,0
Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.1.1.7 Religiosidade

Em relação à religiosidade, dos 231 respondentes, 29 (12,6%) se consideram muito religioso(a); 92 (39,8%) afirmaram ser moderadamente religioso(a); 80 (34,6%) responderam ser um pouco religioso(a) e 30 (13%) nem um pouco religioso(a) (Tabela 8).

Tabela 8 – Frequências e Percentuais de dados sociodemográficos: Religiosidade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Muito religioso(a)	29	12,6	12,6	12,6
Moderadamente religioso (a)	92	39,8	39,8	52,4
Um pouco religioso(a)	80	34,6	34,6	87,0
Nem um pouco religioso (a)	30	13,0	13,0	100,0
Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2 Vivência de experiências anômalas

A seguir, serão apresentados os resultados referentes à vivência de experiências anômalas pela amostra pesquisada, os quais relacionam-se ao objetivo geral de nossa pesquisa, a saber: verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas.

Foram consideradas, na presente pesquisa, as experiências anômalas que estão presentes no sumário do livro “Variedades da Experiência Anômala: análise de evidências científicas”: experiências alucinatórias, sinestesia, sonhos lúcidos, experiências fora do corpo, experiências relacionadas a Psi – consideramos experiências relacionadas à Psi vigília e experiências de psicocinesia (PK) com objetos –, experiências de abdução por alienígenas, experiências de vidas passadas, experiências de quase morte, experiências de curas anômalas e experiências místicas.

4.2.1 Experiências alucinatórias

Quando questionados: “Alguma vez, enquanto estava acordado(a), você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou ‘natural’? (Por favor, não inclua aqui experiências com figuras religiosas.)”; podemos observar que, dos 231 participantes, 125 (54,1%) responderam que já vivenciaram esse tipo de experiência; enquanto 106 (45,9%) responderam que não (Tabela 9).

Tabela 9 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências alucinatórias

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	125	54,1	54,1	54,1
	Não	106	45,9	45,9	100,0
	Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.2 Sinestesia

Em relação à pergunta “Você já teve alguma experiência em que sentiu como se seus sentidos se misturassem? Por exemplo, ouviu algum tipo de som e, ao mesmo tempo, teve algum tipo de visão ou sentiu algum tipo de gosto?”; dos 231 participantes, 40 (17,3%) afirmaram já ter tido esse tipo de experiência, enquanto que 191 (82,7%) participantes responderam não ter tido esse tipo de vivência (Tabela 10).

Tabela 10 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de sinestesia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	40	17,3	17,3	17,3
	Não	191	82,7	82,7	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.3 Sonhos lúcidos

Ao serem questionados “Você já teve alguma experiência em que se percebeu dormindo e sonhando e, em algum momento, ficar consciente de estar sonhando e a partir disso poder controlar o sonho?”; da amostra de 231 respondentes, 122 (52,8%) afirmaram já ter vivenciado esse tipo de experiência, enquanto 109 (47,2%) não tiveram essa vivência (Tabela 11).

Tabela 11 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de sonhos lúcidos

		Frequency	Percent	Valid Percent	CumulativePercent
Valid	Sim	122	52,8	52,8	52,8
	Não	109	47,2	47,2	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.4 Experiências fora do corpo

Sobre a pergunta “Você já teve alguma experiência em que você sentiu como se se deslocasse ‘para fora’ ou ‘para longe’ de seu corpo, isto é, sentiu que sua consciência ou que sua mente estava em algum lugar diferente de seu corpo físico? (Se estiver em dúvida se teve ou não esse tipo de experiência, por favor, responda ‘não.’);” do total de 231 respondentes, 75 (32,5%) afirmaram que já vivenciaram esse tipo de experiência, enquanto 156 (67,5%) dos respondentes afirmaram que não tiveram essa vivência (Tabela 12).

Tabela 12 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências fora do corpo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	75	32,5	32,5	32,5
	Não	156	67,5	67,5	100,0
	Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.5 Experiências relacionadas a Psi em vigília

Quando questionados: “Você já teve, enquanto acordado(a), um forte sentimento (intuição), impressão ou ‘visão’ de que um fato inesperado tivesse acontecido, estava acontecendo ou iria acontecer e soube, mais tarde, que esse fato realmente aconteceu?”; observa-se que, dos 231 respondentes, 126 (54,5%) afirmaram já ter vivenciado esse tipo de experiência, enquanto 105 (45,5%) não tiveram essa vivência (Tabela 13).

Tabela 13 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências relacionadas à Psi em vigília

		Frequency	Percent	Valid Percent	CumulativePercent
Valid	Sim	126	54,5	54,5	54,5
	Não	105	45,5	45,5	100,0
	Total	231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.6 Experiências de PK com objetos

Em relação à pergunta: “Você já presenciou algum objeto se mover ‘sozinho’ e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra?”; dos 231 respondentes, 36 (15,6%) já vivenciaram esse tipo de experiência, enquanto 195 (84,4%) afirmaram não ter tido esse tipo de vivência (Tabela 14).

Tabela 14 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de PK com objetos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	36	15,6	15,6	15,6
	Não	195	84,4	84,4	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.7 Experiências de Abdução por Alienígenas

Em relação à pergunta “Você, alguma vez, já teve a experiência de contatar, comunicar-se, encontrar, visualizar ou interagir com seres que você considera extraterrestres ou algo semelhante?”; dos 231 participantes, 18 (7,8%) afirmaram já ter tido esse tipo de experiência, enquanto 213 (92,2%) responderam não ter vivenciado esse tipo de experiência (Tabela 15).

Tabela 15 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de abdução por alienígenas

		Frequency	Percent	Valid Percent	CumulativePercent
Valid	Sim	18	7,8	7,8	7,8
	Não	213	92,2	92,2	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.8 Experiências de vidas passadas

Ao serem questionados “Você já teve alguma experiência em que você se sentiu como se fosse uma pessoa diferente da sua identidade ou da vida atual, num tempo ou numa vida anterior?”; da amostra de 231 respondentes, 44 (19,0%) afirmaram já ter vivenciado esse tipo de experiência, enquanto 187 (81,0%) não tiveram essa vivência (Tabela 16).

Tabela 16 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de vidas passadas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	44	19,0	19,0	19,0
	Não	187	81,0	81,0	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.9 Experiências de quase morte

Sobre a pergunta “Você já teve alguma experiência em que foi declarado clinicamente morto e ressuscitou, na qual você se sentiu plenamente ou parcialmente consciente, com lembranças das experiências que teve durante o período em que estava clinicamente morto?”; do total de 231 respondentes, 3 (1,3%) afirmaram que já vivenciaram esse tipo de experiência, enquanto 228 (98,7%) dos respondentes afirmaram que não tiveram essa vivência (Tabela 17).

Tabela 17 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de quase morte

		Frequency	Percent	Valid Percent	CumulativePercent
Valid	Sim	3	1,3	1,3	1,3
	Não	228	98,7	98,7	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.10 Experiências de curas anômalas

Ao serem questionados “Você já teve alguma experiência em que se sentiu curado de alguma doença de uma maneira que não pode ser atribuída à Medicina?”; da amostra de 231 respondentes, 64 (27,7%) afirmaram já ter vivenciado esse tipo de experiência, enquanto 167 (72,3%) não tiveram essa vivência (Tabela 18).

Tabela 18 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências de curas anômalas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	64	27,7	27,7	27,7
	Não	167	72,3	72,3	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.2.11 Experiências místicas

Em relação à pergunta: “Você alguma vez já teve uma experiência que você definiria como uma experiência em que você se sentiu conectado com algo muito maior que você, como se estivesse em unidade com o universo, com profunda compreensão sobre o sentido da vida, com fortes sentimentos associados e sentiu essa experiência como absolutamente real?”; dos 231 respondentes, 116 (50,2%) já vivenciaram esse tipo de experiência, enquanto 115 (49,8%) afirmaram não ter tido esse tipo de vivência (Tabela 19).

Tabela 19 – Frequências e percentuais de respondentes referente à vivência de experiências místicas

		Frequency	Percent	Valid Percent	CumulativePercent
Valid	Sim	116	50,2	50,2	50,2
	Não	115	49,8	49,8	100,0
Total		231	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3 Vivência de experiências anômalas e sofrimento psíquico

Na presente seção, apresentaremos os resultados referentes à relação entre a vivência de experiências anômalas e a presença de sofrimento psíquico em seus experienciadores, os quais estão relacionados com o seguinte objetivo específico de nossa pesquisa: verificar quanto as experiências anômalas produzem sofrimento psíquico às pessoas que as vivenciam.

Os resultados foram obtidos a partir da seguinte pergunta: “A vivência dessa experiência provocou algum desconforto/espanto/sofrimento para você? Marque o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)” acrescentada ao Q-PREA em cada seção relacionada às experiências anômalas pesquisadas.

Para melhor entendimento, optamos por dividir a apresentação dos resultados a partir de cada experiência anômala investigada.

4.3.1 Experiências alucinatórias

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 125 que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência anômala, 39 afirmaram não ter tido sofrimento; 17 tiveram pouquíssimo sofrimento; 27 tiveram pouco sofrimento; 20 sofrimento moderado; 14 afirmaram ter tido muito sofrimento; e 8 afirmaram ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 20).

Assim, podemos afirmar que, das 125 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências alucinatórias, 86 (68,8%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 20).

Como vimos na seção anterior, 106 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 20).

Tabela 20 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências alucinatórias e presença de sofrimento psíquico

		Experiências Alucinatórias e sofrimento psíquico						
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Sufrimento intenso	Total
Experiências alucinatórias	Sim	39	17	27	20	14	8	125
	Não	106	0	0	0	0	0	106
Total		145	17	27	20	14	8	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.2 Sinestesia

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 40 que afirmaram ter vivenciado a sinestesia, 26 afirmaram não ter tido sofrimento; 6 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 6, sofrimento moderado; e 2 afirmaram ter tido muito sofrimento a partir da vivência dessa experiência (Tabela 21).

Assim, podemos afirmar que, das 40 pessoas que afirmaram ter vivenciado a experiência de sinestesia, 14 (35%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 21).

Como vimos na seção anterior, 191 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 21).

Tabela 21 – Frequências de respondentes referente à vivência de sinestesia e presença de sofrimento psíquico

		Sinestesia e sofrimento psíquico				
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimos sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Total
Sinestesia	Sim	26	6	6	2	40
	Não	191	0	0	0	191
Total		217	6	6	2	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.3 Sonhos lúcidos

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 122 que afirmaram ter vivenciado a experiência de sonhos lúcidos, 69 afirmaram não ter tido sofrimento; 24 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 14, pouco sofrimento; 9 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 3 afirmaram ter tido muito sofrimento; e 3 afirmaram ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 22).

Desse modo, podemos afirmar que, das 122 pessoas que afirmaram ter vivenciado sonhos lúcidos, 53 (43,4%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 22).

Como vimos na seção anterior, 109 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Assim, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 22).

Tabela 22 – Frequências de respondentes referente à vivência de sonhos lúcidos e presença de sofrimento psíquico

		Sonhos Lúcidos e sofrimento psíquico						
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo o sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Sufriment o intenso	Total
Sonhos lúcidos	Sim	69	24	14	9	3	3	122
	Não	109	0	0	0	0	0	109
Total		178	24	14	9	3	3	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.4 Experiências fora do corpo

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 75 que afirmaram ter vivenciado experiências fora do corpo, 33 afirmaram não ter tido sofrimento; 11 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 14 tiveram pouco sofrimento; 10 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 5 tiveram muito sofrimento; e 2 afirmaram ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 23).

Assim, podemos afirmar que, das 75 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiência fora do corpo, 42 (56%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 23).

Como vimos na seção anterior, 156 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 23).

Tabela 23 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências fora do corpo e presença de sofrimento psíquico

		Experiências Fora do Corpo e sofrimento psíquico						
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Sufrimento intenso	Total
Experiência fora do corpo	Sim	33	11	14	10	5	2	75
	Não	156	0	0	0	0	0	156
Total		189	11	14	10	5	2	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.5 Experiências relacionadas a Psi em vigília

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 126 que afirmaram ter vivenciado experiências relacionadas a Psi em vigília, 34 afirmaram não ter tido sofrimento; 19 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 21 tiveram pouco sofrimento; 34 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 9 tiveram muito sofrimento; e 9 afirmaram ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 24).

Desse modo, podemos afirmar que, das 126 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências relacionadas a Psi em vigília, 92 (73,0%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 24).

Como vimos na seção anterior, 105 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 24).

Tabela 24 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências relacionadas a Psi em vigília e presença de sofrimento psíquico

		Experiências relacionadas a Psi em vigília e sofrimento psíquico						Total
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Sufrimento intenso	
Experiências relacionadas a Psi em vigília	Sim	34	19	21	34	9	9	126
	Não	105	0	0	0	0	0	105
Total		139	19	21	34	9	9	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.6 Experiências de PK com objetos

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 36 que afirmaram ter vivenciado experiências de PK com objetos, 11 afirmaram não ter tido sofrimento; 7 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 3 tiveram pouco sofrimento; 11 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 2 tiveram muito sofrimento; e 2 afirmaram ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 25).

Desse modo, podemos afirmar que, das 36 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências de PK com objetos, 25 (69,4%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 25).

Como vimos na seção anterior, 195 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 25).

Tabela 25 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de PK com objetos e presença de sofrimento psíquico

		PK com Objetos e sofrimento psíquico						Total
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Sufrimento intenso	
PK com objetos	Sim	11	7	3	11	2	2	36
	Não	195	0	0	0	0	0	195
Total		206	7	3	11	2	2	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.7 Experiências de abdução por alienígenas

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 18 que afirmaram ter vivenciado experiências de abdução por alienígenas, 8 afirmaram não ter tido sofrimento; 4 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 2 tiveram pouco sofrimento; 2 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 1 teve muito sofrimento; e 1 afirmou ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 26).

Desse modo, podemos afirmar que, das 18 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências de abdução por alienígenas, 10 (55,5%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 26).

Como vimos na seção anterior, 213 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 26).

Tabela 26 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de abdução por alienígenas e presença de sofrimento psíquico

		Experiência de Abdução por Alienígenas e sofrimento psíquico						Total
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	Muito sofrimento	Sufrimento intenso	
Experiência de abdução por alienígenas	Sim	8	4	2	2	1	1	18
	Não	213	0	0	0	0	0	213
Total		221	4	2	2	1	1	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.8 Experiências de vidas passadas

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 44 que afirmaram ter vivenciado experiências de vidas passadas, 17 afirmaram não ter tido sofrimento; 7 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 13 tiveram pouco sofrimento; 4 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 1 teve muito sofrimento; e 2 afirmaram ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 27).

Assim, podemos afirmar que, das 44 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências de vidas passadas, 27 (61,3%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 27).

Como vimos na seção anterior, 187 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 27).

Tabela 27 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de vidas passadas e presença de sofrimento psíquico

		Experiências de Vidas Passadas e sofrimento psíquico						
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sofrimento moderado	Muito sofrimento	Sofrimento intenso	Total
Experiência de Vidas passadas	Sim	17	7	13	4	1	2	44
	Não	187	0	0	0	0	0	187
Total		204	7	13	4	1	2	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.9 Experiências de quase morte

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 3 que afirmaram ter vivenciado experiências de quase morte, 2 afirmaram não ter tido sofrimento; e 1 afirmou ter tido sofrimento moderado a partir da vivência dessa experiência (Tabela 28).

Assim, podemos afirmar que, das 3 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências de quase morte, 1 (33,3%) apresentou algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 28).

Como vimos na seção anterior, 228 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 28).

Tabela 28 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de quase morte e presença de sofrimento psíquico

		Experiências de Quase Morte(EQM) e sofrimento psíquico		Total
		Nenhum sofrimento	Sofrimento moderado	
Experiências de Quase Morte (EQM)	Sim	2	1	3
	Não	228	0	228
Total		230	1	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.10 Experiências de curas anômalas

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 64 que afirmaram ter vivenciado experiências de curas anômalas, 53 afirmaram não ter tido sofrimento; 5 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 2 tiveram pouco sofrimento; 2 afirmaram ter tido sofrimento moderado; 1 teve muito sofrimento; e 1 afirmou ter tido sofrimento intenso a partir da vivência dessa experiência (Tabela 29).

Assim, podemos afirmar que, das 64 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiências de curas anômalas, 11 (17,1%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 29).

Como vimos na seção anterior, 167 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 29).

Tabela 29 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências de curas anômalas e presença de sofrimento psíquico

		Experiências de Curas Anômalas e sofrimento psíquico						Total
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sofrimento moderado	Muito sofrimento	Sofrimento intenso	
Experiências de curas anômalas	Sim	53	5	2	2	1	1	64
	Não	167	0	0	0	0	0	167
Total		220	5	2	2	1	1	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.3.11 Experiência mística

Em nossa amostra de 231 respondentes, dos 116 que afirmaram ter vivenciado experiência mística, 99 afirmaram não ter tido sofrimento; 8 afirmaram ter tido pouquíssimo sofrimento; 5 tiveram pouco sofrimento; e 4 afirmaram ter tido sofrimento moderado a partir da vivência dessa experiência (Tabela 30).

Assim, podemos afirmar que, das 116 pessoas que afirmaram ter vivenciado experiência mística, 17 (14,6%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência (Tabela 30).

Como vimos na seção anterior, 115 pessoas relataram não ter tido esse tipo de experiência. Desse modo, não responderam sobre a vivência de sofrimento psíquico (Tabela 30).

Tabela 30 – Frequências de respondentes referente à vivência de experiências místicas e presença de sofrimento psíquico

		Experiência Mística e sofrimento psíquico				Total
		Nenhum sofrimento	Pouquíssimo sofrimento	Pouco sofrimento	Sufrimento moderado	
Experiência Mística	Sim	99	8	5	4	116
	Não	115	0	0	0	115
Total		214	8	5	4	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4 Associação entre crença religiosa e experiências anômalas

Na presente seção, apresentaremos os resultados referentes à associação entre a crença religiosa dos respondentes de nossa pesquisa e a vivência de experiências anômalas, os quais estão relacionados com o seguinte objetivo específico: investigar a associação entre a vivência de experiências anômalas e a crença religiosa.

Para melhor entendimento, optamos por dividir a apresentação dos resultados a partir de cada experiência anômala investigada.

4.4.1 Experiências alucinatórias

De nossa amostra (n=231), dos 125 respondentes que afirmaram ter vivenciado experiência alucinatória, 33 são católicos; 30 são evangélicos; 24 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 16 são espíritas kardecistas; 11 são agnósticos; 4 são adeptos de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente se considerou ateu ou ateia; e 7 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 31).

Tabela 31 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência alucinatória

		Experiência alucinatória		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	11	10	21
	Católica Apostólica Romana	33	40	73
	Espiritismo Kardecista	16	9	25
	Evangélica	30	26	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.	24	16	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	4	0	4
	Sou ateu, ateia	0	4	4
	Outros	7	1	8
Total		125	106	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.2 Sinestesia

Em relação à experiência de sinestesia, em nossa amostra de 231 respondentes, dos 40 que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 10 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 8 são evangélicos; 6 são católicos; 6 são espíritas kardecistas; 6 são agnósticos; nenhum respondente se considerou ateu ou ateia, assim como nenhum respondente afirmou ser adepto de religião de matriz afro ou afro-brasileira; e 4 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 32).

Tabela 32 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e sinestesia

		Sinestesia		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	6	15	21
	Católica Apostólica Romana	6	67	73
	Espiritismo Kardecista	6	19	25
	Evangélica	8	48	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.	10	30	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	0	4	4
	Sou ateu, ateia	0	4	4
	Outros	4	4	8
Total		40	191	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.3 Sonhos lúcidos

De nossa amostra (n=231), dos 122 respondentes que afirmaram ter vivenciado sonhos lúcidos, 33 são católicos; 26 são evangélicos; 25 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 15 são espíritas kardecistas; 13 são agnósticos; 2 são ateus; nenhum respondente afirmou ser adepto de religião de matriz afro ou afro-brasileira e 8 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 33).

Tabela 33 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e sonho lúcido

		Sonho Lúcido		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	13	8	21
	Católica Apostólica Romana	33	40	73
	Espiritismo Kardecista	15	10	25
	Evangélica	26	30	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.	25	15	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	0	4	4
	Sou ateu_ateia	2	2	4
	Outros	8	0	8
Total		122	109	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.4 Experiências fora do corpo

Em relação à experiência fora do corpo, em nossa amostra de 231 respondentes, dos 75 que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 18 são católicos; 17 são espíritas kardecistas; 12 são evangélicos; 12 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 4 são agnósticos; 1 é ateu/ateia; 3 são adeptos de religião de matriz afro ou afro-brasileira; e 8 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 34).

Tabela 34 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência fora do corpo

		Experiência fora do corpo		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	4	17	21
	Católica Apostólica Romana	18	55	73
	Espiritismo Kardecista	17	8	25
	Evangélica	12	44	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	12	28	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	3	1	4
	Sou ateu_ateia	1	3	4
	Outros	8	0	8
Total		75	156	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.5 Experiências relacionadas a Psi em vigília

De nossa amostra (n=231), dos 126 respondentes que afirmaram ter vivenciado experiências relacionadas a Psi em vigília, 41 são católicos; 32 são evangélicos; 24 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 12 são espíritas kardecistas; 8 são agnósticos; 3 são adeptos de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente afirmou ser ateu; e 6 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 35).

Tabela 35 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de psi em vigília

	Experiência relacionada a psi vigília		Total
	Sim	Não	
	8	13	21
	41	32	73
	12	13	25
	32	24	56
Crença	24	16	40
	3	1	4
	0	4	4
	6	2	8
Total	126	105	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.6 Experiências de PK com objetos

Em relação à experiência de PK com objetos, em nossa amostra de 231 respondentes, dos 36 que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 8 são evangélicos; 8 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 7 são católicos; 6 são espíritas kardecistas; 3 são agnósticos; 2 são adeptos de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente afirmou ser ateu; e 2 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 36).

Tabela 36 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de PK com objetos

	PK com objetos		Total
	Sim	Não	
	3	18	21
	7	66	73
	6	19	25
	8	48	56
Crença	8	32	40
	2	2	4
	0	4	4
	2	6	8
Total	36	195	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.7 Experiências de abdução por alienígenas

De nossa amostra (n=231), dos 18 respondentes que afirmaram ter vivenciado experiências de abdução por alienígenas, 5 são evangélicos; 4 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 3 são espíritas kardecistas; 2 são católicos; 2 são agnósticos; 1 é adepto de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente afirmou ser ateu; e 1 marcou a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 37).

Tabela 37 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de abdução por seres alienígenas

		Experiência_de_abdução_por_alienígenas		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	2	19	21
	Católica Apostólica Romana	2	71	73
	Espiritismo Kardecista	3	22	25
	Evangélica	5	51	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	4	36	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	1	3	4
	Sou ateu_ateia	0	4	4
	Outros	1	7	8
Total		18	213	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.8 Experiências de vidas passadas

Em relação às experiências de vidas passadas, em nossa amostra de 231 respondentes, dos 44 que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 12 são espíritas kardecistas; 9 são católicos; 8 são evangélicos; 8 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 4 são agnósticos; 1 é adepto de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente afirmou ser ateu; e 2 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 38).

Tabela 38 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de vidas passadas

		Experiência_de_Vidas_Passadas		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	4	17	21
	Católica Apostólica Romana	9	64	73
	Espiritismo Kardecista	12	13	25
	Evangélica	8	48	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	8	32	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	1	3	4
	Sou ateu_ateia	0	4	4
	Outros	2	6	8
	Total	44	187	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.9 Experiências de quase morte

De nossa amostra (n=231), dos 3 respondentes que afirmaram ter vivenciado experiência de quase morte, 2 são evangélicos; e 1 é agnóstico.

Tabela 39 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de quase morte

		Experiência_de_Quase_Morte_EQM		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	1	20	21
	Católica Apostólica Romana	0	73	73
	Espiritismo Kardecista	0	25	25
	Evangélica	2	54	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	0	40	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	0	4	4
	Sou ateu_ateia	0	4	4
	Outros	0	8	8
	Total	3	228	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.10 Experiências de curas anômalas

Em relação às experiências de curas anômalas, em nossa amostra de 231 respondentes, dos 64 que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 27 são evangélicos; 15 são católicos; 7 são espíritas kardecistas; 5 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 3 são agnósticos; 3 são adeptos de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente afirmou ser ateu; e 4 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 40).

Tabela 40 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência de cura anômala

		Experiência_de_Cura_Anômala		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	3	18	21
	Católica Apostólica Romana	15	58	73
	Espiritismo Kardecista	7	18	25
	Evangélica	27	29	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	5	35	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	3	1	4
	Sou ateu_ateia	0	4	4
	Outros	4	4	8
	Total	64	167	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

4.4.11 Experiência mística

De nossa amostra (n=231), dos 116 respondentes que afirmaram ter vivenciado experiência mística, 38 são evangélicos; 28 são católicos; 21 não são adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus; 16 são espíritas kardecistas; 4 são agnósticos; 3 são adeptos de religião de matriz afro ou afro-brasileira; nenhum respondente afirmou ser ateu; e 6 marcaram a opção Outros relacionada à crença religiosa (Tabela 41).

Tabela 41 – Frequências de respondentes referente à associação entre crença religiosa e experiência mística

		Experiência_Mística		Total
		Sim	Não	
Crença	Agnóstico	4	17	21
	Católica Apostólica Romana	28	45	73
	Espiritismo Kardecista	16	9	25
	Evangélica	38	18	56
	Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus	21	19	40
	Religião de matriz afro ou afro-brasileira	3	1	4
	Sou ateu_ateia	0	4	4
	Outros	6	2	8
Total		116	115	231

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – ENTREVISTAS

Em relação à pergunta: “Caso você tenha vivenciado alguma(s) experiência(s) relatada(s) acima e teve algum nível de sofrimento em relação a essa(s) vivência(s), você gostaria de participar de uma entrevista comigo para falar melhor sobre o que você vivenciou?”, dos 231 participantes, 56 deixaram número de telefone ou e-mail para que pudéssemos entrar em contato para realizarmos a entrevista.

Porém, ao entrarmos em contato com esses participantes, apenas 16 deram um retorno à nossa solicitação e aceitaram ser entrevistados.

Realizamos uma entrevista semiestruturada com quatro perguntas que se referiam ao tipo de experiência anômala que o sujeito vivenciou, em que momento o sujeito teve essa vivência, como foi vivenciar esse tipo de experiência e como o sujeito lidou com o sofrimento vivenciado.

A seguir, apresentaremos alguns trechos das entrevistas a partir das categorias estabelecidas após a análise de conteúdo das transcrições na íntegra (APÊNDICE D), a saber: **experiência anômala e sofrimento psíquico**, e **uso da crença religiosa para dar sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas**. Optamos por colocar as siglas P1 a P16 para cada participante entrevistado, assim como alguns textos da entrevista foram editados, quando necessário, para preservar a identidade dos sujeitos (Quadro 1).

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes das entrevistas

(continua)

Participante	Dados sociodemográficos
P1	gênero: feminino; idade: 27 anos; religião: umbandista
P2	gênero: feminino; idade: 36 anos; religião: evangélica
P3	gênero: feminino; idade: 21 anos; religião: evangélica
P4	gênero: masculino; idade: 28 anos; agnóstico
P5	gênero: masculino; idade: 33 anos; agnóstico
P6	gênero: feminino; idade: 39 anos; espiritualista
P7	gênero: feminino; idade: 34 anos; religião: católica

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes das entrevistas

(conclusão)

Participante	Dados sociodemográficos
P8	gênero: feminino; idade: 22 anos; religião: católica
P9	gênero: masculino; idade: 36 anos; cristão
P10	gênero: feminino; idade: 35 anos; religião: espírita kardecista
P11	gênero: feminino; idade: 37 anos; espiritualista
P12	gênero: masculino; idade: 27 anos; religião: tambor de mina
P13	gênero: masculino; idade: 38 anos; religião: espírita kardecista
P14	gênero: feminino; idade: 28 anos; religião: espírita kardecista
P15	gênero: feminino; idade: 25 anos; agnóstica
P16	gênero: masculino; idade: 35 anos; agnóstico

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

5.1 Experiência anômala e sofrimento psíquico

Quadro 2 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências alucinatórias

(continua)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências Alucinatórias
P2	Eu acordei. Só que eu fui abrindo os olhos muito lentamente e aí, eu vi uma sombra em pé na minha rede. Era uma pessoa, assim, relativamente alta. Só que eu só via a sombra. Por que eu acho que era uma pessoa? Porque tinha a forma certinha de uma sombra de uma pessoa e engraçado, não tinha olho porque era uma sombra. Mas a impressão que eu tinha é que se ela estivesse parecendo mesmo o corpo, ela estaria me olhando. Na posição que estava assim, a sombra, de cima para baixo. E eu via a sombra de um cabelo. Então, para mim era uma mulher. Porque era um cabelo comprido. Eu fui abrindo meu olho devagar e eu fiquei com muito medo porque a sombra não me pareceu que seria um anjo, não me pareceu assim, porque era uma sombra. Uma coisa assim, não me pareceu algo bom. Aí, eu fiquei, acho que porque eu fiquei com medo, minha voz, eu quis chamar a menina que estava aqui em casa, minha voz não saiu.

Quadro 2 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências alucinatórias

(continuação)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências Alucinatórias
P2	<p>Aí, com pouco tempo depois, não tinha muito tempo, no mesmo quarto, essa daqui foi mais forte para mim e mais significativa. Quando eu acordei sonolenta, a janela do quarto estava aberta, ela não estava fechada realmente. Entrava vento. Mas um vento normal. E não estava chovendo, não estava ventania. Aí, professora, começou um vento, um negócio forte que ergueu minha camisola, porque eu ficava de camisola. Muito forte. E aí, eu senti que tinha alguma coisa ali, uma coisa diferente do natural. Aí, eu me escorei na cabeceira da cama. Fui subindo na cabeceira, mesmo depois, eu entendendo que era um sinal de Deus, eu fiquei, assim, num primeiro momento com medo.</p>
P3	<p>E tanto que eu vi, eu senti, eu sentia cheiros nitidamente, não era um cheiro assim de perfume mais assim tão, eu não sei nem se a pessoa estava usando perfume no dia, mas era um cheiro diferente, não era um cheiro normal de colônia, eu não sei nem descrever assim o cheiro, mas era algo assim tão puro. E teve outra situação também que eu estava orando e eu via várias pessoas de branco, mas ninguém estava de branco no lugar onde eu estava. Estava tudo como se tivesse bem claro mesmo. E estava a noite, era de noite ou de manhã, não sei, só sei que eu olhava todo mundo de branco e tipo assim, não olhava o rosto. Não olhava o rosto, só olhava a pessoa de branco. E como se fosse transparente. Não tinha forma. Tinha forma de pessoa, eu sabia que estava de branco, mas era tudo meio transparente. E assim, foi muito real porque eu nunca tinha visto isso, tanto que esse dia foi o único dia que eu vi isso nitidamente, nunca mais eu vi. E isso para mim foi algo que me marcou. Até hoje, eu lembro nitidamente disso, de ter visto. Tanto que eu até falo assim meu Deus do céu! Se eu disser isso para outra pessoa vão achar que eu sou doida ou algo assim. Vão pensar que eu estou delirando.</p>
P4	<p>E nesse momento, por volta das quatro horas da manhã, eu senti uma presença na minha cama, como se fosse um corpo adulto mesmo. Foi bem estranho porque eu nunca tinha sentido isso. E foi uma presença que me agrediu. Foi algo que me bateu a priori e logo em seguida chacoalhou meu corpo contra a cama. Então, eu senti meu corpo chacoalhado contra a cama. E foi estranho. Foi muito esquisito. Foi horrível.</p>

Quadro 2 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências alucinatórias

(continuação)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências Alucinatórias
P5	<p>E teve uma situação em que uma noite eu estava na rua lá no interior e eu fui retornar para a casa da minha avó. Eu estava sendo acompanhado por três pessoas. Eu consegui enxergar, quando eu estava voltando para casa, duas pessoas na minha frente. Era como se fosse um casal. Estavam andando abraçados. E atrás de mim, eu estava sentindo que tinha uma pessoa também. Inclusive, eu cheguei a falar com essas pessoas. Eu perguntei assim, quem era e tudo mais, mas, eu não tive resposta. E a imagem que parecia para mim era uma espécie de, como se fosse somente um contorno. E aquilo ficou muito tempo, eu fiquei olhando aquilo por muito tempo. Não foi assim uma questão de simplesmente, eu tive de relance, eu vi uma situação que pareceu que era uma pessoa, na verdade, eu estava enxergando mesmo, ficou por muito tempo como se eu tivesse acompanhando-os assim atrás deles. Quando eu vi que eles não responderam nada e continuaram, eu só continuei o meu caminho, seguindo, com medo claro.</p>
P10	<p>Em janeiro eu decidi engravidar, e eu recebi o espírito, pela primeira vez, eu recebi o espírito, era uma menina. Uma menina bem pequenininha e loirinha com vestido azul, muito nítido. Eu acordei no meio da noite, meu marido estava dormindo ao meu lado. Eu acordei no meio da noite e ela estava em pé no canto da minha cama, me olhando e rindo. Então eu olhei. Eu lembro do rosto, lembro do vestido, lembro de tudo. E logo depois, em fevereiro eu descobri que eu estava grávida.</p>
P11	<p>Quando eu era criança eu cheguei a ver pessoas no pé da minha cama à noite, sentia encostar a mão no meu corpo, puxar a coberta, então eu tenho uma memória de uma mancha preta (não tinha os pés, só o resto bem branco e tudo preto assim uma capa). Então eu tinha muito medo quando eu era criança, quando eu era criança eu tinha muito medo, tanto que eu não gostava de dormir sozinha, eu ia dormir no quarto dos meus pais</p>

Quadro 2 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências alucinatórias

(conclusão)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências Alucinatórias
P12	<p>A primeira vez que aconteceu uma experiência assim, ela ocorreu comigo e duas primas minhas. A gente estava indo para a cozinha da casa e tinha uma pessoa que a gente era muito apegada. Era uma vizinha que, praticamente, criou a gente e faleceu. E já tinha falecido há algum tempo e nós conseguimos vê-la na mesa da cozinha da casa da minha avó. Então foi uma experiência assustadora.</p> <p>Teve uma outra experiência também na casa dos meus avós com a minha prima. A gente também compartilhou nessa mesma experiência e acabamos chamando as vizinhas porque não sabíamos o que fazer. Nós estávamos assistindo televisão na sala e todas as louças da cozinha começaram a cair do nada. Só que o ponto forte é que quando a gente chegou na cozinha, não tinha nada caído. E até a gente chegar nessa cozinha, teve muito trabalho. A gente não conseguia, porque o medo não deixava.</p>
P15	<p>Na verdade, isso acontece desde quando eu me entendo por gente. Desde pequena eu fui muito curiosa e muito cética e sempre busquei me questionar, apesar de eu ver, de eu estar olhando, de as vezes sentir, eu não acredito. Eu me sinto incomodada, não é uma coisa boa de se ver, eu vejo coisa ruim também. Traz bastante sofrimento porque eu não vejo só coisas boas. Se for uma entidade muito forte, muito pesada, eu não consigo controlar, então eu começo a vomitar, tenho náuseas ou então eu tenho um desmaio rápido e eu volto. Quando eu volto, me sinto fraca.</p> <p>As minhas memórias de cinco anos que eu lembro de eu ouvir coisa, eu ver coisa, eu sentir coisas e sempre foi indo.</p>
P16	<p>Na época que minha avó faleceu, quando eu ia na casa dela, sentia a presença, a via passando, sonhava. Quando eu estava dormindo na casa de minha avó, eu acordava e tinha a sensação de que a via, tinha a sensação de que ela estava me acordando. Essas cenas da minha avó pós falecimento e do meu avô pós falecimento eu via muito. Da minha avó, no começo, quando estava muito recente do falecimento, me causou muito sofrimento, isso foi inevitável. Na época não dava muito sentido, eu ficava mais era com medo mesmo. Eu sentia muito medo.</p> <p>E meu avô tinha um short azul e uma camisa branca, e eu te juro que uma vez eu o vi sentado. Parece que tava só a camisa dele e o calção, ele não estava dentro da roupa. E eu saí do terraço e falei: “rapaz, eu estou vendo coisa!”.</p>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

Quadro 3 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências de sonhos lúcidos

Identificação	Relatos sobre vivências de Sonhos Lúcidos
P9	Esse tipo de experiência está muito ligada ao sono e sonho. Nesse aspecto mais do sonho. Minha infância e adolescência foi muito marcada por sonhos repetidos e sequenciais. A questão do sonho era uma coisa que me incomodava muito. Uma vez eu falei com meu pai, porque eram coisas muito perturbadoras mesmo, de paralisia, sonhos lúcidos, interferências, me incomodava demais. Era uma coisa que visivelmente me deixava muito cansado. Acho que o sofrimento maior era quando eu voltava do sonho. Eu voltava muito cansado. São sonhos que causam muita angustia pelo susto, tu acorda muito assustado.

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

Quadro 4 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências fora do corpo

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências Fora do Corpo
P12	Uma dessas experiências foi a pior. Essa realmente me trouxe sofrimento. Essa sensação de ter saído do corpo e de fora estar visualizando seu corpo. Me causa uma sensação horrível. Você fica depois preocupado. Será que isso vai acontecer de novo? Eu foquei no dia da semana em que aquilo aconteceu. Foi em um domingo. Então toda semana num domingo eu já ficava preocupado porque dava aquele mesmo horário e eu ficava pensando se ia acontecer de novo. Eu ainda não encontrei ninguém que passou por isso para poder me dizer como foi esse momento. Mas causa uma sensação horrível. Começo a pensar: “será que estou louco? O que foi isso?”
P13	Eu sentia que saía do meu corpo, conscientemente, alguns episódios bem reais, me via deitado dormindo. Mas a partir do momento que eu tinha algumas outras experiências como essa e estava um pouco consciente, eu me via lá. As primeiras vezes foram um pouco angustiantes. Eu acho que essa parte de sofrimento também faz parte.

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

Quadro 5 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências relacionadas a PSI

(continua)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências relacionadas a PSI
P3	<p>A questão dos sonhos de muitas mortes, acabaram que esses sonhos acabaram se realizando. Não que é comigo ou com a minha família. Mas de amigos próximos que perderam três de uma vez. Então, isso trouxe muitas questões, muito sofrimento para mim mesmo que eu não tivesse próximo a pessoa. Mas era da mesma cidade, era vizinho, eram amigos da minha mãe, então, isso tudo acabou afetando.</p>
P4	<p>Era um grupo de cinco amigos que em determinado momento percebemos que havia uma certa energia ao nosso redor. E essa energia que estava muito vibrante foi meio que tomada por alguma coisa, nós sentimos essa energia sendo drenada. E essa caixinha de som que a gente estava carregando, ela descarregou na mesma hora. Ocorreu de eu sentir muito medo, de eu ficar assustado, sabe. Sem saber como lidar com aquilo tudo que estava percebendo.</p>
P6	<p>Quando eu respondi o questionário, eu fiquei até brincando aqui. Eu já vivi muito mais coisa que eu nem sabia que era uma experiência anômala. Algumas questões sobre aparelhos eletrônicos. Começar a pifar muitas coisas. Quebra de vidros. De repente, quebrou o vidro do nada. Principalmente, mais nesse sentido assim de coisas pifarem. Eletroeletrônicos. Me causa estranheza. Eu percebo que quanto mais agitada eu estou, mais as coisas começam, realmente, a parar de funcionar.</p> <p>São sensações, às vezes, de uma queda brusca de energia. Eu estou tranquila e de repente, em algum momento, alguma situação, ou uma pessoa ou um espaço que parece que esgota, que realmente vai, eleva assim, parece que eu fico bem mal.</p>
P7	<p>A primeira experiência foi familiar, minha avó relatando que minha prima tinha recebido um guia espiritual para dar algumas informações relevantes a outras pessoas da família. Tipo, aquele comunicado de “ah, toma cuidado”. Eles estavam viajando, “cuidado com a estrada”, esses comunicados. Isso foi o que aconteceu, desse guia incorporado na minha prima. Aí, eu fiquei sabendo disso. Aí, em um outro momento, eu estava presente durante essa incorporação. Esse foi o início.</p> <p>Quando eu cheguei na casa da minha avó paterna tinha uma outra pessoa incorporada com um guia. Me chamou para tomar um passe. Na época também eu estava com um problema de saúde, problemas nos rins. Foi quando eu descobri que só tinha um rim de nascença. O primeiro contato com a entidade foi assim.</p>

Quadro 5 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências relacionadas a PSI

(continuação)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências relacionadas a PSI
P8	<p>Minha tia trouxe uma mulher que recebe guia e tudo mais, espírito, e ela veio aqui junto com essa mulher e me falaram certas coisas sobre o meu relacionamento e aí eu me senti muito mal porque eu não esperava que ninguém me falasse aquilo. Quando a mulher me falou essas coisas, eu chorei. Disseram que tinha outro homem me esperando, um melhor. Fiquei com isso na minha cabeça.</p>
P10	<p>Quando minha irmã engravidou em 2019, eu tive um sonho muito real com ela. Sonhei que ela estava grávida de uma menina e a chamei para conversar e disse que ela estava grávida. Minha irmã falou que não, que ela só ia engravidar daí a uns quatro anos. Ela tinha começado a namorar há uns nove meses. Três dias depois, ela me ligou e me disse que estava grávida. A gente foi no exame de ultrassom, e eu falei eu sei que é uma menina e está tudo certo. E é uma menina, foi uma menina. Quando ela engravidou a segunda vez, eu sonhei também, não foi um sonho tão claro, mas eu sabia que tinha alguém grávida no meu núcleo familiar. Toda vez que alguém engravida, eu consigo sentir, todas as vezes.</p>
P11	<p>Fenômeno físico desde a infância. Então assim, meus pais chegaram a mudar de uma casa porque os objetos se moviam. A rede em que eu dormia balançava sozinha e o meu pai já via uma presença ali ao lado.</p> <p>Mas, o que foi determinante foi quando eu comecei a ver as luzes de madrugada, que eram efeitos luminosos na mão. Eu pensava que eram vagalumes e quando eu fui ver, era o contato da minha mão com a coberta. Então eu entendi que estava saindo faísca.</p> <p>Foi na adolescência que ficou mais intenso questão dos efeitos físicos porque todo quarto que eu dormia, eu tinha um problema com a eletricidade do quarto e não era um problema na casa. Então, depois que eu fui entender que eu tinha uma interação, tenho uma interação também. Hoje é mais equilibrado. A luz do quarto queimava e trocava, e a outra queimava e trocada, e queimava a fiação. Tanto é que meu ex marido brincava: “ah, você está com problema no celular, alguma coisa, dá para P11 que ela concerta, não sei explicar porquê”. Uma vez, ele essa brincadeira com a minha ex sogra: o celular dela não ligava de jeito nenhum e ele disse para entregar na minha mão. Eu peguei o celular da mão dela, liguei e dei para ela. Ela ficou me olhando assustada e perguntou: “como você conseguiu fazer isso?”. E eu respondi que estava normal, que eu só peguei e botei na mão. E ela disse: “Você não está entendendo.</p>

Quadro 5 – Trechos das falas dos participantes que caracterizam experiências relacionadas a PSI

(conclusão)

Identificação	Relatos sobre vivências de Experiências relacionadas a PSI
P11	<p>Eu fiz isso várias vezes”. Então assim, essas coisas me levaram também a ir buscar uma explicação.</p> <p>Eu escuto de vez em quando, vem uma intuição muito forte a respeito de algo, esses sonhos premonitórios também, desde pequena. Então assim, eu tenho sonhos que me avisam coisas que vão acontecer dois, três anos depois. E aí, acontece. Inclusive com pessoas que já faleceram. Esses aí são os mais marcantes porque eu já sei que é alguma coisa significativa. Quando acontece, eu já presto atenção.</p>
P14	<p>Teve um assassinato na cidade, uma outra cidade, de uma tia de um amigo e antes de ser noticiado, acho que um dia antes de sair na televisão, a moça veio através de mim, se comunicou com a minha mãe, passou a mensagem que ela queria passar, e minha mãe achou estranho, ficou assustada e no outro dia viu na TV. É porque foi na hora, a moça faleceu meio dia e uma hora da tarde aconteceu isso e, no outro dia, saiu na televisão. Então, eles deram o contato da família para caso alguém tivesse alguma informação e minha mãe entrou em contato e falou com eles.</p>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

5.2 Crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas

Quadro 6 – Trechos das falas dos participantes em que percebemos a crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas

(continua)

Identificação	Crença religiosa e experiência anômala
P1	<p>Dentro da (igreja) Bola de neve, eu já manifestava algumas questões mediúnicas porque eu falava em línguas dos anjos, como eles falam. Eu os ouvia conversarem comigo. E até então, hoje eu entendo, que eram as entidades, só que elas tinham que se adaptar no que eu estava. Foi uma confusão. A paz que eu sinto hoje na umbanda, não era igual na igreja evangélica. Hoje, da umbanda, eu não considero uma experiência ruim. Eu digo que está sendo amorosa e cuidadosa.</p>

Quadro 6 – Trechos das falas dos participantes em que percebemos a crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas

(continuação)

Identificação	Crença religiosa e experiência anômala
P2	<p>Aí, em pensamento, eu chamei por Jesus. Porque eu acredito. E repreendi. Aí depois que eu fiz isso a sombra foi embora, sumindo aos poucos. Porque eu acho que espiritualmente, eu estava fragilizada. Eu estava chateada. Tinha me afastado. Então, eu achei assim que eu estava deixando muitos sentimentos ruins entrarem dentro de mim. E então, eu entendi que algo ruim se aproximou de mim. Eu dei essa brecha. Eu entendi que era Deus me dando um sinal. Que ele estava respondendo minha oração. Que ele estava ali atento. Que ele não estava indiferente.</p>
P3	<p>Tinham aqueles momentos das palestras, do culto, mas também tinha o momento de oração que era realmente a gente e Deus. Não tinha outra pessoa ou outra coisa do tipo. Aí a gente ia realmente para uns cantinhos que a gente se sentisse bem, confortável e sentindo seguro. Eu fiquei quietinha na minha e comecei a orar justamente pedindo pela saúde dele (avô) e para que o Senhor dissesse o que estava acontecendo, alguma coisa assim. E chegou uma pessoa para mim e disse que independente de qualquer coisa, ele descreveu a questão da enfermidade e tudo mais. E naquele dia, eu chorei tanto porque eu só sabia orar por isso.</p>
P4	<p>Desde essa primeira experiência, eu senti uma necessidade muito grande de me conectar com algo, com um lugar mesmo. Onde eu pudesse me encontrar com essa espiritualidade, me conectar de uma maneira mais precisa. Assim, eu me reportei a amigos, pessoas próximas, que frequentam esses lugares e são praticantes dessas religiões, mas foram momentos pontuais. E o que eu posso dizer para você é que eram momentos difíceis, mas que eu meio que obtive os mesmos direcionamentos. Alguns amigos pediram que eu fizesse orações. Pediram que eu fizesse alguns banhos, esse tipo de coisa. Pedir proteção durante o dia ao acordar, ao dormir. Eu fiz um ciclo de oração muito poderoso que durou 21 dias. Oração do Arcanjo Miguel. É muito boa essa oração. Eu fazia essa oração que era um ciclo, na verdade. Não precisa ser necessariamente um ciclo de 21 dias, mas eu fiz um ciclo de 21 dias. E realmente, cessou. Mas assim, eu meio que criei estratégias. A minha oração ajuda muito. Não só a oração pronta que você lê, repete, mas a oração que eu mesmo faço. Os meus pedidos, as minhas preces. E isso me ajudou muito, tem me ajudado.</p>

Quadro 6 – Trechos das falas dos participantes em que percebemos a crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas

(continuação)

Identificação	Crença religiosa e experiência anômala
P5	Outra coisa também foi com relação a depois, eu ficar tentando buscar um sentido na religião. Porque eu sempre via meu pai ou minha mãe falando assim eu tive um chamado de Deus.
P7	Aí depois eu fiquei acompanhando a minha prima em um centro espírita. Eu acho até que chegou a ser feita no santo, que eles dizem. Eu acompanhei esse processo. E de frequentar festas, de terreiros, de ajudar. De participar assim ou tomando um banho ou tomando um passe. Como eu acredito, eu vou dar o sentido espiritual.
P8	A minha família é toda espírita. Então, durante a minha vida até agora, eu sempre presenciei esses casos assim. Minha tia tem um centro espírita. Eu já fui lá algumas vezes. Esse ano mesmo eu fui lá para tirar algumas dúvidas em relação a algumas coisas que me disseram sobre o meu relacionamento e lá eu descobri que eu também tenho espiritismo, vamos dizer assim, mas eu não sou tão desenvolvida. Aí foi quando me falaram que eu tenho essas coisas. Daí tive que cantar para o meu guia também. Está tudo relacionado à religião.
P9	Sobre significado, o mínimo de conhecimento que eu tenho é do exercício mais da curiosidade, sobre esse mecanismo de abertura de corpo, eu acredito em algumas coisas no sentido de uma comunicação com um outro plano, uma outra dimensão, uma condição de comunicação, de canal aberto para isso. São comunicações, são potências comunicativas, você alimenta ou não alimenta. Eu nunca alimentei direito.
P10	<p>Eu estava indo ao centro espírita em busca de ajuda. É o que eles explicam para a gente que é em busca de ajuda. Já que eu estou indo ao centro espírita, é como se eu fosse uma antena e captasse essas sensações e quando eu chego no centro espírita todas as vezes, agora não, em todas as vezes iniciais, eu chorava muito. Essas sensações foram muito fortes. Depois de um tempo passaram, depois quanto mais frequentei, mais eu li, estudei, elas foram melhorando, amenizando, mas toda vez que eu entro no centro espírita, eu começo a chorar ou eu sinto um alívio.</p> <p>É sempre um sofrimento muito forte, e aí eu frequentei o centro espírita, conversei, fiz tudo o que eles orientam e desde então não tive mais experiências dessa forma. Toda vez que eu volto ao centro espírita, eu começo a estudar, aí eles voltam com muita intensidade e depois eles vão amenizando.</p>

Quadro 6 – Trechos das falas dos participantes em que percebemos a crença religiosa dando sentido ao sofrimento psíquico proveniente de experiências anômalas

(conclusão)

Identificação	Crença religiosa e experiência anômala
P11	<p>O centro espírita me esclareceu algumas coisas. Você ter uma labirintite e eu tinha os sintomas, mas nada era provado, e aí você tomar um passe, receber um passe e ficar bom. Você não está enxergando, eu estou vendo tudo nublado e aí eu receber um passe de uma pessoa e saí de lá bem.</p> <p>Isso me levou a estudar. Eu fui estudar dentro do centro espírita e várias coisas começaram a fazer sentido.</p>
P12	<p>Eu encontrei certas respostas a partir da religião. A partir da religião de matriz africana, em que eu fui criado, os meus avós na época me deram certa explicação, a partir dessa mesma perspectiva. Eu consegui ter uma base do que foi aquele fenômeno que aconteceu. E mais uma vez ele foi também pelo viés religioso, explicou que aquilo ali era porque a gente não tinha feito uma coisa que deveria ter feito, ter acendido as velas e eram as entidades que queriam se comunicar para reclamar, mas foi horrível.</p>
P13	<p>Eu procurei algumas religiões, algumas doutrinas para tentar estudar e ver se realmente era aquilo que poderia estar acontecendo comigo. Depois, com os estudos, conheci várias doutrinas, vários ensinamentos, até que fui convidado para participar de reuniões mediúnicas. Minha família toda é espírita kardecista, nasci em berço espírita. Também ia para o centro espírita e não sabia que algum dia aquilo ali ia acontecer comigo. Mas até que aconteceu e, com estudo, fui tendo um equilíbrio maior.</p>
P14	<p>Eu sou médium, participo de um centro espírita e geralmente minhas experiências são lá. Porque para o espiritismo kardecista isso vai se tornar cada vez mais comum, porque se considera que a gente está em um período de transição, de um planeta de provas e expiações para um planeta de regeneração.</p>
P15	<p>E a religião que mais me deixou acolhida foi a espírita kardecista, porque a espírita trabalha muito nessa questão de a pessoa ser médium. Ela foi a que mais me aceitou.</p>
P16	<p>Eu tenho um primo que, nessa época, começou a ver coisas do espiritismo kardecista. Então eu ficava naquela de me perguntar se eu vejo ou não. Aí eu lia algumas coisas.</p>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora

CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a apresentação dos resultados acima, realizaremos a discussão dos dados quantitativos em conjunto com os dados qualitativos obtidos através das entrevistas, a partir de um diálogo com outros estudos apresentados nos referenciais teóricos da parte 1 desta tese. É importante ressaltar que nossa pesquisa não contou com uma amostra estatisticamente significativa da população da Grande São Luís, caracterizando-se, portanto, como um estudo exploratório. Além disso, em nossa pesquisa não fizemos comparação entre grupos de experienciadores (EXP) e não experienciadores (NEXP), como foi realizada em pesquisas anteriores que utilizaram o mesmo instrumento com algumas modificações (MACHADO, 2009; REICHOW, 2017; TORRES, 2016). Apesar disso, consideramos que os resultados obtidos no presente estudo se somam a outras pesquisas já existentes sobre a prevalência de experiências anômalas na população brasileira e poderão ser aprofundados em estudos futuros sobre esse tema.

O objetivo geral de nossa pesquisa foi verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas. Em nossa amostra (n=231), observamos que 100% dos respondentes afirmaram ter tido, pelo menos, algum tipo de experiência anômala ao longo da vida. Esse dado vai ao encontro dos resultados da pesquisa realizada por Reichow (2017), que verificou que 100% dos participantes de seu estudo (40 médiuns, 36 consulentes, 40 pessoas com afiliações religiosas não mediúnicas e 42 ateus; N=158) da região Sul do Brasil responderam já ter vivenciado ao menos algum tipo de experiência anômala. Além disso, nosso estudo corrobora com o fato de que, desde a década de 1990, estudos realizados no Brasil apresentaram, como resultado, alta prevalência de experiências relacionadas a Psi (extra-sensório-motoras), acima de 80% (ZANGARI; MACHADO, 1996; MACHADO, 2009, 2010; TORRES, 2016) do que *surveys* realizados em outros países que apontam, em média, uma prevalência de cerca de 50% de respondentes alegando ter tido algum tipo de experiência anômala (GLICKSOHN, 1990; HARALDSSON, 1985; IRWIN, 1985; PALMER, 1979).

Segundo Zangari e Machado (1996), a alta porcentagem de pessoas que disseram ter vivenciado algum tipo de experiência anômala em nosso país está relacionada às características religiosas dos brasileiros. Aqui, é muito comum que as

peessoas tenham duas religiões: a oficial, geralmente católica, e uma outra que é, geralmente, de natureza espiritualista, sendo as experiências anômalas, geralmente, interpretadas como demonstração de desenvolvimento espiritual ou mediunidade, algo que em certos grupos religiosos parece ser valorizado.

A amostra de nosso estudo foi composta por 231 respondentes, sendo 163 (70,6%) mulheres e 62 (26,8%) homens. Assim como nos estudos realizados por Reichow (2017), no qual da amostra de 158 respondentes, 100 (63,3%) eram mulheres e 58 (36,7%) eram homens; por Torres (2016), no qual dos 126 respondentes, 95 (75,4%) eram mulheres e 31 (24,6%) eram homens; e por Machado (2009) em que, do total de 306 respondentes, 161 (52,6%) eram mulheres e 139 (45,4%) eram homens, percebemos as mulheres em maior número respondendo e compartilhando suas vivências de experiências anômalas. Esse dado corrobora com a afirmação feita por diversos autores (ALMINHANA, 2013; ALMEIDA, 2004; MACHADO, 2009, 2010; PALMER, 1979; RHINE, 1966) em relação à discrepância referente ao gênero de experienciadores que poderia estar relacionada ao fato de as mulheres gostarem mais de falar sobre suas experiências do que os homens. Podemos perceber isso entre os participantes que foram entrevistados em nossa pesquisa: das dezesseis pessoas que participaram das entrevistas, dez eram mulheres. É importante apontar, contudo, que a amostra de nosso estudo foi de conveniência dos contatos da pesquisadora, ou seja, grande parte dos respondentes foram alunos de graduação em psicologia, curso que costuma apresentar maior presença do público feminino, apesar de considerarmos que esse fato não alterou substancialmente nossos resultados.

Quanto à idade, os respondentes de nossa pesquisa variam entre 18 e 70 anos, numa média geral de 30,74 anos de idade, sendo que, da amostra geral (n=231), 103 (44,6%) dos respondentes têm entre 18 e 25 anos. Essa média de idade dos participantes de nossa pesquisa é mais baixa do que aquelas observadas nos estudos de Reichow (2017), que teve como média geral de idade 35,3 anos; de Alminhana (2013), no qual a média foi 38,8 anos; e de Torres (2016), cuja média geral de idade foi 35,07 anos. Assim como no estudo feito por Machado (2009), em que 66,4% dos experienciadores tinham entre 18 e 25 anos, o número de pessoas que afirmaram ter tido algum tipo de experiência anômala em nossa pesquisa é significativamente maior nessa faixa de idade, fato que se justifica pelo grande número de estudantes em nossa amostra: 67 (29%) estudantes de graduação e 76 (32,9%) de pós-graduação.

Como apontamos em nosso objetivo geral, o presente estudo foi realizado com pessoas que residem na Grande São Luís, já que, como vimos em nossa fundamentação teórica, várias pesquisas têm sido realizadas no Brasil sobre a prevalência de experiências anômalas, especialmente, com a população das regiões sudeste e sul do país e, até então, pouco se sabia sobre a prevalência dessas experiências na população do nordeste brasileiro. Desse modo, contribuímos com o campo geral de pesquisas em Psicologia Anomalística ao trazer dados relacionados a uma região do Brasil ainda pouco explorada em estudos na área.

Em relação aos tipos de experiências anômalas vivenciadas, em nossa amostra de 231 respondentes: 126 (54,5%) afirmaram já ter vivenciado experiência Psi em vigília; 125 (54,1%) responderam que já vivenciaram experiências alucinatórias; 122 (52,8%) afirmaram já ter vivenciado a experiência de sonhos lúcidos; 116 (50,2%) já vivenciaram experiências místicas; 75 (32,5%) afirmaram que já vivenciaram experiências fora do corpo; 64 (27,7%) afirmaram já ter vivenciado experiências de curas anômalas; 44 (19%) afirmaram já ter vivenciado experiências de vidas passadas; 40 (17,3%) afirmaram já ter tido a experiência de sinestesia; 36 (15,6%) já vivenciaram a experiência de PK com objetos; 18 (7,8%) afirmaram já ter tido experiência de abdução por alienígenas; e 3 (1,3%) afirmaram que já vivenciaram a experiência de quase morte. É válido afirmar que, em nossa pesquisa, não houve preocupação com a realidade das experiências anômalas relatadas, já que consideramos as vivências subjetivas dessas experiências.

A partir do exposto acima, vimos que o tipo de experiência anômala mais vivenciada em nossa amostra foi a Experiência relacionada a Psi em vigília (54,5%), dado que vai ao encontro dos achados de estudos brasileiros semelhantes realizados por Machado (2009), Reichow (2017) e Torres (2016), os quais verificaram alta prevalência desse tipo de experiência em suas amostras: 82,7%, 84,9% e 93,7% respectivamente, os quais incluíam Experiências relacionadas a Psi em sonhos, o que aumenta a porcentagem encontrada. As Experiências relacionadas a Psi também tiveram alta prevalência, em nossa pesquisa, entre os participantes da entrevista: das dezesseis pessoas entrevistadas, oito relataram experiências desse tipo. E, entre esses oito participantes, três relataram que já tiveram vivências de experiências de PK com objetos, como vemos a seguir:

E essa energia que estava muito vibrante foi meio que tomada por alguma coisa, nós sentimos essa energia sendo drenada. E essa caixinha de som que a gente estava carregando, ela descarregou na mesma hora. (P4).

Eu já vivi muito mais coisa que eu nem sabia que era uma experiência anômala. Algumas questões sobre aparelhos eletrônicos. Começar a pifar muitas coisas. Quebra de vidros. De repente, quebrou o vidro do nada. Principalmente, mais nesse sentido assim de coisas pifarem. Eletroeletrônicos. (P6).

Fenômeno físico desde a infância. Então assim, meus pais chegaram a mudar de uma casa porque os objetos se moviam. [...] Foi na adolescência que ficou mais intensa a questão dos efeitos físicos porque todo quarto que eu dormia, eu tinha um problema com a eletricidade do quarto e não era um problema na casa. (P11).

Os dados do questionário em relação à quantidade de Experiências de PK com objetos (15,6%) vivenciadas pelos respondentes e esses relatos dos participantes da entrevista nos chamam atenção pelo fato de que, como nos aponta Machado (2009), as ocorrências de experiências de PK são menos frequentes no cotidiano por envolverem fenômenos “explicitamente” físicos e, por isso, os pesquisadores acabam por se dedicar mais aos estudos sobre Experiências Extrassensoriais, tendo mais dados sobre estas.

Outro dado que nos chama atenção se refere à quantidade de respondentes do questionário em relação à vivência de experiências alucinatórias (54,1%), assim como a quantidade de relatos sobre esse tipo de experiência feita pelos participantes das entrevistas: nove pessoas compartilharam momentos de vida em que tiveram experiências alucinatórias, sendo as mais relatadas visões de espíritos, como vemos a seguir:

Eu vi uma sombra em pé na minha rede. Era uma pessoa, assim, relativamente alta. [...] para mim era uma mulher. (P2).

E teve outra situação também que eu estava orando e eu via várias pessoas de branco, mas ninguém estava de branco no lugar onde eu estava. Não olhava o rosto, só olhava a pessoa de branco. E como se fosse transparente. Não tinha forma. Tinha forma de pessoa, eu sabia que estava de branco, mas era tudo meio transparente. (P3).

Eu consegui enxergar, quando eu estava voltando para casa, duas pessoas na minha frente. Era como se fosse um casal. Estavam andando abraçados. E atrás de mim, eu estava sentindo que tinha uma pessoa também. Inclusive, eu cheguei a falar com essas pessoas. Eu perguntei assim, quem era e tudo mais, mas, eu não tive resposta. E a imagem que parecia para mim era uma espécie de, como se fosse somente um contorno. (P5).

Em janeiro eu decidi engravidar, e eu recebi o espírito, pela primeira vez, eu recebi o espírito, era uma menina. Uma menina bem pequenininha e loirinha com vestido azul, muito nítido. Eu acordei no meio da noite, meu marido estava dormindo ao meu lado. Eu acordei no meio da noite e ela estava em pé no canto da minha cama, me olhando e rindo. (P10).

Quando eu era criança eu cheguei a ver pessoas no pé da minha cama à noite, sentia encostar a mão no meu corpo, puxar a coberta, então eu tenho uma memória de uma mancha preta (não tinha os pés, só o resto bem branco e tudo preto assim uma capa). (P11).

A gente estava indo para a cozinha da casa e tinha uma pessoa que a gente era muito apegada. Era uma vizinha que, praticamente, criou a gente e faleceu. E já tinha falecido há algum tempo e nós conseguimos vê-la na mesa da cozinha da casa da minha avó. (P12).

Desde pequena eu fui muito curiosa e muito cética e sempre busquei me questionar, apesar de eu ver, de eu estar olhando, de as vezes sentir, eu não acredito. Eu me sinto incomodada, não é uma coisa boa de se ver, eu vejo coisa ruim também. (P15).

E meu avô tinha um short azul e uma camisa branca, e eu te juro que uma vez eu o vi sentado. Parece que tava só a camisa dele e o calção, ele não estava dentro da roupa. E eu saí do terraço e falei: “rapaz, eu estou vendo coisa!”. (P16).

Como vimos em nossa fundamentação teórica, Machado e Zangari (2021) apontam que visões de espíritos são exemplos de experiências alucinatórias, assim como sentir cheiros de objetos que não estão por perto, se sentir tocado por algo que o sujeito não consegue ver, ouvir mensagens, etc.

Esse dado relacionado à vivência de experiências alucinatórias de nosso estudo é semelhante ao que foi encontrado por Reichow (2017) em sua pesquisa, na qual da amostra de 158 respondentes, 126 (79,7%) relataram ter tido experiência alucinatória, sendo o grupo de Médiuns o que mais relatou esse tipo de experiência (95%) e o grupo de Ateus o que menos trouxe relatos (57,1%). A partir desses dados, o autor aponta para a possibilidade de que fatores relacionados a crenças podem estar relacionados a um maior número de vivências de alucinações em determinados grupos religiosos e/ou culturais.

Os dados de nossa pesquisa em relação à quantidade de experiências alucinatórias também vão ao encontro dos estudos realizados por Tien (1991) que, a partir de uma amostra da população em geral, verificou que 15% das pessoas investigadas já tiveram algum tipo de alucinação. É importante destacar ainda que Reichow (2017), ao correlacionar os dados sobre experiências alucinatórias com os dados sobre transtornos mentais, não encontrou transtornos psicóticos na amostra investigada. Fato de extrema importância ao pensarmos em um diagnóstico diferencial entre a vivência de experiências anômalas e sintomas de transtornos mentais.

O terceiro tipo de experiência anômala mais prevalente em nossos dados quantitativos foram os sonhos lúcidos, com 52,8% dos respondentes afirmando terem vivenciado. De acordo com Cardeña, Lynn e Krippner (2013), 20% das pessoas relatam ter sonhos lúcidos uma vez por mês. Reichow (2017) aponta prevalência bastante semelhante entre os grupos investigados em sua pesquisa: ANRM (67,5%), Médiuns (65%), Consulentes (61,1%), enquanto o grupo de Ateus apresentou frequência maior desse tipo de experiência (81%). Em nossa pesquisa, uma pessoa, das dezesseis entrevistadas, relatou ter experiências de sonhos lúcidos com frequência, como vemos a seguir: “Esse tipo de experiência está muito

ligada ao sono e sonho. Nesse aspecto mais do sonho. Minha infância e adolescência foi muito marcada por sonhos repetidos e sequenciais [...] sonhos lúcidos, interferências”. (P9).

As experiências fora-do-corpo aparecem em quarto lugar (32,5%) em relação à quantidade de pessoas que já a vivenciaram em nossa amostra. Já, entre nossos dados qualitativos, duas pessoas, das dezesseis entrevistadas, relataram já ter tido vivências desse tipo de experiência:

Essa sensação de ter saído do corpo e de fora estar visualizando seu corpo. [...] Eu ainda não encontrei ninguém que passou por isso para poder me dizer como foi esse momento. (P12).

Eu sentia que saía do meu corpo, conscientemente, alguns episódios bem reais, me via deitado dormindo. [...] Mas a partir do momento que eu tinha algumas outras experiências como essa e estava um pouco consciente, eu me via lá. (P13).

Nossos dados em relação a esse tipo de experiência estão um pouco abaixo do resultado encontrado por Reichow (2017) que, em sua amostra de 158 respondentes, 50,6% disseram ter experienciado, pelo menos, uma experiência fora do corpo. Já, em relação a estudos internacionais, como o realizado por Alvarado (2013) que investigou a presença de experiências fora do corpo em três grupos diferentes divididos em população geral, estudantes universitários e pessoas com interesse em parapsicologia, percebemos que nossos dados estão acima do encontrado no grupo da população geral (10%) e se assemelha à porcentagem encontrada no grupo de estudantes universitários (25%), o que pode ser justificado pelo grande número de estudantes universitários entre os respondentes de nossa pesquisa.

Um dado que nos chamou atenção entre os relatos dos participantes das entrevistas foi a presença de mais de um tipo de experiência anômala em um relato, fato observado por Machado e Zangari (2021) ao afirmarem que é comum, a partir de relatos de casos espontâneos, nos depararmos com entrecruzamentos de diferentes experiências anômalas, por exemplo: uma experiência fora do corpo se interseccionar com experiência de quase morte, experiências alucinatórias acompanhando experiências de contato com alienígenas, etc. Em nossas entrevistas, percebemos o relato a seguir que nos mostra uma experiência relacionada a Psi acontecendo simultaneamente a uma experiência de mediunidade:

Teve um assassinato na cidade, uma outra cidade, de uma tia de um amigo e antes de ser noticiado, acho que um dia antes de sair na televisão, a moça veio através de mim, se comunicou com a minha mãe, passou a mensagem que ela queria passar, e minha mãe achou estranho, ficou assustada e no

outro dia viu na TV. É porque foi na hora, a moça faleceu meio dia e uma hora da tarde aconteceu isso e, no outro dia, saiu na televisão. Então, eles deram o contato da família para caso alguém tivesse alguma informação e minha mãe entrou em contato e falou com eles. (P14).

Entre os objetivos específicos de nossa pesquisa, nos propomos a verificar quanto as experiências anômalas produzem sofrimento psíquico às pessoas que as vivenciam. A partir dos dados encontrados, podemos afirmar que há pessoas que relataram ter tido algum nível de sofrimento psíquico (entre pouquíssimo e intenso) em todos os tipos de experiências anômalas investigadas, sendo a frequência maior de sofrimento encontrada nas experiências relacionadas a Psi em vigília, das 126 pessoas que afirmaram ter vivenciado, 92 (73%) apresentaram algum nível de sofrimento; e a menor frequência de sofrimento encontrada nas experiências místicas, das 116 pessoas, apenas 17 (14,6%) apresentaram algum nível de sofrimento a partir da vivência desse tipo de experiência.

Esse dado relacionado à maior quantidade de pessoas que relataram ter vivenciado algum tipo de sofrimento a partir da vivência de uma experiência relacionada a Psi em vigília pode ser pensado a partir do que Machado (2009) apontou em seu estudo de que as experiências do tipo extra-sensório-motoras têm um caráter desafiador no sentido de que, em muitos casos, ao provocarem uma perturbação da ordem espaço-temporal comum, pode provocar uma dissonância cognitiva de modo a que os experienciadores se sintam convocados a rever conceitos e a mudar atitudes diante dessas vivências. A teoria da dissonância cognitiva foi formulada pelo psicólogo Leon Festinger (1919-1989) e pode ser entendida como a tendência que os sujeitos têm de preferir explicações coerentes com seus conhecimentos, ações, crenças e atitudes a acontecimentos da vida. A dissonância cognitiva ocorre quando essa coerência não está presente e o sujeito fica sem uma explicação plausível para os fatos. Então, nesses momentos, há um conflito psíquico que pode causar sofrimento ao indivíduo (ZANGARI; MACHADO, 2018a).

Percebemos a presença de algum nível de sofrimento psíquico relacionado a experiências extra-sensório-motoras, também, entre nossos participantes da entrevista. Nos três casos a seguir, ao falarem sobre as experiências vivenciadas, os participantes relataram não conseguir entender exatamente o que estava acontecendo e, a partir disso, começaram a se sentir angustiados, fato que vai ao encontro da teoria da dissonância cognitiva, explicitada acima.

A questão dos sonhos de muitas mortes, acabaram que esses sonhos acabaram se realizando. [...] isso trouxe muitas questões, muito sofrimento para mim, mesmo que eu não tivesse próximo a pessoa. (P3).

E essa caixinha de som que a gente estava carregando, ela descarregou na mesma hora. Ocorreu de eu sentir muito medo, de eu ficar assustado, sabe. Sem saber como lidar com aquilo tudo que estava percebendo. (P4).

Me causa estranheza. Eu percebo que quanto mais agitada eu estou, mais as coisas começam, realmente, a parar de funcionar. [...] parece que eu fico bem mal. (P6).

Sobre o fato de termos encontrado, em nossa pesquisa, a menor frequência de sofrimento entre os respondentes que relataram ter vivenciado experiências místicas (14,6%), podemos pensar em alguns fatores que colaboram para isso a partir de Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) ao citarem vários autores (CAIRD, 1987; HOOD, 1976; JUNG, 1973; MASLOW, 1971) que consideram experiências místicas como a manifestação de uma experiência psicologicamente saudável, expressão máxima de saúde e bem-estar, e que indivíduos que tiveram esse tipo de experiência pontuam mais em escalas de bem-estar psicológico. Além disso, a menor porcentagem de sofrimento relacionado às experiências místicas pode ser explicada a partir do que Cardeña, Lynn e Krippner (2013) descrevem como uma das características das experiências místicas a presença de sentimentos de paz, felicidade, alegria e bem-aventurança, além do sentimento, em variados graus, de encontro com o sagrado ou o divino; e Machado e Zangari (2021) ao descreverem alguns efeitos da vivência desse tipo de experiência: o experienciador pode obter um insight profundo e revelador sobre a vida e seu significado, podendo ter sentimentos extremos de paz, felicidade, alegria e libertação. Contudo, é importante ressaltar que as experiências místicas podem produzir também efeitos desagradáveis aos seus experienciadores, dependendo do modo como essa experiência é integrada ao sistema de referências do indivíduo.

Em nossas entrevistas, não tivemos relatos de experiências místicas. Porém, é válido destacar os relatos de sofrimento psíquico a partir da vivência dos outros tipos de experiências anômalas que observamos entre nossos participantes. Em relação às experiências alucinatórias, em nosso questionário, das 125 pessoas que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 86 (68,8%) afirmaram ter tido algum nível de sofrimento em relação a essa vivência, assim como em nossas entrevistas, dos nove participantes, sete relataram algum nível de sofrimento, como vemos a seguir:

Eu fui abrindo meu olho devagar e eu fiquei com muito medo porque a sombra não me pareceu que seria um anjo, não me pareceu assim, porque era uma sombra. Uma coisa assim, não me pareceu algo bom. (P2).

Foi bem estranho porque eu nunca tinha sentido isso. E foi uma presença que me agrediu. Foi algo que me bateu a priori e logo em seguida chacoalhou meu corpo contra a cama. Foi horrível. (P4).

Eu vi uma situação que pareceu que era uma pessoa, na verdade, eu estava enxergando mesmo, ficou por muito tempo como se eu tivesse acompanhando-os assim atrás deles. Quando eu vi que eles não responderam nada e continuaram, eu só continuei o meu caminho, seguindo, com medo claro. (P5).

Quando eu era criança eu cheguei a ver pessoas no pé da minha cama à noite, sentia encostar a mão no meu corpo, puxar a coberta [...] então eu tinha muito medo, tanto que eu não gostava de dormir sozinha, eu ia dormir no quarto dos meus pais. (P11).

E já tinha falecido há algum tempo e nós conseguimos vê-la na mesa da cozinha da casa da minha avó. Então foi uma experiência assustadora. (P12).

Eu me sinto incomodada, não é uma coisa boa de se ver, eu vejo coisa ruim também. Traz bastante sofrimento porque eu não vejo só coisas boas. (P15).

Na época que minha avó faleceu, quando eu ia na casa dela, sentia a presença, a via passando, sonhava. [...] me causou muito sofrimento [...] na época não dava muito sentido, eu ficava mais era com medo mesmo. Eu sentia muito medo. (P16).

O outro tipo de experiência anômala que observamos entre os participantes das entrevistas que também causou algum nível de sofrimento foi a experiência fora do corpo. Em nosso questionário, das 75 pessoas que afirmaram ter vivenciado esse tipo de experiência, 42 (56%) apresentaram algum nível de sofrimento. E, os dois participantes das entrevistas que relataram ter tido experiência fora do corpo, afirmaram ter sofrido, de algum modo:

Uma dessas experiências foi a pior. Essa realmente me trouxe sofrimento. Essa sensação de ter saído do corpo e de fora estar visualizando seu corpo. (P12).

Eu sentia que saía do meu corpo, conscientemente [...] as primeiras vezes foram um pouco angustiantes. Eu acho que essa parte de sofrimento também faz parte. (P13).

Em relação aos relatos sobre sofrimento psíquico a partir das vivências das experiências, percebemos que esse sofrimento está, predominantemente, ligado ao fato de que o sujeito não consegue dar uma explicação ao que estava acontecendo. Uma das características das experiências anômalas é o fato de serem extraordinárias, o que provoca uma tentativa de compreensão nem sempre conseguida por parte dos experienciadores. Ou seja, a partir do real da vivência da experiência, há a necessidade de uma simbolização e essa se dá, em muitos casos, a partir da utilização de explicações religiosas.

Nesse momento, nos voltaremos para nosso último objetivo específico que foi investigar a associação entre a vivência de experiências anômalas e a crença religiosa. Em nossa amostra quantitativa, quanto à crença religiosa, dos 231

respondentes, tivemos um maior número (n=73, 31,6%) de pessoas afirmando serem católicas, sendo em segundo lugar (n=56, 24,2%) evangélicos, seguidos dos respondentes que afirmaram não serem adeptos de nenhuma religião específica, mas acreditam em Deus (n= 40, 17,3%), os espíritas kardecistas (n= 25, 10,8%), os agnósticos (n=21, 9,1%), os de religião de matriz afro ou afro-brasileira (n=4, 1,7%) e os ateus (n=4, 1,7%). Já, em relação à religiosidade, tivemos um maior número de respondentes (n= 92, 39,8%) afirmando ser moderadamente religioso(a), seguidos dos que se consideram ser um pouco religioso(a) (n= 80, 34,6%).

Sobre a relação entre a crença religiosa e a vivência de experiências anômalas, em nosso estudo, percebemos que as crenças se mostraram associadas apenas às seguintes experiências anômalas: experiência alucinatória ($p = 0,05$), experiência fora do corpo ($p < 0,05$), experiências de vidas passadas ($p < 0,05$), experiência mística ($p < 0,05$) e experiência de cura anômala ($p < 0,05$). As demais não apresentaram evidência de associações. Nos estudos realizados por Machado (2009) e Palmer (1979), a religiosidade não foi considerada como uma variável associada, consistentemente, à ocorrência de experiências anômalas. Por outro lado, Reichow (2017), em sua pesquisa, constatou que a religiosidade parece ter uma associação direta com a vivência de experiências anômalas. Esse resultado foi ao encontro dos estudos feitos por Haraldsson e Houtkooper (1991) que perceberam que algumas variáveis relacionadas à religiosidade afetariam a frequência de relatos de experiências anômalas, e pelo estudo feito por Batista (2016) que constatou que a religiosidade está associada à prevalência desse tipo de experiência.

Como vimos em nossa fundamentação teórica é comum que, em contextos religiosos, as experiências anômalas sejam compreendidas como resultado ou expressões da relação entre o humano e o sagrado entendido como algo vinculado ao sobrenatural – manifestação de entidades, de santos, de Deus, do Espírito Santo, do demônio etc. Por essa proximidade em termos de interpretação é que se pode encontrar referência a experiências anômalas como sinônimos de experiências religiosas. Porém, vale observar que nem toda experiência anômala é necessariamente interpretada como religiosa (MACHADO, 2010; MACHADO; ZANGARI, 2021; ZANGARI; MACHADO, 2018b).

Em relação a essa questão, em nosso estudo, entre os dezesseis participantes das entrevistas, quinze trouxeram em seus relatos que a crença religiosa ajudou a dar um sentido às experiências anômalas vivenciadas e que isso contribuiu

para amenizar o sofrimento psíquico proveniente dessas vivências, como vemos nos trechos a seguir:

Hoje, da umbanda, eu não considero uma experiência ruim. Eu digo que está sendo amorosa e cuidadosa. (P1).

Aí, em pensamento, eu chamei por Jesus. Porque eu acredito. E repreendi. Aí depois que eu fiz isso a sombra foi embora, sumindo aos poucos. [...] Eu entendi que era Deus me dando um sinal. Que ele estava respondendo minha oração. (P2).

A minha oração ajuda muito. Não só a oração pronta que você lê, repete, mas a oração que eu mesmo faço. Os meus pedidos, as minhas preces. E isso me ajudou muito, tem me ajudado. (P4).

Outra coisa também foi com relação a depois, eu ficar tentando buscar um sentido na religião. Porque eu sempre via meu pai ou minha mãe falando assim eu tive um chamado de Deus. (P5).

Como eu acredito, eu vou dar o sentido espiritual. (P7).

Aí foi quando me falaram que eu tenho essas coisas. Daí tive que cantar para o meu guia também. Está tudo relacionado à religião. (P8).

eu acredito em algumas coisas no sentido de uma comunicação com um outro plano, uma outra dimensão, uma condição de comunicação, de canal aberto para isso. (P9).

É sempre um sofrimento muito forte, e aí eu frequentei o centro espírita, conversei, fiz tudo o que eles orientam e desde então não tive mais experiências dessa forma. (P10).

Eu fui estudar dentro do centro espírita e várias coisas começaram a fazer sentido. (P11).

Eu encontrei certas respostas a partir da religião. A partir da religião de matriz africana, em que eu fui criado, os meus avós na época me deram certa explicação, a partir dessa mesma perspectiva. (P12).

Minha família toda é espírita kardecista, nasci em berço espírita. Também ia para o centro espírita e não sabia que algum dia aquilo ali ia acontecer comigo. Mas até que aconteceu e, com estudo, fui tendo um equilíbrio maior. (P13).

Eu sou médium, participo de um centro espírita e geralmente minhas experiências são lá. (P14).

E a religião que mais me deixou acolhida foi a espírita kardecista, porque a espírita trabalha muito nessa questão de a pessoa ser médium. Ela foi a que mais me aceitou. (P15).

Eu tenho um primo que, nessa época, começou a ver coisas do espiritismo kardecista. Então eu ficava naquela de me perguntar se eu vejo ou não. Aí eu lia algumas coisas. (P16).

O uso da religião como instrumento de *coping* para lidar com a vivência de experiências anômalas extra-sensório-motoras foi abordado por Machado (2009) ao encontrar, em sua pesquisa que, significativamente, mais evangélicos e espíritas usam desse mecanismo de enfrentamento. Assim como Torres (2016) apontou, em seu estudo, que a religião influencia o enfrentamento de experiências anômalas para os pentecostais e neopentecostais. Dito isso, voltamos a afirmar que quando o sujeito não consegue dar um sentido ao que está vivenciando, assim como quando não encontra acolhimento a essa vivência no grupo cultural ou religioso ao qual pertence, o sofrimento psíquico/social tende a se intensificar.

Nesse ponto, é válido trazer dois trechos de relatos das entrevistas de nossa pesquisa, nos quais percebemos angústia nos participantes com a possibilidade de estar enlouquecendo por causa da vivência de experiências anômalas. Nos casos abaixo, **P3** se angustia a partir da vivência de experiências alucinatórias, enquanto **P12** a partir da vivência da experiência fora do corpo:

Tanto que eu até falo assim: meu Deus do céu! Se eu disser isso para outra pessoa vão achar que eu sou doida ou algo assim. Vão pensar que eu estou delirando. (P3).

Mas causa uma sensação horrível. Começo a pensar: 'será que estou louco? O que foi isso?' (P12).

As falas acima nos fazem pensar que relatos como esses envolvendo experiências anômalas e religiosas são cada vez mais comuns em *settings* de atendimento psicológico, assim como quaisquer outros temas que façam parte da vida cotidiana. Fato que nos leva diretamente à discussão sobre o diagnóstico diferencial entre experiências anômalas e religiosas e transtornos mentais. Machado e Zangari (2021) ressaltam que a ausência de discussões sobre essas questões nos cursos de formação em Psicologia tem gerado situações problemáticas: baseando-se no princípio de que a Psicologia é uma ciência e não deve se misturar com religião, há psicólogos que não permitem que seus clientes/pacientes levem espontaneamente, aos atendimentos demandas ou queixas relacionadas a esses assuntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário retomarmos o objetivo geral de nosso estudo, assim como nossas hipóteses e problemas de pesquisa que nos guiaram, de modo a relacioná-los, conclusivamente, com a discussão apresentada acima.

O presente estudo teve como objetivo verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas. Considerando-se a primeira hipótese “há alta prevalência de experiências anômalas na amostra investigada”, os resultados a confirmaram, já que, em nossa amostra, observamos que 100% dos respondentes afirmaram ter tido, pelo menos, algum tipo de experiência anômala ao longo da vida. Dado que veio responder, também, nosso primeiro problema de pesquisa, a saber: qual a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da Grande São Luís?

Em relação ao nosso segundo problema de pesquisa “Quais são os tipos de experiências anômalas vivenciadas nesse contexto?”, percebemos que houve experienciadores de todos os tipos de experiências anômalas descritos no livro *Variedades das Experiências Anômalas* e detalhadas no Q-PREA, assim como vimos que o tipo de experiência anômala mais vivenciada em nossa amostra foi a experiência relacionada a Psi em vigília.

Sobre a segunda hipótese norteadora de nosso estudo “há sofrimento psíquico a partir da vivência de experiências anômalas”, a qual se relaciona ao seguinte problema de pesquisa “a vivência de experiências anômalas produz sofrimento psíquico?” Percebemos que nossos resultados a confirmaram, pois podemos afirmar que há pessoas que relataram ter tido algum nível de sofrimento psíquico (entre pouquíssimo e intenso) em todos os tipos de experiências anômalas investigadas. Além disso, percebemos maior frequência de sofrimento psíquico na vivência de experiências relacionadas a Psi em vigília, e menor frequência de sofrimento encontrada na vivência de experiências místicas.

Já, em relação à terceira hipótese “a crença religiosa contribui para a diminuição de sofrimento psíquico do sujeito que vivencia experiências anômalas, pois ajuda a dar sentido a essas experiências”, percebemos, a partir dos relatos dos participantes das entrevistas, que o sofrimento psíquico está predominantemente

ligado ao fato de que o sujeito não consegue dar uma explicação à experiência que vivenciou, ou seja, há a necessidade da simbolização, dar sentido à essas vivências e esse sentido é dado, predominantemente, a partir de explicações religiosas. Nossos dados qualitativos, portanto, nos ajudaram a responder nosso último problema de pesquisa, que foi “crenças religiosas ajudam a dar sentido às experiências anômalas e, desse modo, alivia o sofrimento psíquico vivenciado pelo sujeito que a experiencia?”.

Como vimos em nossa pesquisa, experiências anômalas estão presentes na vida das pessoas e mostram-se relevantes na medida em que exercem importante influência em seus experienciadores. Seus efeitos podem ser tanto positivos quanto negativos, provocando algum tipo de sofrimento psíquico, mas não necessariamente essas experiências são sintomas de algum transtorno mental. Com alta prevalência na população, é provável que relatos envolvendo experiências anômalas sejam levados como assuntos em atendimentos psicológicos, assim como quaisquer outros temas que fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos. Porém, infelizmente, a ausência de discussão sobre esse tipo de experiência - assim como sobre experiências religiosas e espirituais - nos cursos de formação em Psicologia tem gerado questões problemáticas quando os profissionais se deparam em sua prática com relatos que envolvem as mesmas.

Ao criar o GEPPA, em 2016, percebemos um grande número de alunos do curso de Psicologia interessados em estudar esses temas, assim como, de lá para cá, percebemos um aumento no número de pesquisas de iniciação científica e de trabalhos de conclusão de curso sobre psicologia anomalística e psicologia da religião. Além dos estudos no GEPPA, como meio de tentar minimizar a falta de formação dos estudantes sobre esses temas, começamos a trazê-los como conteúdo em sala de aula de algumas disciplinas, tais como Psicopatologia e Saúde Mental I e Tópicos Especiais em Psicologia.

O objetivo de trazer para discussão experiências anômalas, experiências religiosas e espirituais na formação em Psicologia é tentar evitar que psicólogos(as) tenham atitudes problemáticas como essas: baseados no princípio de que a Psicologia é uma ciência e não deve se misturar com religião, não permitirem que seus pacientes levem espontaneamente às sessões de terapia demandas ou queixas relacionadas a esses assuntos. Ou, por outro lado, quando adeptos de determinada crença religiosa, trazê-la em seus atendimentos através de conselhos ou práticas que

não estão relacionadas à Psicologia. Ou, ainda, trazer aos atendimentos psicoterápicos conteúdos relacionados à experiências religiosas, espirituais e/ou anômalas sem que seus pacientes tenham falado algo relacionado a isso.

Desse modo, percebemos que nossa pesquisa se junta a outras no sentido de endossar a importância de abordarmos esses temas, tais como o que há de psicológico nas crenças, práticas e manifestações de experiências religiosas e experiências anômalas, assim como o manejo clínico dessas experiências, na formação de psicólogos(as) para que esses profissionais consigam acolher e auxiliar os sujeitos que têm esses tipos de vivências.

Por fim, percebemos, que a escolha do método de pesquisa – quantitativo e qualitativo – nos ajudou a aprofundar nos relatos das vivências dos respondentes a partir das entrevistas realizadas, fato que nos levou a responder vários questionamentos que surgiram a partir do contato com os dados quantitativos coletados via questionário Q-PREA. É importante ressaltar, mais uma vez, a importância da realização dessa pesquisa no contexto da região nordeste do Brasil, já que pesquisas semelhantes foram realizadas nas regiões sul e sudeste. Assim, percebemos que nosso processo de realização da pesquisa foi enriquecedor, apesar de ainda restarem questões a serem exploradas e aprofundadas em estudos futuros sobre esse tema.

Concluimos com a seguinte citação:

As experiências anômalas e os estados alterados de consciência podem nos ajudar a ampliar nossa apreciação pela vida, fornecer significado e ainda oferecer importante conhecimento a respeito de nós mesmos e, talvez até, do tecido do universo. (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2011, p. XV).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia dos médiuns espíritas**. 2004. 163 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade São Paulo, São Paulo.
- ALMINHANA, L. O. **A personalidade como critério para o diagnóstico diferencial entre experiências anômalas e transtornos mentais**. 2013. 246 f. Tese (Doutorado em Saúde) – Faculdade de Medicina, Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- ALVARADO, C. S. Experiências fora do corpo. *In*: CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. (org.). **Variedades da experiência anômala: análise das evidências científicas**. Tradução Fátima Regina Machado. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 139-165.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais (DSM-3)**. São Paulo: Manole, 1989.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BATISTA, B. C. **Replicação da pesquisa experiências *psi* na vida cotidiana, sua prevalência, relevância e associação com crenças e atitudes**. 2016. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.
- BRASIL. Ministério da Economia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em: 15 set. 2022.
- CAIRD, D. Religion and personality: are mystics introverted, neurotic or psychotic? **The British Journal of Social Psychology**, v. 26, p. 345-346, 1987.
- CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013.
- CARUNCHIO, B. F. **Experiência de quase morte: um breve guia para profissionais de saúde**. São Paulo: Independently Published/Amazon, 2018.
- CHIBENI, S. S.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos “anômalos” na Psiquiatria. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, p. 8-16, 2007. Suplemento 1.
- FREUD, S. A Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade) (1923). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 19.

FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. 9.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo (1938). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. v. 23.

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão (1927). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v. 21.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. v. 21.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 1.

FREUD, S. Totem e tabu (1913). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. 13.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 7.

GARFIELD, P. L. **Sonhos criativos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

GLICKSOHN, J. Belief in the paranormal and subjective paranormal experience. **Personality and Individual Differences**, Pergamon, v. 11, n. 7, p. 675-683, 1990.

HARALDSSON, E. Representative national surveys of psychic phenomena: Iceland, Great Britain, Sweden, USA and Gallup's multinational survey. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 53, n. 801, p. 145-158, 1985.

HARALDSSON, E.; HOUTKOOPEL, J. M. Psychic experiences in the multinational human values study: who reports them? **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 85, n. 2, p. 145-165, 1991.

HOLT, N.; SIMMONDS-MOORE, C.; LUKE, F. C. C. **Anomalistic psychology**. New York: Red Globe Press, 2012.

HOOD, R. W. Conceptual criticism of regressive explanations of mysticism. **Review of Religious Research**, Netherlands, v. 17, p. 179-188, 1976.

IRWIN, H. A study of the measurement and correlates of paranormal belief. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 79, n. 3, p. 301-326, 1985.

JUNG, C. G. **Psychology and religion**. Princeton: Princeton University Press, 1973.

KOENIG, H. G. **Espiritualidade no cuidado com o paciente**: por quê, como, quando e o quê. São Paulo: Editora FE, 2001.

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LUKOFF, D.; LU, F. G.; TURNER, R. Cultural considerations in the assessment and treatment of religious and spiritual problems. **Psychiatric Clinics of North America**, Philadelphia, v. 18, n. 3, p. 467-85. 1995.

MACHADO, F. R. **A causa dos espíritos**: um estudo sobre a utilização da parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil. 1996. (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

MACHADO, F. R. Experiências anômalas (extra-sensório-motoras) na vida cotidiana e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 30, n. 79, p. 462-483, 2010.

MACHADO, F. R. **Experiências anômalas na vida cotidiana**: experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crença, atitudes e bem-estar subjetivo. 2009. (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MACHADO, F. R.; ZANGARI, W. Experiências Anômalas/Religiosas e Psicologia Anomalística: Implicações e manejo. *In*: ALMINHANA, L. O. *et al.* **Experiências espirituais e prática clínica**: o que profissionais da saúde devem saber? Reflexões e bases conceituais: início de conversa. Porto Alegre: KDP/Amazon, 2021. v. 1. p. 39-76.

MACHADO, F. R.; ZANGARI, W. Experiências de quase morte: vivências que ressignificam a vida. *In*: FREITAS, M. H.; AQUINO, T. A. A. A.; PAIVA, G. J. (org.). **Morte, psicologia e religião**. São Paulo: Fonte Editorial e Edições Terceira Via, 2016. p. 245-260.

MARTINS, L. B.; ZANGARI, W. Relações entre experiências anômalas tipicamente contemporâneas, transtornos mentais e experiências espirituais. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 39, n. 6, p.198-202, 2012.

MASLOW, A. **The farther reaches of human nature**. New York: Viking, 1971.

MENEZES JÚNIOR, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 75-82, 2009.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; CARDEÑA, E. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. s21-s28, maio. 2011. Suplemento.

PALMER, J. A community mail survey of psychic experiences. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 73, n. 3, p. 221-251, 1979.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 34, p. 126-135, 2007. Suplemento 1.

PARGAMENT, K. I. Religião e enfrentamento: o estado atual do conhecimento. *In*: FOKMAN, S. (ed.). **Biblioteca de psicologia de Oxford**. Reino Unido: Oxford University Press, 2007.

PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; PEREZ, L. M. Os muitos métodos de enfrentamento religioso: Desenvolvimento e validação inicial do RCOPE. **Revista de Psicologia Clínica**, São Paulo, v. 56, n. 4, p. 519-543, 2000.

REICHOW, J. **Estudo de experiências anômalas em médiuns e não médiuns: prevalência, relevância, diagnóstico diferencial de transtornos mentais e relação com qualidade de vida**. 2017. 568 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RHINE, L. E. **Canais ocultos do espírito**. São Paulo: BestSeller, 1966.

TARG, E.; SCHLITZ, M.; IRWIN, H. J. Experiências relacionadas a psi. *In*: CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. (org.). **Variedades da experiência anômala: análise das evidências científicas**. Tradução Fátima Regina Machado. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 167-191.

TIEN, A. Y. Distributions of hallucinations in the population. **Social Psychiatry and Psychiatry Epidemiology**, Berlin, v. 26, n. 6, p. 287-292, 1991.

TORRES, C. M. **Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro**. 2016. 163 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ZANGARI, W. **Incorporando papéis: uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em Médiuns de umbanda**. 2003. 350 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ZANGARI, W. **Parapsicologia e religião: a importância das experiências parapsicológicas para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos religiosos**. 1996. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. (org.). **Cartilha virtual “psicologia & religião”**: histórico, subjetividade, saúde mental, manejo, ética profissional e direitos humanos. São Paulo: InterPsi-IPUSP, 2018a. Disponível em: <http://interpsi.org/cartilha>. Acesso em: 7 maio 2022.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. Abordagem psicológica dos fenômenos incomuns. *In: ANTÚNEZ, A. E. A.; SAFRA, G. (org.). Psicologia clínica da graduação à pós-graduação*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018b. p. 323-330.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. Survey: incidence and social relevance of brazilian university students' psychic experiences. **European Journal of Parapsychology**, Utrecht, v. 12, p. 75-87, 1996.

APÊNDICES

9. Evangélica (Especifique a denominação:)
10. Umbanda
11. Candomblé
12. Uma outra religião de origem africana ou afro-brasileira (Especifique:.....)
13. Espiritismo Kardecista
14. Budista (Alguma tradição em especial? Especifique:.....)
15. Alguma outra religião oriental (Especifique:.....)
16. Wicca
17. Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.
18. Sou agnóstico(a), ou seja, não pertencço a nenhuma religião, tenho dúvidas quanto à existência de um Ser Divino, mas não nego a possibilidade de sua existência.
19. Sou ateu/ateia.
20. Sou esotérico(a).
21. Outra, não apontada acima:.....

9.) Você se considera:

1. nem um pouco religioso(a)
2. um pouco religioso(a)
3. moderadamente religioso(a)
4. muito religioso(a)

10.) Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e/ou do ambiente sem a utilização da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato?

1. não
2. tenho dúvida
3. sim

11.) Você acredita no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos sem que estes sejam tocados ou sem usar qualquer força física conhecida?

1. não
2. tenho dúvida
3. sim

12.) Você acredita em reencarnação, ou seja, que é possível, depois da morte, voltar à vida terrena em um outro corpo?

1. não
2. tenho dúvida
3. sim

13.) Você acredita:

(Pode assinalar mais de uma alternativa)

1. no poder dos cristais
2. no poder dos pêndulos
3. na numerologia
4. na astrologia
5. Não acredito em nada disso.

14.) Você já praticou/fez meditação transcendental ou zen, hipnose, yoga ou usou alguma outra técnica formal para "relaxar" a mente?

1. não
2. sim

15.) Você já usou drogas ou remédios que tenham provocado um "aumento ou expansão" de sua consciência?

1. não
2. sim

16.) Você já buscou ajuda para si mesmo ou se consultou com: **(Pode assinalar mais de uma alternativa)**

1. psicólogo
2. psiquiatra
3. psicanalista
4. Nunca busquei ajuda ou me consultei com algum desses profissionais.

17.) Você acredita que a sobrevivência da alma ou do espírito após a morte é:

1. impossível
2. improvável
3. possível
4. provável
5. uma certeza
6. Não tenho nenhuma opinião a respeito disso.

18.) Com quais dos tipos de pessoas listadas abaixo, você já buscou seriamente informação, ajuda ou aconselhamento para si mesmo? **(Pode assinalar mais de uma alternativa.)**

1. médium, clarividente ou "paranormal"
2. cartomante e/ou tarólogo(a)
3. astrólogo(a)
4. pessoa que realiza cura espiritual
5. quiromante (pessoa que faz leitura da mão)
6. jogador(a) de búzios
7. Outros. (Por favor especifique:.....)
8. Nunca procurei informação, ajuda ou aconselhamento com nenhum dos tipos de pessoas listadas acima.

Se você assinalou o item 8 na questão anterior, passe diretamente à questão 19. Se você assinalou algum dos outros itens, responda as questões de 18A a 18C abaixo.

18A) Quantas vezes você já consultou essa(s) pessoa(s)?

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

18B) Alguma dessas informações, auxílios ou aconselhamentos influenciou ou mudou alguma decisão importante que você tenha tomado em sua vida?

1. não 2. sim

18C) Em média, como você avaliaria sua(s) experiência(s) com essa(s) pessoa(s)?

1. Muito proveitosas
2. Proveitosas de alguma forma
3. De nenhum valor
4. Prejudiciais
5. Muito prejudiciais

Nos itens seguintes, se a questão se referir a quantas vezes você teve um determinado tipo de experiência, por favor, circule o número de vezes que julgar mais aproximado.

19.) Você já sonhou de modo bem claro e específico com algum fato ocorrido antes, durante ou depois do momento em que você estava sonhando, sem que você tivesse conhecimento do fato previamente ou não estivesse esperando que aquilo acontecesse?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 19A a 19O. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 20.

19A) Quantas vezes você já teve esse tipo de sonho?

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

19C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

19D) Quantos desses sonhos pareciam ser mesmo realidade, diferente de outros sonhos comuns?

- 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19E) Quantos desses sonhos diziam respeito a membros de sua família?

- 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19F) Quantos desses sonhos diziam respeito a amigos(as) seus?

- 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19G) Quantos desses sonhos diziam respeito a pessoas que você conhece, mas com as quais você não tem laços de amizade?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19H) Quantos desses sonhos diziam respeito a pessoas que você não conhecia?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19I) Quantos desses sonhos diziam respeito a você mesmo(a)?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19J) Em quantos desses casos você contou a alguém que teve esse sonho **antes de saber, por "vias normais", que o fato havia realmente acontecido?**

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19L) A que você atribui a ocorrência desse tipo de sonho?

- | | |
|---|---|
| 1. Mensagem de Deus | 7. Mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Mensagem do Espírito Santo | 8. Mensagem do demônio |
| 3. Mensagem do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Mensagem de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Mensagem de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

19M) Quantos desses sonhos envolviam fatos trágicos tais como acidentes ou mortes?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19N) Quantos desses sonhos envolviam coisas positivas, como, por exemplo, boas notícias?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

19O) A vivência desses sonhos provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

20.) Você já teve, enquanto acordado(a), um forte sentimento (intuição), impressão ou "visão" de que um fato inesperado tivesse acontecido, estava acontecendo ou iria acontecer e soube, mais tarde, que esse fato realmente aconteceu?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 20A a 20O. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº21.

20A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20B) Em quantos desses casos você "viu" o fato, ao invés de só ter tido uma forte impressão ou sensação de que algo havia ocorrido, estava ocorrendo ou iria ocorrer?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20C) Quantas dessas experiências diziam respeito a membros de sua família?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20D) Quantas dessas experiências envolviam amigos(as) seus?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20E) Quantas dessas experiências diziam respeito a pessoas que você conhece, mas com as quais você não tem laços de amizade?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20F) Quantas dessas experiências diziam respeito a pessoas que você não conhecia?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20G) Quantas dessas experiências diziam respeito a você mesmo(a)?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20H) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

20I) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

20J) Em quantos desses casos você contou a alguém que você tinha tido essa experiência **antes de saber, por "vias normais", da ocorrência do fato?**

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20L) A que você atribui essa intuição, impressão ou visão?

- | | |
|---|---|
| 1. Mensagem de Deus | 7. Mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Mensagem do Espírito Santo | 8. Mensagem do demônio |
| 3. Mensagem do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Mensagem de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Mensagem de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

20M) Quantas dessas experiências envolveram fatos trágicos como acidentes ou mortes?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20N) Quantas dessas experiências envolviam coisas positivas, como, por exemplo, boas notícias?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20O) A vivência dessas experiências provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

21.) Alguma vez, **enquanto estava acordado(a)**, você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou "natural"? (**Por favor, não inclua aqui experiências com figuras religiosas.**)

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 21A a 21P. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 22.

21A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21B) Em quantos desses casos você "viu" alguma coisa? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21C) Em quantos desses casos você "ouviu" alguma coisa? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21D) Em quantos desses casos você sentiu ser tocado por algo/alguém?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21E) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por um membro de sua família?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21F) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por um(a) amigo(a)?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21G) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por alguém que você conhece, mas com quem você não tem laços de amizade?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21H) Quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por pessoas que você não conhecia?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21I) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por alguém que já havia morrido?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21J) Em quantos desses casos a experiência trouxe para você alguma informação importante, inesperada, que avisou você de algo ou auxiliou na resolução de algum problema?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21L) Em quantos desses casos você contou a alguém que você teve essa experiência?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21M) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

21N) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

21O) A que você atribui a ocorrência dessa experiência de ver, ouvir ou ser tocado por alguma coisa ou alguém que aparentemente não estava presente?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

21P) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

22.) Alguém já lhe contou que teve um sonho, "visão" ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo **você**, sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via "normal" ou convencional?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 22A a 22L. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 23.

22A) Quantas vezes isso ocorreu?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22B) Em quantos desses casos você estava pensando nessa outra pessoa justamente quando ela teve esse sonho, visão ou intuição sobre algo que tinha acontecido, aconteceria ou estava acontecendo com você?

não sei 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22C) Em quantos desses casos essa pessoa era um membro de sua família?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22D) Em quantos desses casos essa pessoa era um(a) amigo(a) seu?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22E) Em quantos desses casos essa pessoa era sua conhecida, mas você não tinha laços de amizade com ela?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22F) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

22G) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

22H) A que você atribui essa maneira de obter informação sobre alguém ou um fato?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

22I) Quantas dessas experiências envolveram fatos trágicos como acidentes ou mortes ?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22J) Quantas dessas experiências envolviam coisas positivas, como, por exemplo, boas notícias?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22L) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

23.) Você já teve alguma experiência em que você sentiu como se se deslocasse "para fora" ou "para longe" de seu corpo, isto é, sentiu que sua consciência ou que sua mente estava em algum lugar diferente de seu corpo físico? (Se estiver em dúvida se teve ou não esse tipo de experiência, por favor, responda "não".)

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 23A a 23F. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 24.

23A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

23B) Em quantos desses casos você "viajou" para lugares distantes e/ou desconhecidos, "viu" ou "ouviu" o que estava acontecendo lá e, depois, mais tarde, confirmou que essas informações correspondiam à realidade?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

23C) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

23D) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

23E) A que você atribui a possibilidade de **conhecer** o que está distante do corpo físico durante a experiência de "sair do corpo"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

23F) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

24.) Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 24A a 24E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº25.

24A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

24B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

24C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

24D) A que você atribui a ocorrência desse tipo de movimentação e/ou quebra de objetos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

25.) Você já presenciou luzes se acenderem e/ou se apagarem repetidamente ou aparelhos elétricos se ligarem sozinhos, ou pararem de funcionar, de forma "misteriosa", sem que aparentemente houvesse algum problema com esses aparelhos ou com a energia elétrica no local?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 25A a 25E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 26.

25A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

25B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

25C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

25D) A que você atribui esses eventos "misteriosos" ocorridos com a eletricidade e/ou com aparelhos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

25E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

26.) Você já presenciou o aparecimento de água em um local sem que fosse encontrado algum vazamento ou alguém que fosse responsável pela origem daquela água?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 26A a 26E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 27.

26A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

26B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

26C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

26D) A que você atribui a ocorrência de aparecimento "misterioso" de água?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

26E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

27.) Você já presenciou o aparecimento de fogo (pequenos incêndios) sem que aparentemente alguém tivesse ateado fogo no local ou sem que o fogo tivesse sido gerado por algum problema elétrico?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 27A a 27E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº28.

27A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

27B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

27C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

27D) A que você atribui a ocorrência desses incêndios "misteriosos"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

27E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

28.) Você já presenciou tijolos ou pedras caindo ou que apareceram dentro de um local fechado (casa, apartamento, escritório, escola, igreja etc.) sem que aparentemente alguém tivesse atirado esse material para dentro do local?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 28A a 28F. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 29.

28A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

28B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

28C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

28D) As pedras ou tijolos caíram ou surgiram dentro do local sem danificar o telhado?

1. não 2. sim

28E) A que você atribui essa "misteriosa" chuva de pedras ou tijolos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

28F) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

29.) Você já presenciou o aparecimento de dejetos (fezes, lixo) ou terra em mantimentos e/ou comida preparada, e/ou infestação repentina de insetos sem que se pudesse encontrar um motivo normal para essa ocorrência ou alguém que fosse responsável por isso?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 29A a 29E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 30.

29A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

29B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

29C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

29D) A que você atribui esse aparecimento de insetos ou dejetos/terra em mantimentos e/ou na comida?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

29E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

30.) Você já sentiu correntes de ar (vento) e/ou quedas repentinas de temperatura dentro de um local onde não houvesse nenhuma janela ou porta aberta nem sistema de ar ou ventilação que pudessem causá-las?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 30A a 30E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 31.

30A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

30B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

30C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

30D) A que você atribui essas correntes de ar ou repentinas quedas de temperatura "misteriosas"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outros. Especifique:..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

30E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

31.) Você já esteve ou morou em alguma casa ou lugar que você acreditava ser "assombrado" ?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 31A a 31E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 32.

31A) Nesse lugar ou casa, você viu algum vulto ou fantasma, ouviu ruídos ou vozes, que lhe trouxessem alguma informação que pudesse se referir ao passado daquele local?

1. não 2. sim

31B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

31C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

31D) A que você atribui os eventos que fazem com que um local seja considerado "assombrado"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique:..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

31E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

32.) Você já teve alguma experiência em que sentiu como se seus sentidos se misturassem? Por exemplo, ouviu algum tipo de som e, ao mesmo tempo, teve algum tipo de visão ou sentiu algum tipo de gosto?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 32A a 32F. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 33.

32A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência?

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

32B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. sim

32C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

32D) Quão forte foi essa experiência perceptiva para você na intensidade em que estimulou os outros sentidos?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

32E) A que você atribui esse tipo de percepção em que um estímulo em um sentido é percebido por um ou mais dos seus outros sentidos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

32F) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

33.) Você já teve alguma experiência em que se percebeu dormindo e sonhando e, em algum momento, ficar consciente de estar sonhando e a partir disso poder controlar o sonho?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 33A a 33E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 34.

33A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

33B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?

1. não 2. Sim

33C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?

1. não 2. sim

33D) A que você atribui esse tipo de percepção em que estava consciente durante um sonho?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

33E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

34.) Você alguma vez já teve a experiência de ter sido levado de forma secreta ou contra a sua vontade por seres extraterrestres ou que você não considera humanos para um outro lugar ou para uma nave espacial?

1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 34A a 34E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 35.

34A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

34B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?
1. não 2. Sim

34C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

34D) A que você atribui esse tipo de experiência de ter sido levado por esses seres para uma nave ou outro lugar?

1. Ação de Deus	7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
2. Ação do Espírito Santo	8. Ação do demônio
3. Ação do Anjo da Guarda	9. Ação de seres extraterrestres
4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a)	10. Coincidência.
5. Ação de espíritos desencarnados	11. Outro. Especifique.....
6. Poder da mente	

34E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?
Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)
0 1 2 3 4 5

34.1) Alguma vez você foi submetido a exames ou experiências de qualquer tipo realizadas por esses seres?
1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 34.1A a 34.1D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 35.

34.1A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

34.1B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?
1. não 2. Sim

34.1C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

34.1D) A que você atribui esse tipo de experiências realizadas por esses seres?

1. Ação de Deus	7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
2. Ação do Espírito Santo	8. Ação do demônio
3. Ação do Anjo da Guarda	9. Ação de seres extraterrestres
4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a)	10. Coincidência.
5. Ação de espíritos desencarnados	11. Outro. Especifique.....
6. Poder da mente	

35.) Você já teve alguma experiência em que você se sentiu como se fosse uma pessoa diferente da sua identidade ou da vida atual, num tempo ou numa vida anterior?
1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 35A a 35E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 36.

35A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

35B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?
1. não 2. Sim

35C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

35D) A que você atribui esse tipo de percepção de alteração de identidade e de se sentir num lugar ou tempo anterior?

1. Ação de Deus	7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
2. Ação do Espírito Santo	8. Ação do demônio
3. Ação do Anjo da Guarda	9. Coincidência
4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a)	10. Vida passada
5. Ação de espíritos desencarnados	11. Outro. Especifique.....
6. Poder da mente	

35E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?
Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)
0 1 2 3 4 5

36.) Você já teve alguma experiência em que foi declarado clinicamente morto e ressuscitou, na qual você se sentiu plenamente ou parcialmente consciente, com lembranças das experiências que teve durante o período em que estava clinicamente morto?

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 36A a 36E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 37.

36A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

36B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?
1. não 2. Sim

36C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

36D) A que você atribui esse tipo de percepção durante uma experiência em que estava clinicamente morto?

1. Ação de Deus	7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
2. Ação do Espírito Santo	8. Ação do demônio
3. Ação do Anjo da Guarda	9. Coincidência.
4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a)	10. Outro. Especifique.....
5. Ação de espíritos desencarnados	
6. Poder da mente	

36E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?
Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)
0 1 2 3 4 5

37.) Você já teve alguma experiência em que se sentiu curado de alguma doença de uma maneira que não pode ser atribuída a Medicina?

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 37A a 37E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 38.

37A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

37B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?
1. não 2. Sim

37C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

37D) A que você atribui esse tipo de cura?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

37E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

38.) Você alguma vez já teve uma experiência que você definiria como uma experiência em que você se sentiu conectado com algo muito maior que você, como se estivesse em unidade com o universo, com profunda compreensão sobre o sentido da vida, com fortes sentimentos associados e sentiu essa experiência como absolutamente real?

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 38A a 38E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 39.

38A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ?
1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

38B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas?
1. não 2. Sim

38C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

38D) A que você atribui esse tipo de conexão com o universo e o significado desta experiência?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

38E) A vivência dessa experiência provocou algum sofrimento para você?

Circule o número correspondente à sua resposta, sendo 0 (nenhum sofrimento), 1 (pouquíssimo sofrimento), 2 (pouco sofrimento), 3 (sofrimento moderado), 4 (muito sofrimento) e 5 (sofrimento intenso)

0 1 2 3 4 5

39.) Assinale todas as alternativas que combinam com o que você pensa / sente sobre as experiências pessoais tratadas neste questionário:

1. Gosto de comentar com amigos(as) e/ou familiares sobre as minhas experiências indicadas neste questionário.
2. Gosto de saber que outras pessoas também passam por experiências parecidas com aquelas que vivenciei e estão indicadas neste questionário.
3. Apesar de ter vivido experiências indicadas neste questionário, não gosto de falar sobre elas com as outras pessoas com medo de que me achem maluco(a) ou ridículo(a).
4. Tenho muito medo dessas experiências que ocorrem comigo e, se eu pudesse, gostaria de me livrar disso e nunca mais passar por algo assim.
5. As pessoas que passam por essas coisas são demoníacas.
6. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário, mas me interesse por esse assunto.
7. Considero que as pessoas vivem esses tipos de experiências têm um dom especial.
8. A religião tem me ajudado a lidar com essas minhas experiências e a entendê-las.
9. Tenho medo desses fenômenos e não gosto nem de ouvir nem de falar sobre eles.
10. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário e não tenho interesse por esse assunto.
11. Já ouvi muitas pessoas relatarem sobre essas experiências ou fenômenos, mas considero que esses relatos devem ser fruto de imaginação.
12. Para mim, essas experiências ocorrem por falhas na percepção e/ou erros na interpretação de eventos absolutamente normais.
13. As pessoas que relatam essas experiências são loucas.
14. Nunca vivenciei experiências / fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças religiosas.
15. Essas experiências ou fenômenos são provas da existência de um mundo espiritual.

40.) Circule todas as alternativas que se apliquem a você, considerando suas experiências indicadas no questionário:

ATENÇÃO: Caso você não tenha vivenciado nenhuma das experiências referidas nas perguntas anteriores, não assinale nenhuma alternativa nesta questão nem nas questões 41 e 42. Vá direto para questão 43.

1. Alguma(s) das experiências pessoais que indiquei nesta pesquisa me "salvou"/"salvaram" [ou poderia(m) ter-me salvado] de um acontecimento sério ou trágico como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte.
2. Livrei-me de um problema, fui salvo(a) ou poderia ter sido salvo(a) de um acontecimento sério ou trágico como de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte porque uma pessoa disse ter tido um "aviso" (pressentimento, sonho, visão ou intuição) e me alertou sobre algo que aconteceria comigo.
3. Alguma(s) das minhas próprias experiências indicadas nesta pesquisa "salvou"/"salvaram" outra(s) pessoa(s) [ou poderia(m) tê-la(s) salvado] de um acontecimento sério ou trágico, como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte, ou ajudou a evitar algum outro tipo de problema.
4. Minhas experiências apontadas neste questionário, ou algumas delas, confirmaram as minhas crenças religiosas.
5. Mudei de religião por causa de minhas experiências. (Antiga religião:; Religião atual:.....)
6. Eu não tinha religião, mas por causa dessas minhas experiências, adotei uma religião. (Qual?))
7. Por causa dessas experiências, deixei de ter uma religião específica e passei a frequentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes.
8. Por causa dessas minhas experiências, me tornei esotérico(a).
9. Por causa dessas minhas experiências, passei a acender velas.
10. Por causa dessas minhas experiências, passei a fazer mais orações.
11. Por causa dessas minhas experiências, passei a praticar mais a caridade (ajudar os outros).
12. Por causa dessas minhas experiências, deixei de sersupersticioso(a).
13. Por causa dessas minhas experiências, passei a sersupersticioso(a).

14. Já era supersticioso(a) e, por causa dessas minhas experiências, passei a ser mais supersticioso(a) ainda.
15. Por causa dessas minhas experiências passei a acreditar mais em Deus.
16. Por causa dessas minhas experiências, passei a estudar mais para entendê-las.
17. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei no questionário, elas não tiveram nenhuma influência sobre as minhas crenças ou descrenças religiosas.
18. Por causa das minhas experiências, ocorreu/ocorreram mudança(s) nas minhas crenças ou atitudes religiosas que não foi/foram citada(s) acima. Essa(s) mudança(s) foi/foram:
.....

41.) Alguma das experiências que você indicou até aqui **influenciou** ou **ajudou** alguma das importantes **decisões** que você tomou em sua vida em relação a:

(Circule todas as alternativas que se aplicam a você.)

1. sua escolha de um amigo ou círculo de amigos.
2. sua escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer.
3. entrar ou não para as forças armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica)
4. se iria aceitar ou abrir mão de um emprego ou se ia entrar ou sair de uma sociedade.
5. se deveria tirar uma folga do trabalho ou umas férias, ou passar a se dedicar um *hobby*.
6. mudar-se para uma outra parte do país ou do mundo.
7. qual partido político apoiar ou em que candidato votar.
8. com quem namorar/ficar ou não; com quem se casar ou não se casar; divorciar-se.
9. ter ou não um filho.
10. que nome dar ao filho(a).
11. adquirir uma casa ou parte de uma propriedade.
12. adquirir um carro ou algum utensílio importante.
13. mudar sua dieta ou hábitos alimentares; melhorar seu estado de saúde ou aptidão física.
14. seu estilo de vida; seus ideais, propósitos ou objetivos de vida.
15. Outros. (Por favor, especifique.....)
16. Nenhuma das minhas experiências indicadas neste questionário influenciou nas decisões que já tomei.

42.) Circule todas as alternativas abaixo que se apliquem a você.

Alguma das suas experiências indicadas por você até agora nesta pesquisa influenciou ou mudou significativamente algum de seus sentimentos ou atitudes em relação a:

1. Você mesmo, quem você é, o tipo de pessoa que você é
2. Sua visão da natureza humana, de seu companheiro ou de alguma raça em particular
3. Sociedade, governo, burocracia, cumprimento das leis
4. Terra, natureza, ecologia, viver no campo
5. Vida, seu significado e propósito, juventude, saúde
6. Medo da morte, envelhecimento, dor
7. Guerra, exército, ódio
8. Sexo, casamento, amor
9. Família, pais, filhos, amigos
10. Estudo, formação educacional
11. Negócios, indústria, trabalho, capitalismo
12. Ciência e tecnologia.
13. Riquezas materiais, posses, egoísmo
14. Reputação pessoal, posição de poder e controle.
15. Mídia, publicidade, fontes de entretenimento, notícias e informações (TV, rádio e jornais)
16. Suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer
17. Outro(s). (Por favor, especifique.....)
18. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei no questionário, elas não fizeram nenhuma diferença na minha visão de mundo ou no modo como encaro a vida.

- 43.) Você gostaria de participar de outras pesquisas sobre os temas tratados neste questionário?
1. não 2. sim

Se respondeu “sim”, deixe aqui seu e-mail e/ou telefone para contato:

.....
.....

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO!

LEMBRE-SE: Se desejar contar mais detalhadamente alguma(s) das experiências apontadas no questionário, escreva para rafisa.lobato@usp.br ou deixe seu telefone/endereço para contato.

APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada

- 01- Qual(is) tipo(s) de experiência(s) anômala(s) você teve/tem?
- 02- Quando a vivência dessa(s) experiência(s) começou/começaram?
- 03- Como é/foi para você vivenciar essa(s) experiência(s)?
- 04- Você respondeu no questionário que essa(s) experiência(s) provocou/provocaram sofrimento em você. Como você lida/lidou com esse sofrimento?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

USP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na Grande São Luís.
Pesquisador responsável: Prof. Dr. Wellington Zangari
Pesquisadora assistente: Rafisa Moscoso Lobato Rêgo
Doutorado: Programa de Psicologia Social do IP-USP (PST)

O Sr(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Quando o “sobrenatural” gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na Grande São Luís**”. Neste estudo pretendemos verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas.

O motivo que nos leva a estudar esse tema é a ausência de pesquisas sobre esse tema nessa região do Brasil, assim como a necessidade de conhecer melhor as experiências humanas.

A pesquisa tem como objetivo verificar a prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, situada no estado brasileiro do Maranhão, de modo a conhecer os tipos de experiências vivenciadas.

Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela **Resolução nº 466/2012 do CONEP – Conselho Nacional de Saúde**, podendo o(a) senhor(a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: aplicação do *Questionário de Prevalência e Relevância de Experiências Anômalas (Q-PREA)*, com algumas adaptações, o qual será respondido on-line a partir da plataforma *Google*

Forms. E, realização de entrevista semiestruturada com algumas pessoas selecionadas após responder o questionário descrito anteriormente.

O tempo total de duração da entrevista e de preenchimento do questionário será de aproximadamente 01(uma) hora e 30(trinta) minutos.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Porém, de qualquer modo, gostaríamos de deixar claro que será garantido o ressarcimento de eventuais despesas tidas pelos participantes da pesquisa e delas decorrentes. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora.

Ao preencher o questionário e/ou ser entrevistado(a), você poderá, eventualmente, sentir algum desconforto, sofrimento ou reflexão sobre a sua vida. Nestes casos, terá acolhimento e atendimento imediato pela pesquisadora e, havendo necessidade (na sua perspectiva e/ou da pesquisadora) e se desejar, poderá receber apoio psicoterapêutico gratuito posterior até que as circunstâncias retornem à regularidade.

Com relação aos benefícios deste estudo, colaborar através da presente pesquisa na ampliação de conhecimentos acerca da prevalência das experiências anômalas em uma amostra da população da Região Metropolitana da Grande São Luís, contribuindo assim para os conhecimentos da área psicológica; assim como, aumentar seu autoconhecimento a respeito dos temas abordados no estudo e recebimento dos resultados do questionário preenchido.

Caso haja interesse de sua parte em saber o resultado da avaliação você poderá entrar em contato por um dos e-mails ou telefones abaixo relacionados e será marcada uma nova entrevista para devolução dos resultados em nenhum custo adicional.

A coleta de dados será realizada pela pesquisadora assistente Rafisa Moscoso Lobato Rêgo, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob supervisão do pesquisador responsável Prof. Dr. Wellington Zangari. Em caso de dúvida, poderá contatar os pesquisadores pelo seguinte endereço institucional: Instituto de Psicologia

da USP, Av. Professor Mello Moraes, 1721 - Bloco A, sala 111; assim como pelos seguintes endereços de e-mail: rafisa.lobato@usp.br e w.z@usp.br ou pelo telefone (98) 98235 1035. Se preferir, pode também contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2 andar, sala 27. Telefone: (11)3091 4182, e-mail: ceph.ip@usp.br.

A pesquisadora irá tratar sua a identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Todos os materiais, questionário e documentos resultantes da pesquisa ficarão arquivados no Instituto de Psicologia da USP, no InterPSI – Laboratório de Estudos Psicossociais Crença, Subjetividade, Cultura e Saúde, cujo endereço encontra-se no final deste termo de consentimento.

O(A) Senhor(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados do estudo poderão ser publicados em meios científicos.

Este termo de consentimento encontra-se em duas vias impressas, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no InterPSI - Laboratório de Estudos Psicossociais Crença, Subjetividade, Cultura e Saúde e a outra será fornecida a você.

Consentimento da participação da pessoa como voluntário(a)

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, CPF _____, fui informado(a) dos objetivos do estudo **“Quando o ‘sobrenatural’ gera sofrimento: prevalência e impacto das experiências anômalas na Grande São Luís”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luís ___ de ___ de 2021.

Nome	Assinatura do participante	Data
	<i>Rafisa Lobato</i>	
Nome: Rafisa Lobato	Assinatura do pesquisador	Data

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2 andar, sala 27. Telefone: (11)3091 4182, e-mail: ceph.ip@usp.br

Agradecemos sua colaboração.

Rafisa Lobato
Doutoranda

Prof. Dr. Wellington Zangari
Orientador

Obs.: Se desejar relatar mais detalhadamente alguma das experiências apontadas no questionário, escreva para rafisa.lobato@usp.br

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas

Participante 1

Você já teve alguma experiência anômala ou está tendo?

Estou tendo. Está bem presente só que no momento ela não está causando sofrimento.

Qual foi a experiência?

Eu comecei frequentando os rituais xamânicos, frequentei durante um ano. Então, durante o ano...eu confirmo que eu..é, esse foi sofrido...esse daí, é foi a parte que eu senti muito porque foi o meu primeiro contato. Então, nos rituais vinha né, é... o ritual xamânico trabalha sua experiência negativa que está dentro de si, então, você coloca para fora tudo aquilo que é ruim, que é mal, que é horrível... Você vomita. Você faz xixi. Você faz cocô. E você visualiza, sente, ouve, você tem todos os sintomas que podem ser físicos, orgânicos, da situação. Então, durante os rituais, eles duravam 4 horas, cada ritual e de 15 em 15 dias. Mas não tinha uma orientação do que tava acontecendo, como era, por que aquilo. Então, no primeiro ritual, eu surtei... eu fico rindo mas foi desesperador

Sim... eu imagino

Eu surtei porque vivenciei toda a minha vida em 4 horas... então, é...

Você ingeriu ayahuasca ou algum outro chá?

Isso. A gente ingere ayahuasca, somente. Tem a utilização do rapé, mas eu não tinha condições de ter essa experiência e nessas 4 horas entrou todo meu contexto de vida, da minha adoção, de abuso sexual que eu sofri, de todo o aspecto de rejeição, de ambiente de trabalho, de vida social com amigos, de família... então, quando chegou, principalmente, na parte da adoção, né... que foi uma das primeiras coisas que eu me vi no feto, sendo feto na barriga da minha mãe, sendo a rejeitada, que eu tive a percepção de como essa rejeição, eu...trazia ela pra minha vida hoje, aí que entra todo um processo de terapia

Sim

Eu acho extremamente importante. Eu não sei como eu iria trabalhar essas situações, vindo a cada 15 dias uma demanda diferente, não estando em terapia né... eu literalmente, teria pirado. Então, veio essa questão do abuso que eu não sabia como ela tava tão presente ainda hoje porque todas essas questões pra mim, tava tudo

certo, tava tudo resolvido, né... e o chá, ele faz isso né, ele faz você ver tudo de ruim que tá dentro de você, pra você trabalhar aquilo e cada vez mais ir trabalhando aos poucos. Então, o fato de eu não saber lidar com aquelas situações, do padrinho e da madrinha não saber intermediar bem, me causava muito sofrimento. Sofrimento, por tá lidando com tudo aquilo que é doloroso pra gente e não ter respaldo, a não ser o da minha psicóloga que nem ela entendia porque nunca foi no ritual

Sim

Né... então, como que eu fiquei? Eu fiquei um ano frequentando os rituais, entendendo de pouquinho a pouquinho, até encontrar a umbanda.

Isso foi quando ?

O início ou o fim?

O início.

O início foi outubro de 2019.

Certo. É relativamente recente, né?

É. Foi uma mudança. Eu vim pra Araraquara, por conta do mestrado e aqui começou toda minha transformação religiosa

Sim

Começou a ser trabalhado meu lado espiritual. Eu digo que não foi o mestrado que me trouxe.

Sim

Eu digo que tava tudo em prol pra mim vim. E eu tô aqui cumprindo o que tenho que cumprir, né. E eu deixei de frequentar os rituais em outubro de 2020... é que teve um tempo que fiquei 6, 8 meses sem ir

Deve ter sido por conta da pandemia será?

Também. Isso, ficou um tempo parado por conta da pandemia. Aqui é muito louco. Enquanto aí tá funcionando tudo, a gente tá em lockdown ou quando a gente sai vocês entram... Bem confuso..., mas foi isso mesmo. E durante os rituais, principalmente nos últimos, eu comecei a ter contato com entidades da umbanda. E eu comecei a ficar curiosa... o quê que é isso que tá aparecendo pra mim? Quem é esse preto velho que tá querendo cuidar do meu pulmão e eu não tô deixando? Quem é essa índia que tá parecendo que quer me guiar e eu não sei quem é? E eu comecei a frequentar um grupo de estudo sobre a umbanda. Fiquei quatro meses frequentando o grupo de

estudo. Até que eu entrei pra gira. Hoje, eu faço parte da corrente e como sempre vai uma sexta sim e 10 não, por conta da pandemia.

Aqui também tá parado

Mas com muita frequência... Hoje, da umbanda, eu não considero uma experiência ruim. Eu digo que tá sendo amorosa e a cuidadora. Que eles tanto tentavam me passar no ritual xamânico e eu não consegui ver. Não foi a... algo não foi pra mim. O ritual foi uma descoberta e a umbanda é o que tá sendo a minha casa hoje.

Nesse caso, só pra eu entender um pouco, é do mesmo grupo religioso que você frequentava?

Não

E como foi isso? Eram grupos diferentes?

Isso. Eu moro em Araraquara, atualmente. Os rituais eram feitos em jaú que é uma cidadezinha aqui próxima. Então o grupo... como eu disse, de 15 em 15 dias, eu ia pra jaú no sábado e voltava domingo a tarde. E depois de algumas experiências, por conta de incorporação e eu me sentindo mal, eu comecei a frequentar o ritual recebendo passe porque eu passava muito mal. E eu não tava entendendo que eu tava atraindo muitos espíritos ruins e que eles não saiam de perto enquanto eu não caminhasse. E aí, eu comecei a ficar ritual, umbanda, ritual, umbanda. E durante as giras, as entidades perguntavam que terreiro era que eu frequentava e eu muito tonta falei “mas eu não estou em outro, eu só venho aqui”. Eles estavam se referindo ao ritual xamânico. Até que um dia ela falou que era desse terreiro que tava perguntando e que toda vez eu falava que não e aí eu fui percebendo que lá tava trazendo muitas consequências ruins por conta da minha mediunidade ficar muito aflorada, eu incorporar muitas entidades que não são de luz. Chegava ao ponto de eu passar uma semana sem querer levantar da cama. Com vontade de vomitar, sem me alimentar, dando febre, diarreia. E na hora, era por questões espirituais. E eu achando que tava com covid

Sim. Isso é bem atual. Mas atual, impossível né

Isso. Mas aí o pessoal do xamanismo entendeu bem porque eles têm esse lado da umbanda também, não sei como, de certa forma, longe, mas casam, compreendem. E, foi aquela despedida né, “madrinha, eu peço licença, eu tô saindo daqui nesse momento, mas eu vou cuidar mais desse meu lado espiritual na umbanda porque eu acho que o xamanismo não ia ter boas consequências”, sabe

Antes de você entrar nos rituais xamânicos, era uma pessoa religiosa?

Totalmente evangélica da bola de neve. E, eu cheguei aqui em Araraquara, vamos supor dia 1, dia 2 eu já tava na bola. Então, a igreja evangélica, ela me amparou. Eu ia pra igreja, só não ia na segunda porque era folga lá, não tinha nada, mas nos demais dias, quando tinha evento, eu tava lá. E dentro da bola de neve, eu falo pra todo mundo, lá eu descobri... eu fui entender quem era Deus, o que era o espírito santo, eu fui entender a bíblia, eu fui entender tudo o que minha mãe quis me passar dentro de um universo da igreja católica que nesse percurso eu era católica, ia pra missa e dormia a missa inteira, mas tava lá na missa. Então, eu tive essa compreensão do que é ser religioso, do que é ter fé, da minha fé. No meio do percurso, meu pai faleceu. Eu tava aqui em Araraquara, tive que sair da noite pro dia, só pra enterrar meu pai. Então, é aquela válvula de escape que você se apega. Dentro do bola de neve, eu já manifestava algumas questões mediúnicas porque eu falava em línguas dos anjos, como eles falam. Eu os ouvia conversarem comigo. E até então, hoje eu entendo, que era as entidades, só que elas tinham que se adaptar no que eu tava. Ali era onde eu tava tendo uma boa ação e um bom lar. Então, os guias vão se adaptando no que você tá. Se eu tava na igreja evangélica, lá o espírito santo e é os anjos que falam, lá estavam eles se manifestando. Pra eu e os demais. Mas eu era 100% evangélica.

Quando tinha essas manifestações lá na igreja evangélica, você sentia algum tipo de sofrimento ou não?

Foi uma confusão. A paz que eu sinto hoje na umbanda, não era igual na igreja evangélica. Eu não vou saber te dizer o porquê. Como eu posso explicar...eu sentia a presença de algo ali. Algo querendo me trazer paz, me sentir bem, mas sempre teve algo me incomodando internamente muito forte. É como se fosse um aperto no peito que não passava. Por mais que eu saísse do culto uma pessoa leve, uma pessoa rindo, e falando “meu deus, hoje o espírito santo me banhou completamente com sua água... obrigada Deus”. Mas aquele aperto bem no fundo tava lá presente. E isso sempre foi o meu incomodo, durante os 8 meses que eu fiquei na igreja.

Entendi

Mas eu nunca parei pra pensar e analisar o porquê. Não sei dizer.

Sim

Talvez, a cobrança. Entrou na igreja evangélica você tem que manter aquele perfil né. Eu não podia, mas andar com os meninos. Eu não podia isso... Talvez, esse fosse uma parte do incomodo. Eu não sei dizer bem. Mas sempre teve esse aperto muito forte.

Você mencionou que levou essas questões para sua psicóloga, como foi a acolhida dela em relação a isso?

No começo, foi um susto muito grande. Ela nunca tinha ouvido falar. Ela queria entender como funcionava. O quê que eu fazia. E... ela começou a associar muitas coisas da minha infância. Ela começava a ter insights de “você lembra de quando você me disse isso? Era exatamente isso que você viu”. E chegou um certo momento que ela pediu que eu não fosse mais. Só que eu como uma boa cliente dela, eu ia sempre. E ela que se virasse.

Ela pedia abertamente pra você não ir mais?

É. Ela falava porque ela percebia o quanto eu tava ficando mal. O quanto eu tava ficando confusa. O quanto eu não tava sabendo lidar com tantas informações. E o quanto isso não tava contribuindo pra minha terapia, pro meu dia a dia.

Sim

Entende? Então, ela era bem clara comigo e depois que eu me afastei por conta da umbanda. Ela falou... ela pediu desculpas, ela entende a questão do código de ética, ela sempre menciona isso. Mas ela falou “eu não sabia o que fazer com tanta demanda. Eu já tava com medo, de chegar um dia e você surtar. Porque você não sabia mais nem o que dizer.” Era como se eu começasse em A e finalizasse em Z. E não falava nada. E só trazia demanda e demanda. E a gente como psicólogo chega um ponto que a gente quer que nosso cliente tenha um progresso. Que se o problema é o “abuso sexual”, vamos focar nesse ponto da questão e trabalhar isso e depois trabalhar aquilo e aquilo. E eu não tava fazendo nenhum e nem outro. Eu ficava na questão espiritual. Tinha ele como minha válvula de escape. E os meus problemas pessoais daqui fora tava rolando, tava comendo, e é um processo de luto por conta do meu pai... e eu, trabalhava por trabalhar. Estudava por estudar, sabe. Acabou interferindo muito e eu tenho isso comigo. É a coisa que tô tendo que trabalhar na terapia, de pegar algo e colocar como foco para ser trabalhado. Então, durante as sessões chegou o momento que ela teve que pedir. Eu não atendi o pedido dela. Mas teve umas duas sessões que ela foi bem aberta quanto a isso.

E o que você acha que te ajudou nesse processo todo? Você considera que foi a religião junto com a terapia?

Sim, foi a religião junto com a terapia. Foi o casamento de ambas.

Sim.

Eu sozinha, estaria completamente perdida. Eu não me vejo, se eu tivesse só no ritual xamânico, como eu estaria hoje. Talvez, eu estaria assim mesmo, dentro da umbanda, me encaminhando. Mas os progressos que eu tive, em questão de amadurecimento, de dificuldades para identificar sentimentos, por exemplo, eu não conseguia identificar pra mim, o que era amor, ódio, raiva. Eu tive que reaprender. Então, esse aprendizado eu tive, o contato com esses sentimentos nos rituais e a terapia me ajudou a identificar que emoções eram essas porque até então nem isso eu conseguia identificar em mim. De tão confusa e vazia que eu fiquei nesse período do luto.

Participante 2**Qual tipo de experiência anômala você já teve? Ou quais, enfim.**

É, eu já tive duas vezes. Duas experiências. Eu não sei se é importante registrar isso, mas eu vou lhe dizer e a senhora fala o que é importante eu, qual detalhe importante, eu falar.

Certo.

Essas experiências que eu tive foi na época, não sei se elas também aconteceriam caso não fosse nesse contexto, mas foi na época que eu passava por depressão. Só que eu não associo ela com esse transtorno mental. Eu associo ela com uma questão espiritual mesmo. Porque foi assim, eu sou cristã, eu já era cristã, mas com 15 anos né, eu entrei em depressão, fui desenvolvendo aos poucos. Começou tipo, porque eu sempre gostei muito de estudar, mas eu me cobrava muito. Aí, eu comecei sentir assim um cansaço mental, assim um... eu não conseguia concentrar. Aí, eu fiquei assim, entrei num desespero de “meu deus! eu não vou conseguir manter minhas notas no mesmo nível”, foi a primeira coisa de estranha que aconteceu. Aí, eu comecei a desenvolver tipo, uma ansiedade. Aí, eu vomitava, eu suava, aquela coisa estranha. E aí, teve várias etapas até eu realmente chegar num ponto de ficar assim triste, depressiva, só que junto com isso aconteceram outras coisas que eu chamo de coisas pequena porque eram coisas... eu entendo que eram possíveis de eu controlar porque não era uma tragédia, mas eu não consegui controlar. Tipo assim. Aí, eu comecei naquela parte de adolescência, as vezes, eu ia me arrumar pra sair, eu achava que eu tava muito feia, e aquilo pra mim antes... isso é normal porque tem dias que a gente acha que não tá legal e depois a gente acha que tá legal. Só que passou a ficar assim muito é.... quando eu sentia isso, eu sentia um sofrimento muito grande, desproporcional, entendeu? Aí, eu tava com esse nervosismo que eu tava sentindo por tá com a mente cansada e achar que eu não ia conseguir manter as notas. Aí, começou um monte de coisinha me desestabilizar. Aí, eu comecei a fazer tratamento, mas eu... tinha tempo que eu tava melhor, eu melhorava, e tinha tempo que eu entrava em crise. Aí, foi aquele período que depois... eu entrei na fase adulta mais um pouquinho, eu comecei a namorar. Quando terminava o namoro é ruim pra todo mundo, só que pra mim era horrível porque não era nem tanto o sentimento que eu sentia pela pessoa, eu sofria mais por sentir que... “Ah, então, eu não sou boa o suficiente porque fulano esfriou comigo”. Eu sofria muito mais professora pela rejeição,

por achar “vixe, eu não sou tão reconhecida por essa pessoa, então, eu não tenho tanta qualidade”. Isso me incomodava mais, parecia que mexia com meu orgulho assim, do que o sentimento que eu tinha por aquela pessoa, o fato de eu saber que não ia tá mais com aquela pessoa, a senhora entendeu?

Hunrum.

Então, essas coisinhas mexeram com minha autoestima de uma forma que eu desenvolvi isso aí, depressão né. Aí, fiz tratamento, melhorava, tinha períodos que eu piorava. Tinha tempos que não acontecia nadinha, eu entrava em crise. E tinha tempos que acontecia e eu entrava. Certo, aí esse era o contexto da época né. Aí professora, só que eu era cristã. Só que... teve um período que eu fiquei chateada com Deus. Eu tive a petulância de ficar chateada porque eu tive aquela loucura de me comparar com outras pessoas que eu via o comportamento. Eu dizia “rapaz, o comportamento de fulano, de fulana, não tão nem aí se Deus acha isso certo ou errado, vive conforme tá na cabeça”, isso na minha, naquele momento que eu tive a petulância de fazer. Aí, eu disse “e eu sempre me importei de tá querendo ler a bíblia, saber o que Deus queria de mim e orar. E por que que eu sinto essas coisas? Por que que eu passo por isso e fulano não passa?”, sabe? Aí, eu fiquei me questionando sobre isso e eu fiquei chateada com Deus. Então, eu me afastei nesse período de ler a bíblia, as vezes ia na igreja, mas eu não tava realmente envolvida porque só ir a igreja, não quer dizer que você tá envolvido mesmo de buscar, né. Eu me afastei. Aí, eu entendo que foi bem aí quando eu me afastei, de acordo com minha fé, que veio essa experiência que eu vou lhe contar. Eu não tava bem nesse dia. Eu tava naquela semana de crise assim. Aí, eu tinha muita insônia. Só que a minha insônia era durante a noite. De dia, eu acho que eu tava tão cansada de não dormir que eu dormia. Aí, eu tava dormindo de manhã, assim, só que já era de manhã umas 11 horas. Aí, eu com aquela sonolência de não ter dormido a noite, eu cochilei numa rede que tinha no meu quarto. Aí, eu cochilei muito rápido e a impressão que eu tenho é o seguinte: que eu acordei. Na minha mente, eu penso que eu acordei. Eu acordei. Só que eu fui abrindo os olhos muito lentamente e aí, eu vi uma sombra em pé na minha rede. Era uma pessoa, assim, relativamente alta. Só que eu só via a sombra. Por que eu acho que era uma pessoa? Porque tinha a forma certinha de uma sombra de uma pessoa e engraçado, não tinha olho porque era uma sombra. Mas a impressão que eu tinha é que se ela tivesse parecendo mesmo o corpo, ela estaria me olhando. Na posição que

tava assim, a sombra, de cima pra baixo. E eu via a sombra de um cabelo. Então, pra mim era uma mulher. Porque era um cabelo comprido assim. Aí, eu fui abrindo meu olho devagar e eu fiquei com muito medo porque a sombra né, não me pareceu que seria um anjo, não me pareceu assim né, porque era uma sombra. Uma coisa assim.... não me pareceu algo bom. Aí, eu fiquei, acho que porque eu fiquei com medo... minha voz... eu quis chamar a menina que tava aqui em casa... minha voz não saiu. Que não era aqui nesse apartamento. A minha voz não saia. Aí, em pensamento, eu chamei por Jesus. Porque eu acredito né. E repreendi. Aí depois que eu fiz isso a sombra foi se... sumindo aos poucos. Só que por que que eu acho que eu não tava dormindo? Porque eu não acordei depois disso, nunca depois eu acordei não. Então, eu acordei, aconteceu e eu continuei acordada. Eu ainda fiquei sentada assim, refletindo. Aí, eu levantei e vim contar pra menina. Levantei da rede, né. Mas ficou isso muito forte. Aí, com pouco tempo depois, não tinha muito tempo, no mesmo quarto, essa daqui foi mais forte pra mim e mais significativa, porque essa da sombra, eu entendi como algo ruim se aproximando de mim.

Sim.

Porque eu acho que espiritualmente, eu tava fragilizada. Eu tava chateada. Tinha me afastado. Então, eu achei assim que eu tava deixando muitos sentimentos ruins entrarem dentro de mim. E então, eu entendi que algo ruim se aproximou de mim. Eu dei essa brecha. E nessa outra aqui, que eu vou lhe contar, que ela foi mais significativa, a impressão que eu tive é que era um sinal que talvez até Deus pudesse mesmo está me dando. E essa outra, eu acho, eu entendi que não era necessariamente ruim e nem algo do demônio.

Sim.

Eu entendi que era Deus me dando um sinal. Foi assim, no mesmo quarto, eu tava aí já era deitada na cama. Aí, também mais uma vez de manhã porque eu quase não dormia de noite, mesmo tomando medicação. Nesse período de crise, eu quase não dormia. De manhã, eu cansada, dormia. Aí, eu deitada na cama esgotadinha, dormi. Quando eu acordei sonolenta é... a janela do quarto tava aberta, ela não tava fechada realmente. Entrava vento. Mas um vento normal. E não tava chovendo, não tava ventania. Aí, professora, começou um vento, um negócio forte que ergueu minha camisola, porque eu ficava de camisola né.

Hunrum.

Muito forte. E aí, eu senti que tinha um mover ali, uma coisa diferente do natural. Aí, eu me escorei na cabeceira da cama. Fui subindo na cabeceira... mesmo depois, eu entendendo que era um sinal de Deus, eu fiquei, assim, num primeiro momento com medo. Aí, eu me escorei na cabeceira da cama e eu vi um anjinho. Só que era um anjinho pequenininho desses mesmos... como se fosse desses de gesso. Não era um anjinho assim... como se fosse um anjo de verdade. Era o símbolo de um anjinho. Aí, se aproximou de mim e veio bem pertinho do meu rosto e se afastou. E do outro lado, eu não me lembro de qual lado tava o anjinho e qual lado apareceu o demônio, porque apareceu pra mim. Só que de um lado apareceu um e de outro o outro. Eu não sei de qual lado foi. Eu não me lembro.

Sim.

Aí, no outro lado apareceu como se fosse também de gesso, o que se ver por aí como um desenho de um demônio. E se aproximou de mim e se afastou. E aí o vento, o tempo todo em cima de mim. Levantando a saia da minha camisola. Mas uma vez, como eu fiquei assim tensa, minha voz parecia que não saia. Aí, eu pensei em Jesus, pensei mentalmente, e aquilo foi desaparecendo. Mas eu entendi que era um sinal de Deus pra mim porque... de uma decisão que eu deveria tomar, qual caminho eu queria seguir, independente de eu tá doente, mas que eu precisaria entender qual caminho, no sentido de... em quê que eu ia acreditar, em quê que eu ia botar minhas forças, assim, que tinha o bem e o mal, então. E outra, eu pensava em alguns momentos, eu nunca tive coragem de tirar minha vida e nunca tentei. Só que, as vezes, eu dizia assim pra Deus “ah, eu preferia...”, “minha vida... tem horas que eu não vejo graças nas coisas, que eu preferia amanhecer morta”. Então, eu fui entendendo que aquilo ali, por uma série de coisas, era Deus me dizendo que existia dois caminhos, um de eu voltar a acreditar, de ter esperança, de confiar nele, e outro, de eu me entregar pra sentimentos ruins e desistir. E que eu precisaria, tomar uma decisão nesse sentido. Por que eu entendo também que era isso? Porque depois, ao longo desse processo, já adulta, já casada... eu casei, eu ainda vivia nesse processo de depressão. Aí, em um determinado momento, eu entendi que eu não precisava, assim, condicionar a minha adoração a Deus, somente com a cura, com o milagre. Eu entendi que independente do milagre, o fato de tá viva, de ter coisas boas, minha família, ter muitas coisas que aconteciam... ao longo desse tempo, aconteceram coisas boas né, na minha vida. E aí, já era um motivo pra mim ser grata a Deus. Então, foi nessa hora

que eu recebi minha cura. Minha libertação. Porque eu creio que ela foi espiritual, mesmo eu tendo feito tratamento. E o tratamento, ter me ajudado muito. Eu precisei realmente de tratamento. Tanto com o psicólogo quanto com medicação. E me ajudou. Eu não teria conseguido suportar tanto tempo assim sem o tratamento.

Foi quanto tempo? No total. Que você tava nesse processo de depressão. Você disse que começou quando você tinha 15 anos, né?

Foi até os 28. Foi 13 anos. Só que, eu não passava o tempo todo... claro, a senhora sabe mais do que eu, na cama. Eu passava por um processo melhor, melhorava, voltava a fazer minhas coisas, voltava a estudar, e depois, parava tudo de novo, assim que era. Então, foram 13 anos lutando. Uma montanha russa. Um tempo bem, aí depois, um tempo mal, assim que era. Eu, inclusive, quando terminei o ensino médio, eu comecei a fazer direito, só que eu fiz só 6 meses, tive até nota boa, mas eu escolhi por escolher, assim, queria escolher alguma coisa. Fiz 6 meses, tranquei. Porque entrei naquele processo de crise, de querer ficar em casa isolada, aí tranquei. Depois, passou um ano, vou fazer enfermagem. Fiz, acho que três períodos, tranquei. Quer dizer, nada tinha graça pra mim. Aí, graças a Deus, depois que eu fiquei boa, foi quando, foi no ano que eu completei 28 anos que eu me libertei disso. E aí, eu decidi fazer, que era dois cursos que eu tinha vontade de fazer, me analisando, vendo o que eu realmente gostava, minhas habilidades, voltei minha atenção pra jornalismo e psicologia. Aí, eu decidi fazer jornalismo. Me formei. Foi pra mim, foi uma conquista muito importante porque eu passei por todo esse processo de não conseguir ter rotina. Era ruim pra mim ter a rotina. Eu morava bem pertinho e eu ia pra faculdade, depois voltava pra casa. Não era porque eu gazeava, não. Eu voltava pra casa pra ficar dentro do quarto.

Sim.

Aí, então, era muito difícil isso pra mim. Aí, quando eu me formei, consegui concluir jornalismo, foi muito bom pra mim. Decidi não atuar porque eu e meu marido, a gente tem um negócio, eu decidi ficar trabalhando lá. Aí, quando eu terminei jornalismo, apesar de eu gostar, aí que eu me senti bem, me senti firme assim, tinha vencido, conseguido. Aí que ficou forte minha vontade de fazer psicologia. Porque eu me senti segura, segura pra fazer. Aí, eu não me arrependo. Eu comecei fazer e eu tô amando o curso. Quando eu me formar, apesar de gostar de jornalismo, eu vou querer atuar como psicóloga mesmo. Tô certinha disso. Que é isso que eu quero.

Sim.

Aí, eu fiquei até assim um pouco, na época, “poxa, talvez as pessoas...”, porque as vezes eu me preocupo muito com que as pessoas vão dizer. Apesar de não querer me preocupar, as vezes eu me preocupo. Aí eu ficava “ah, as pessoas vão logo dizer: Leyla demorou tanto pra concluir um curso. Conclui e nem vai atuar na área”, eu ficava pensando né. Quando eu pensei em fazer psicologia e não me dedicar a atuar na área. Não, mas eu quero. Eu sei que eu tô bem. Me sentindo segura e é isso que eu vou fazer. Eu sei que é isso que eu quero. Por que eu fiz jornalismo antes? Ah, eu fiz, eu gosto, não me arrependo, mas era um outro momento. E eu não posso me privar disso que que quero. E que vai dar certo. E, graças a Deus, eu fiz e to amando. E vai dar certo.

Já está dando né?

Pois é.

Uma dúvida que eu fiquei, você falou que a segunda experiencia que você teve, que você viu esse anjinho e depois uma imagem do demônio, você tinha 28 anos, né?

Não, eu tinha 28 anos quando eu fiquei curada.

Ah tá! Eu entendi.

Só que eu acho que isso aí, que essas duas experiencias, elas devem ter acontecido... porque eu já tinha uns 20, 21, por aí. Eu acho né. Não tenho certeza da idade. Mas era nesse

Nesse período, né.

É.

É, essas experiencias que você teve, te causaram sofrimento? Como é que foi isso? Você lembra?

Lembro. Na hora, eu só senti aquela coisa porque eu nunca tinha vivido isso, mas depois não. Depois, principalmente a do anjinho com o demônio que eu olhei, como eu entendi que era um sinal de Deus. Eu me senti até bem. Por entender que ele se importava comigo. Que deus tava me dando um sinal. Que ele tava me respondendo minha oração. Que ele tava ali atento. Que ele não tava indiferente. Apesar das minhas falhas como todo mundo, minhas limitações. Ele mesmo sendo Deus, eu sentia assim que ele se importava comigo. Eu me senti bem. Já a da sombra, eu fiquei um pouco, um pouco com medo na hora, mas depois esse medo não ficou assim, não

se instalou. Eu não tinha medo de ir na cozinha só. Eu não fiquei assim com medo de andar na casa. Nada disso. Só foi naquela hora mesmo.

Sim.

Eu não fiquei aterrorizada, não.

Sim. É, outra coisa, você falou que nessa época, você fazia o tratamento psiquiátrico, o tratamento psicológico, você chegou a falar sobre essas experiências pra sua psicóloga?

Eu lembro que na época dessas duas visões, eu não tava num tratamento psicológico. Porque no tratamento psicológico, como exige a rotina e eu era muito ruim da rotina, eu fazia por um período, às vezes, eu parava antes da psicóloga me dar alta. Eu não ia mais. Aí, esse período foi um período que eu não tava fazendo que eu tinha parado, mas o meu psiquiatra, coincidiu de eu ir na consulta, pouco tempo depois. Eu disse pra ele. Aí ele investigou. Ele me fez várias perguntas. No sentido que ele queria entender até onde foi isso mesmo. Aí eu lembro que ele perguntou “Leyla, mas tu costuma ouvir vozes?”, eu disse que não, que eu nunca tinha ouvido vozes, aí ele perguntou como tinha sido isso pra mim, eu disse que eu entendia como algo espiritual, aí ele sabia que eu era evangélica, aí perguntou se eu tava com medo e eu falei que não. Que na hora, eu fiquei. Aí ele disse “ah, tudo bem”. Eu entendi que ele queria saber né, pra saber se era outro problema, algum transtorno mental. Aí, ele perguntou, como eu falei bem explicadinho pra ele... não tava me trazendo problema nenhum. Eu só quis falar e ele ‘ah, então tudo bem”.

Que bom que ele foi sensível, né? Nesse ponto.

Ele foi. Ele era bem sensível.

Uma última pergunta, nesse período de pandemia, a gente já tá há um ano nesse período, você percebeu alguma mudança em você? Com esse histórico que você tem. Aconteceu alguma coisa assim ou você tá conseguindo levar aí do jeito que consegue esse período?

Não, professora. Graças a Deus, eu tô tirando de letra. Apesar que, as vezes assim, ter aula online não é muito dinâmico né. É melhor presencial. E depois, eu era uma pessoa antes da depressão que gostava de conversar com pessoas, eu gostava bastante. Durante o período da depressão, quando eu tava em crise, eu me isolava. Mas era da minha essência gostar de conversar. Então, quando isso passou, sumiu

da minha vida. Eu gosto de ver as pessoas. Então, eu não gosto disso, de ter essa aula assim online.

Todos nós, né.

Mas por outro lado, a questão da Covid, eu sei do perigo da doença, mas ela não me botou pânico, no sentido de eu me desesperar. Quando eu fico com medo, eu oro. Eu peço pra Deus me dar forças, além das precações que a gente tem. Na verdade, quando eu tenho medo, foi assim pelo meus pais. Porque eles têm pressão alta. Eles não têm nem 60 anos ainda. Eles são jovens, o papai tem 59 e mamãe 54. Mas eles têm pressão alta. Eu nunca fiquei com medo por mim. Porque assim, eu entendo que minha saúde tá boa, então dar pra mim segurar. Eu tive. Graças a Deus, foram sintomas leves. Mas eu me mantive tranquila quando eu tive. Mas minha preocupação é mais por eles. Mas eu oro. E eles usam a máscara, o álcool em gel, mas a gente fica preocupada. Eu me preocupo, mas eu boto a ideia positiva que vai dar certo. Isso daí mudou. Não aquela coisa da época da depressão que puxava pro negativo. Aquela coisa assim que as coisas não se encaixavam. Agora não, voltou aquela coisa que era de mim. Dá força. Eu tenho medo, mas eu tenho aquela coragem assim que me ajuda a não parar. Por que se fosse aquele tempo, como é que eu não tava em uma situação como essa?

Entendi.

Participante 3

Primeiro, eu queria que tu me falasse um pouco. Qual tipo de experiência anômala tu tiveste e quando isso começou. Quando essa experiência que tu relataste começou.

Começou desde quando eu fiz minha escolha, né. De religião e tem um tempo atrás, acho que foi 2013. Tem um tempinho. E eu não tinha tanto acesso, né. Eu achava que era algo muito assim distante de mim. Até porque eu nasci em lar católico. A minha família me levava pra igreja católica. Então, não era algo que partia de mim, né. E aí quando eu comecei a entender sobre espiritualidade, né. Não a questão da religião em si. Mas a questão da espiritualidade mesmo. Já foi com 18 anos, já. Foi bem recente. Eu já tinha aquela ideia né, da religião. Tanto que era algo muito forte em mim, até na questão das doutrinas. De seguir mesmo certinho. Pra mim era só aquilo, mas em termo de espiritualidade mesmo falando foi agora recente em 2018. Que eu fui pra um encontro né, era como se fosse um retiro espiritual. E aí nesse local a gente não tinha acesso a celular. A gente não tinha acesso a nada externo, só se acontecesse alguma coisa mesmo de muito grave. Mas lá, aquele momento era só da gente comer, dormir um pouquinho e voltar pra as palestras que tinha naquela questão espiritual mesmo. Nas questões da oração e tudo mais. E aí lá, eu senti mesmo um... algo totalmente fora do “normal” em questão dos olhos humanos, né. E aí que eu não achava que era tão real assim o quanto que eu vivi. Tanto que tinha coisas que eram ditas da minha própria vida que ninguém sabia. E aí foi que eu comecei assim “Meu Deus do céu! Que loucura. Ninguém sabia. Eu nunca tinha falado disso pra ninguém”. Tanto que a questão do meu curso também eu fui ter certeza lá. Eu já tinha iniciado o curso, só que eu ainda tava assim meio “ah, eu começo ou não?”. E lá, era algo que só eu tinha essa dúvida, não tinha dito pra minha vó, não tinha dito pra ninguém, era só eu. Então, foi algo assim, mesmo, algo tão forte que eu vivi, que mudou a minha vida por completo assim em todas as áreas. Trouxe uma mudança muito drástica, não no sentido da religiosidade em si. E eu percebi que o que me completava de fato, que eu tinha um vaziosinho era a questão da espiritualidade e não da religião. Tanto que eu seguia todos os dogmas, tudo certinho. Mas, eu não me sentia completa como eu me sinto agora depois dessas experiências, de ver, de sentir cheiros diferentes. Então é isso assim, basicamente.

Sim. Tu falaste que tu vieste de uma religião católica né. E foi pra um retiro. Foi de qual religião?

Foi cristã mesmo, mas foi da batista. Não foi de outra igreja, foi da batista.

E aí, tu te converteste pra essa outra religião?

Foi. Assim, quando eu me converti, quando eu tive esse primeiro contato com outro tipo de religião, eu tinha 13 anos, que foi na assembleia de Deus. Só que aí depois, eu mudei justamente pela questão da identificação, questão de doutrina, tudo isso, porque eu não me identificava tanto nessa igreja. Aí que eu descobri essa outra e consegui me encontrar melhor.

Humrum.

Que é a batista. E foi em 2018 que eu fui pra essa.

Entendi. Aí tu falas que nesse retiro aconteceram coisas inexplicáveis né? É... coisas foram ditas que ninguém sabia, você sentiu cheiro. Tu consegue falar mais sobre isso assim? Tentar explicar mais detalhadamente.

Foi assim, tinha aqueles momentos das palestras, do culto, mas também tinha o momento de oração que era realmente a gente e Deus. Não tinha outra pessoa ou outra coisa do tipo. Aí a gente ia realmente pra uns cantinhos que a gente se sentisse bem, confortável e sentindo seguro, né. Aí a gente ia pra esse canto, as vezes ficava no mesmo lugar, algo bem livre mesmo pra pessoa se expressar, deitar no chão se quisesse. E aí, um dia específico, acho que foi até o meu aniversário nesse dia. E aí, eu tava sentada, acho que foi assim que meu avô adoeceu né que eu descobri que ele tava com câncer. Na verdade, eu não tinha descoberto que ele tava com câncer. Eu ainda ia descobrir. Mas, eu tava no meu cantinho e eu não tinha dito isso pra ninguém né. É porque minha família escondeu pelo fato de eu ser muito apegada com ele. Escondeu pela questão de “ah, ela vai ficar com algum medo de alguma coisa acontecer” e aí, eu fiquei quetinha na minha e comecei a orar justamente pedindo pela saúde dele e pra que o senhor dissesse o que tava acontecendo, alguma coisa assim. E chegou uma pessoa pra mim e disse que independente de qualquer coisa, ele descreveu a questão da enfermidade e tudo mais e disse né. E naquele dia, eu chorei tanto porque eu só sabia orar por isso né. E tanto que eu vi, eu senti, eu sentia cheiros nitidamente, não era um cheiro assim de perfume mais assim tão, eu não sei nem se a pessoa tava usando perfume no dia, mas era um cheiro diferente, não era um cheiro normal de colônia, eu não sei nem descrever assim o cheiro, mas era algo assim tão,

tão puro. E teve outra também situação que eu tava orando e eu via várias pessoas de branco, mas ninguém tava de branco no lugar onde eu tava. Tava tudo como se tivesse bem claro mesmo. E tava a noite, era de noite ou de manhã, não sei, só sei que eu olhava todo mundo de branco e tipo assim, não olhava o rosto. Não olhava o rosto, só olhava a pessoa de branco. E como se fosse transparente. Não tinha forma. Tinha forma de pessoa, eu sabia que tava de branco, mas era tudo meio transparente. E assim, foi muito real porque eu nunca tinha visto isso, tanto que esse dia foi o único dia que eu vi isso nitidamente, nunca mais eu vi. E isso pra mim foi algo que me marcou. Até hoje, eu lembro nitidamente disso, de ter visto. Tanto que eu até falo assim “Meu Deus do céu! Se eu disser isso pra outra pessoa vão achar que eu sou doida” ou algo assim. Vão pensar que eu tô delirando. Alguma coisa. Mas enfim, é isso.

É... quando tu tiveste estas experiências. Tu sentiste algum incomodo, algum espanto, alguma coisa assim do tipo, algum sofrimento. Tipo, uma perplexidade.

Eu acho que se fosse algo negativo, eu acho que, não sei, eu teria me espantado né. Porque várias situações eu já vi né manifestações diferentes que me assustaram muito mesmo. De eu ficar com crise de ansiedade toda vez que eu via, mas isso na minha antiga igreja. Que eu via isso constantemente. Arelado sempre a coisas ruins. E tanto que algumas dessas experiências, já aconteceu comigo. Acho que umas duas vezes. E aí, eu ficava me sentindo totalmente constrangida porque as pessoas como sempre ficavam falando assim “olha, a menina tá endemoniada” e apontava pra mim, sabe. “Ah, tu tava endemoniada naquele dia”, “O que tu tava fazendo? Tava em pecado?”, todo mundo perguntava isso pra mim. E isso, num certo momento, me fez muito mal, me fez até sentir vergonha de ir pra essa igreja. De tanta pressão assim e julgamento das pessoas. Mas, nessa experiencia em si, eu não senti nenhum medo, eu senti algo diferente né, claro. Mas, não me trouxe nenhum sofrimento assim, me fez muito bem, eu nunca tinha tido essa experiência. Foi algo muito vivo, muito vivo mesmo.

E aí, tu atribui essas experiências que você teve a uma questão espiritual e não religiosa. Me explica um pouco sobre isso. Como que é isso pra ti.

Eu acho que da religião em si é, por exemplo, era o jeito que aquilo ali é melhor que outras religiões ou então que a pessoa tem que se vestir de determinada forma, assim pra vida mesmo. Porque a gente sabe que na igreja tem algumas regras e que a gente

precisa respeitar. Mas, claro né, se fizer sentido pra gente, se fizer bem. E lá, era muito ruim essa questão porque, por exemplo, se eu viesse passar as férias pra cá pra São Luís e eu usasse calça ou postasse alguma foto. Eles falavam que eu não ia cantar no coral porque eu não tava vestida de forma adequada, então, eu não podia usar maquiagem e era algo que sempre fazia parte de mim, a questão da maquiagem. Então, a maquiagem, eu tive que parar de fazer tudo. Então, eu não me sentia bem porque ao mesmo tempo que eu era livre, eu tava presa em questões de doutrinas. Então, não fazia sentido. Coisas que eu vi com a espiritualidade que roupa é só um detalhe. Que era uma questão da minha comunhão com Deus mesmo, algo pessoal mesmo, de eu ter aquele relacionamento frequente com Deus. Das minhas orações e tudo mais. Não antes, antes era como se eu tivesse fazendo o certo não por ter comunhão a Deus, mas por tá da forma como mandavam que eu fizesse e que eu agisse. Pra mim, existe uma grande diferença nesse sentido da religião menosprezar outras religiões que é algo que depois de certo tempo foi clareando na minha mente né. Que não era isso que importava. Então, eu fui aprender até a respeitar mais. Outros tipos de pessoa. De religiões diferentes.

Hoje em dia, você frequenta a igreja batista que você falou. Como que é isso?

Frequento. Só agora na pandemia que a gente parou porque teve muitos casos de covid na nossa igreja, específico, muitas pessoas faleceram. Então, a gente deu um tempo pra voltar quando a cúpula já tivesse diminuído um pouco e a maioria da população já tivesse tomado a vacina né, ficou assim. Só que na pandemia, a gente tá tendo culto online mesmo, de forma virtual, e fica até mais fácil porque acho que até se tivesse voltado agora, eu não poderia ir. Até pela questão que tem a minha vó que mora aqui, então, ficava muito ruim pra mim, pra mim locomover. Andar de ônibus. Tudo isso. Mas eu frequento. Só não tô agora por causa da covid. Mas virtualmente, eu tô sempre presente.

Sim. E, falando sobre essa questão da covid, a gente tá aí a um ano em pandemia. Você sente que teve algo que aconteceu com você ao longo desse ano em relação a essas experiências que você teve anteriormente ou não? A sua vida tá seguindo a digamos, do jeito que a gente pode. É, mas você percebe que teve alguma experiência, ao longo desse período, se piorou alguma coisa ou não? O que você sente?

Eu acredito que piorou muito a questão de tá com outras pessoas assim, né. De tá mais isolado. E é muito difícil, seguir algo em que se tenha ajuda na questão de ter a presença de outras pessoas. Pra tá compartilhando vivências, pra tá compartilhando coisas ruins, principalmente, agora nesse período que a gente tá recebendo muita notícia triste mesmo da igreja. E a gente fica se sentindo só. Eu acho que esse período em específico, eu me senti muito só. Tanto que teve um período assim do covid de 2020 pra cá, né, porque depois voltou no final do ano. Eu senti que foi diferente, eu ter voltado pra lá. Apesar de eu tá muito feliz, mas eu não conhecia a maioria das pessoas. Isso foi me distanciando um pouco. Tanto que não tem mais aquela vontade de ir pro templo, embora, eu tenha saudade. Mas, mudou muita coisa. E a gente acaba se sentindo um pouco desassistido. Até pela questão do templo, de muita gente, de não dar pra conversar com os pastores de forma frequente, só as vezes quando dá porque a vida é uma correria mesmo. Mas assim, eu percebi que nessa pandemia comecei a ter vários pesadelos de uma forma muito frequente. E a maioria dos sonhos que eu tinha envolvia morte, morte, pessoas morrendo. Não necessariamente por covid. Mas, pelo cenário que a gente tá vivendo, acredito que esteja atrelado a isso. E, eu já tive sonhos com pessoas próximas a mim falecendo. Então, é algo que eu tenho muito medo. De alguma coisa acontecer com minha vó, com pessoas bem próximas da minha casa porque parentes já faleceram e isso querendo ou não mexe muito com a gente. Então, de experiências ruins que tenham acontecido é isso. A questão dos sonhos de muitas mortes, acabaram... que esses sonhos acabaram se realizando. Não que é comigo ou com a minha família. Mas de amigos próximos que perderam três de uma vez. Então, isso trouxe muitas questões, muito sofrimento pra mim mesmo que eu não tivesse próximo a pessoa. Mas era da mesma cidade, era vizinho, era amigos da minha mãe, então, isso tudo acabou afetando.

Participante 4

Eu queria que tu me falasse, se tu já tiveste alguma experiência anômala, quais experiências, como é que foi isso. Eu queria que tu ficasse bem a vontade pra me falar um pouco sobre isso.

Então, quando o questionário chegou até mim, que chegou através de algum amigo que acredito ter acessado ele através de algum grupo de pesquisa. Ele tá fazendo mestrado, então ele deve tá mais a pá dessas pesquisas que chegam, que tão acontecendo aqui em São Luís. Então, não sei se ele... a partir do que ele sabe sobre mim que ele enviou essa pesquisa ou ele foi enviando pra todos os grupos, mas assim, veio a calhar assim. porque já tem algum tempo que eu tenho experienciado esse tipo de acontecimento. E que não era algo comum, familiar, que fez parte da minha história, é realmente novo. Surgiu como novidade. E tem deixado algumas marcas, sabe. Tem tido um certo lugar na minha vida desde quando isso começou a acontecer.

E qual foi a experiência que você teve? Quando é que começou? Você falou que é algo muito novo, né?

Hunrum.

Você consegue me dizer qual tipo de experiência? O quê que tem acontecido?

Então, em 2019, eu fiz uma viagem com meus amigos e foi muito interessante como todo mundo conseguiu experienciar, testemunhar, as coisas que tavam acontecendo. Todos nós, não só eu, mas todo mundo que tava ali naquele grupo conseguiu ter acesso as experiências assim. Pra mim foi total novidade, pra outras pessoas nem tanto, desse grupo. Ocorreu de eu sentir muito medo, de eu ficar assustado, sabe. Sem saber como lidar com aquilo tudo que tava percebendo. E que todo mundo tava percebendo. E que eu tava percebendo que os outros tavam percebendo, sabe. E foi mais ou menos nesse momento, nessa viagem, que essas experiencias passaram a ser... não com uma certa frequência, não se trata de uma frequência assim, pelo menos uma vez no mês, não tem nada disso, mas eu passei a perceber e minha relação com a espiritualidade, ela sofreu uma mudança. Eu tive uma criação católica. Minha família é católica praticante. Só que faz 10 anos que eu saí da casa dos meus pais e há 10 anos que eu não tenho contato algum com nenhuma religião. É... mas fui praticante por muito tempo também. Infância, adolescência, todas foram passadas por uma religião, nos dogmas cristãos. Só que assim que eu saí da casa dos meus pais,

houve esse desligamento. E assim que eu comecei a estudar, quando eu ingressei no curso de psicologia, eu fiquei totalmente cético. E, enfim, discute-se um pouco sobre religiosidade, sobre crença, sobre dogma, o próprio viés filosófico da psicologia questiona muito sobre esses dogmas, essas questões. Então, eu fui meio que seguindo. Só que em 2014... não, acho que foi em 2016, eu participei de um evento que chamava “religiões ontem e hoje”, promovido pelo...

Foi na ufma, não foi?

Isso. Hunrum.

Eu participei desse evento também. Foi bem legal.

Foi um evento muito importante pra mim porque... foi fantástico, na verdade. Acho que foi o evento mais importante que eu participei durante toda minha graduação. E no final do evento, eu fiquei muito reflexivo, pensando que em algum momento, eu ia me encontrar com essa espiritualidade. Só que eu não esperava que fosse tão anterior ao período que eu achava, sabe. Eu sabia que em algum momento, eu iria me encontrar com isso. Por tudo aquilo que eu tava assistindo e toda transmissão daquilo. Só que eu não esperava que fosse tão breve. Foi três anos depois. Não foi tão breve assim, mas aconteceu em um período bem inesperado, digamos assim. Então, é... foi isso. Teve esse evento acadêmico e alguns anos depois, eu participei de uma viagem com alguns amigos e nós percebemos que estávamos participando de uma mesma experiência e que não se tratava de uma experiência terrena, digamos assim.

Hunrum.

Não se tratava de pessoas, de matéria física. Não se tratava disso. E logo em seguida, eu comecei a perceber que tinha alguma coisa aflorada a partir dessa questão mais sensível a isso que não é terreno, digamos assim. É... a partir do ano de 2019 pra cá, eu tenho percebido que essas questões, elas têm se afluído de uma maneira muito mais sensível, muito mais mesmo.

Você fala assim, que em 2019 você teve essa experiência de algo ali que aconteceu que não é do plano terreno, você utiliza essas palavras. Você considera como sendo uma experiência mística, uma experiência de mediunidade? Como é que foi, assim, só pra gente entender um pouco mais qual foi o tipo de experiência que você teve, as vivências, o quê que você viu, você escutou alguma coisa, sentiu alguma coisa.

Então, eu fui com um grupo de amigos que eram pessoas bem próximas. E... seria uma viagem totalmente comum, estávamos indo passar um fim de semana, só que em algum momento nós começamos a perceber coisas, assim, que tavam um pouco fora desse plano. Foi muito estranho porque aconteceu tudo ao mesmo tempo, sabe. Teve alguma coisa que aconteceu dentro dessa viagem que todo mundo percebeu ao mesmo tempo. Logo em seguida, cada um começou a experienciar de alguma maneira aquelas experiências. Então, eu só vou poder falar daquilo que eu vivenciei.

Hunrum.

Era um grupo de 5 amigos que em determinado momento percebemos que havia uma certa energia ao nosso redor. E essa energia que tava muito vibrante foi meio que tomada por alguma coisa que tava meio... nós sentimos essa energia sendo drenada. Isso é o que eu posso dizer que foi compartilhado pelo grupo. É... pra ser um pouco mais ilustrativo, a gente tava com uma caixa de som, mais ou menos desse tamanho, era uma boa caixa de som. Não era minha, mas... e a gente tava muito feliz, alegre. A viagem foi em abril de 2019. E... enfim, coisas de jovens. E aí, é... teve algum momento que um desses amigos, que foi uma amiga, na verdade. Ela foi até o hostel que a gente tava hospedado. Nesse momento, a gente tava numa praia, numa praça, perdão. Numa praça. E ela foi no hostel que a gente tava hospedado e quando ela voltou, ela falou “gente, eu tô escutando vocês lá do hostel. Vocês tão gritando muito.” ... tinha uma energia ali, sabe? a gente tava muito efusivo. E a gente percebia que estávamos chamando atenção por onde a gente passava porque a gente tava com uma caixa de som, gritando, rindo, cantando, dançando. E teve um momento que a gente percebeu que tinha alguma coisa circundando a gente e teve um determinado momento que a gente viu uma pessoa próxima da gente. E que no momento que ela passou no nosso grupo, nós sentimos essa energia abaixar. E essa energia abaixou de um jeito assim que todo mundo ficou se olhando assim “o quê que a gente tá fazendo aqui?” “O quê que aconteceu que a gente tava tão bem ainda pouco e agora a gente olha um pro outro perguntando qual sentido da gente tá aqui?”. E essa caixinha de som que a gente tava carregando, ela descarregou na mesma hora. Então, esse momento foi um momento que todo mundo percebeu que tinha alguma coisa acontecendo, entendeu? Foi, digamos, a primeira, o primeiro momento dessa experiência. E eu lembro de ter ficado muito assustado. Muito assustado mesmo. Com medo mesmo. Tipo, o quê que eu tô fazendo aqui? Eu quero ir embora, quero ir pra

casa. E aí, teve alguma coisas assim que muitos desses amigos me falaram tipo, não é pra ter medo, não precisa ter medo, isso aqui acontece, esse lugar tem isso, ele é mágico. Então, só aproveita essa experiência porque é isso que acontece aqui. E aí, foi uma noite só que a gente passou lá, mas foi tipo... aconteceu muita coisa. E tipo, eu tava muito sensível. Muito sensível mesmo. Eu conseguia entrar em contato com a história do lugar, com muita coisa assim que tava fora do meu alcance, digamos assim. Que talvez, eu não conseguisse acessar por um livro ou por alguma história e que eu consegui acessar através das minhas emoções, sensações assim, sabe.

Qual foi o lugar?

Então, foi em Alcântara. No interior do Maranhão.

Engraçado! Quando você tava falando sobre isso, sobre essa experiência, sobre isso de que você conseguiu acessar muita história desse local, que as pessoas falam que é mágico. Antes de você perguntar, veio assim na minha cabeça “cara, isso deve ser em Alcântara”.

Sim. Já que eu tô falando do lugar, foi uma experiência muito transformadora. Não foi só isso, minha relação com Alcântara mudou muito. Qualquer lugar que eu visitei. Foi bem marcante pra mim. Eu lembro que alguns amigos falam até hoje, “nossa, Matheus! Aquela viagem... foi muito legal as coisas que você falou, que você trouxe no momento”. Porque foi um momento de muita sensibilidade, insegurança, medo, um estranhamento, uma vontade de sair dali correndo, mas que me trouxeram algumas coisas assim que refletem até hoje, sabe? Não só coisas que eu produzi naquela hora acerca daquela experiência, mas coisas que meus amigos também trouxeram dessa experiência. Essa minha amiga virou e disse “ei, não é pra ter medo não, tá? A gente tá aqui”. Isso eu tava com muito, muito, muito, muito medo, sabe? Muito medo. Eu sou uma pessoa muito medrosa. Então, quando se refere a experiências assim que eu não tinha nenhum tipo de familiaridade, eu sinto muito medo mesmo. Então, a presença dos amigos, a força, a união, digamos assim, todo apoio que eles me deram foram muito importante pra aquele momento, até pra eu conseguir atravessar isso porque realmente a vontade que eu tive nesse primeiro momento que narrei pra vocês foi de sair correndo.

Hunrum.

Mas, é... foi isso. E aí, essa foi minha primeiríssima experiência com, assim, eu não chamo de místico, também não chamo de exotérico, acho que é mais espiritual

mesmo. Eu acho que eu costumo me reportar a esse episódio como algo espiritual assim, sabe? E teve muita coisa assim importante que aconteceu nessa época. Nessa experiência, sabe? É realmente muito transformador. No sentido de, é um caminho sem volta assim. Eu passei a lidar de uma outra maneira com a espiritualidade.

Sim.

Sabe, de reconhecer esse lugar, de reconhecer esse espaço, de reconhecer essa vulnerabilidade, essa maneira como nós também podemos ficar vulneráveis a não só o que é terreno. Então, foi muito enriquecedor assim, reconhecer isso que não fazia parte da minha vida como eu falei que no começo eu era muito cético, e eu fui me afastando disso, esgotando mesmo, qualquer coisa assim que pudesse remontar a espiritualidade assim. Foi um caminho de afastamento mesmo. Só que teve uma hora que eu encontrei uma maneira totalmente nova de me conectar com essa espiritualidade.

Hunrum. Você fala assim, que depois dessa experiência que você teve com essa viagem em 2019, você começou a ter uma outra vivência em relação a espiritualidade, essa coisa toda. Nessa nova vivência, você se remeteu a alguma religião ou não? Ou voltou pra sua religião antiga, de base? Como é que foi isso?

Então, desde então, desde essa primeira experiência, eu senti uma necessidade muito grande de me conectar com algo, com um lugar mesmo, sabe? Onde eu pudesse me encontrar com essa espiritualidade, me conectar de uma maneira mais precisa, digamos assim. No entanto, eu nunca fui. Teve vários momentos assim, de 2019 pra cá, de abril de 2019 pra junho de 2021, que essa demanda por uma religião, por um lugar, ela esteve mais urgente, digamos assim, sabe? Aparecia muito em sonhos. Em alguns momentos assim difíceis que a gente fica meio desorientado e a gente sente que tem alguma coisa apontando pra um lugar, só que eu nunca fui atrás.

Hunrum.

E assim, eu não procurei, sabe? Às vezes, eu entrei em contato com algumas pessoas de algumas religiões. Religiões essas, entre o espiritismo e a umbanda, mas não cheguei a frequentar um centro espírita, nem um terreiro, nenhum espaço. Não me reportei a nenhum líder espiritual, mãe de santo, nunca fui. Assim, eu me reportei a amigos, pessoas próximas, que frequentam esses lugares e são praticantes dessas religiões, mas foram momentos pontuais, digamos assim. E o que eu posso dizer pra

você é que eram momentos difíceis, mas que eu meio que obtive os mesmos direcionamentos. Desses diferentes lugares. Dessas diferentes pessoas. Dessas diferentes crenças.

E nesse período de 2019 pra cá, você sentiu assim é.... você falou que às vezes ficava com alguma situação difícil, passando por um momento difícil, você sentiu necessidade de procurar ajuda para além do que seus amigos conseguiram te dá, por exemplo, uma ajuda profissional, algum psicólogo ou psiquiatra, alguma coisa do tipo?

Olha, eu nunca... eu faço análise faz uns cinco anos, eu acho. 2014... não, foi 2016. Vai fazer cinco anos agora. E aí, eu levava essas experiências pra lá. Eram experiências muito marcante pra mim, um material muito interessante pra levar. No entanto, eu confesso que existia uma certa frustração. No sentido de... meu analista tinha que fazer o trabalho dele, ele não ia tentar interpretar o que tinha acontecido ali pra além do conteúdo da minha fala de como isso me afetava. Eu falo que foi uma frustração porque eu sempre saia mais incomodado, não era suficiente, digamos que o que eu escutava lá... eu frequento psicanalista, como eu falei faço análise, tava sempre dentro desse escopo, sabe? Da orientação psicanalista. Então, meus incômodos eles iam além, sabe? Quando eu falo de uma frustração, não era porque eu ficava decepcionado, mas era porque eu ficava muito mais incomodado no sentido de tem que ter uma outra explicação pra isso, não acho que isso abarca. Eu acho que assim, da mesma maneira que a religião não dá conta de tudo, a psicanálise não dá conta de tudo, a psicologia não dá conta de tudo. Então, quando eu falo que tinha uma frustração era mais nesse sentido, de sair ainda mais incomodado do eu entrei, sabe? Mas assim, eu acho que é isso, se eu quisesse encontrar, digamos assim, uma explicação pra além dessa que meu psicanalista pudesse oferecer, eu tinha que ir no centro espírita ou num terreiro, sabe? Mas eu nunca fui.

Sim.

Por que? Eu posso explicar. Eu tenho um pouco de medo. Eu tenho um pouco de medo assim, sabe? A minha própria criação dentro da igreja católica e de todos esses estigmas que a gente cresce escutando, acho que eles meio que perpassam por nossas crenças e na maneira que a gente acaba lidando com isso, mas não é só isso. Eu tenho um certo medo também que essas coisas fiquem ainda mais aflorada. Essa

minha sensibilidade. Algumas coisas que remontam a uma mediunidade. Tipo, eu não sei se eu tô no momento mais ideal pra que isso aflore ainda mais, sabe?

Hunrum.

Eu vou relatar algo que aconteceu há algumas semanas. Acho que faz mais de um mês, precisamente. Que foi um período assim que foi justamente esses momentos que eu me deparo com momentos difíceis. Onde eu sei que eu preciso me reportar a algo ou alguém maior que faz parte dessa experiência, né. Certo dia, eu cheguei do trabalho e tirei um rápido cochilo. Tava muito cansado. Só que tava muito cedo ainda, acho que era por volta das 8 horas. Depois desse cochilo, eu acordei, fui fazer minhas coisas, arrumei tudo, deixei tudo pronto pro outro dia e fui dormir. Só que eu tive uma noite de insônia e quando deu 4 da manhã, eu comecei a pegar no sono. E aí, nisso que eu comecei a pegar no sono, eu fui adormecendo e eu fiquei naquele estágio de vigília, eu descobri que não é o nome pra isso... sono de vigília... acho que nem existe isso, mas você consegue ficar consciente a sua volta e pegar no sono. E aí, nesse momento, por volta das 4 horas da manhã, eu senti uma presença na minha cama, como se fosse um corpo adulto mesmo. Foi bem estranho porque eu nunca tinha sentido isso. E foi uma presença que me agrediu. Foi algo que me bateu a priori e logo em seguida chacoalhou meu corpo contra a cama. Então, eu senti meu corpo chacoalhado contra a cama. E nesse dia, eu tava com um lençol cobrindo meu rosto porque eu não gosto de claridade. Como eu moro em apartamento, sempre... o apartamento fica virado pro lado da rua, tem luz de porte entrando, luz da lua, e eu gosto de botar alguma coisa seja um travesseiro, alguma coisa. Então, eu não vi o que tava acontecendo, mas eu lembro de ter tentado me soltar dessa agressão, não sei. E foi estranho. Foi muito esquisito. Já tinha acontecido uma coisa parecida antes, só que eu não tava aqui. Eu tava residindo no centro histórico. Não foi uma experiência de agressão, mas eu também tava desse mesmo jeito aí, eu tava deitado, dormindo com o lençol na cabeça. E nesse dia eu senti é... era alguém sentando na minha cabeça, alguém muito pesado, inclusive. Era um peso assim, não era só uma pessoa assim. Eu acho que era uma pessoa muito grande, mas com alguém no colo, não sei. E aí, eu não conseguia me mexer. Eu já tive paralisia do sono. Não foi muito parecido com as coisas que eu tive. Eu já tive algumas paralisias do sono assim. E quando acontece esse tipo de coisa, de sentir o meu corpo agredido, de sentir alguma presença, é bem diferente. Não é tipo, eu não conseguindo acordar. É eu acordando

sem saber o que tá acontecendo, sem conseguir ver muito bem ao certo o meu corpo, sobre meu corpo. Então, eu consigo fazer essa diferenciação porque eu consigo acordar, entendeu? Às vezes eu não consigo me mexer, o que acontece também na paralisia do sono. Você não consegue se mexer. Você não consegue gritar. Você não consegue respirar. Mas eu consigo. Então, eu faço essa diferenciação. Desde quando aconteceu essa experiência de eu sentir o meu corpo ser agredido e chacoalhado contra a cama, eu comecei a ter pesadelos também.

Hunrum.

Muito pesadelo. E aí, foi muito estranho porque foi um período muito... foi estranho porque tava tudo ocorrendo normal assim. Tirando esses pesadelos, que eram pesadelos bem grotescos. E tinha pessoas próximas sonhando comigo também pesadelos. E assim, na minha contagem 6 pessoas próximas sonharam comigo e todos pesadelos, eu em apuros, sabe? E assim, eu fiquei pirado nessa época assim. Alguns amigos pediram que eu fizesse orações. Pedissem que eu fizesse alguns banhos, esse tipo de coisa. Pedir proteção durante o dia ao acordar, ao dormir, enfim. E evitar excessos. Só que foi bem estranho porque assim, nunca tinha acontecido isso. Minha mãe sonhou comigo. Uma amiga muito próxima de infância sonhou comigo. Um amigo muito próximo de infância também sonhou comigo. Sonhos parecidos. Meu namorado sonhou comigo. É... teve mais gente, não tô lembrando agora. Mas eram pessoas que chegavam pra mim dizendo assim "Matheus, eu tive um sonho contigo, não sei nem se vou te contar".

Hunrum.

E aí, eu ficava assim "meu deus, o quê que tá acontecendo" porque eu também tava tendo esses sonhos e tava sendo muito recorrente. Recorrente que eu falo é do outro dia mesmo. Então, eu tava tendo assim privação do sonho. Eu só conseguia dormir quando tava amanhecendo. E quando tava amanhecendo eu tinha que acordar pra fazer minhas coisas. E é chato. Foi bem incomodo. Não faz muito tempo. Faz pouco mais de um mês. Eu tenho certeza disso porque eu fiz um ciclo de oração muito poderoso que durou 21 dias. Oração do arcanjo Miguel.

Orações de quê?

Oração do arcanjo Miguel.

Sim sim.

É muito boa essa oração. Eu fazia essa oração que era um ciclo, na verdade. Não precisa ser necessariamente um ciclo de 21 dias, mas eu fiz um ciclo de 21 dias. E realmente, cessou. Foi realmente eficaz, digamos assim. Mas cara foi muito difícil esse período. Eu tava com muito medo. Qualquer coisa que acontecesse aqui em casa, uma vassoura caiu, um vento bateu na planta, eu escutei uma planta mexendo. Eu ficava morrendo de medo. E assim, começava a escurecer e eu já sentia medo. Foi muito ruim isso porque eu tava morando no centro. E quando eu morava no centro essas experiências aconteceram porque eu tô no centro. Eu não posso negar que isso aqui tem muita história. Tem muita energia. Tem muita coisa aqui. Então, eu meio que normalizava tudo isso. Mas quando eu vim pra cá pro apartamento dos meus pais, depois do período crítico da pandemia e isso retornou de alguma maneira, eu fiquei exatamente desorganizado. Cara, como é que pode tá acontecendo comigo. Eu tinha algumas explicações, sabe? Mas ainda assim foi muito estarrecedor pra mim ter que lidar com isso. E eu percebi que há vai ter um lugar específico pra você experienciar isso. Não, vai ter o momento da sua sensibilidade e você vai ter que se defrontar com isso. Eu estando bem ou não, sabe? Porque assim, sempre me perguntavam se eu tava passando por alguma coisa. Quando me relatavam sonhos. Sempre me perguntavam assim, você tá passando por algum problema. Tá passando por alguma questão pessoal. Tem surgido alguma coisa. Você tá fazendo sua análise pessoal. E gente, eu tô bem, normal, sabe.

Sim.

Mas aconteceu. É isso. Mas assim, eu meio que criei estratégias, digamos assim. A minha oração ajuda muito. Não só a oração pronta que você ler, repete, mas a oração que eu mesmo faço, sabe? Os meus pedido, as minhas preces. E isso me ajudou muito, tem me ajudado. Eu não deixei de fazer, mas eu deixei de fazer naquela frequência.

Uma última pergunta, você falou que durante esse período que você tava tendo experiências mais intensas, ainda tava muito na repercussão que você teve na viagem, isso se tornou pauta na sua análise. Você sente que você foi acolhido pelo seu psicanalista? Você sente que ele, digamos, validou o seu sofrimento em relação a essas experiências? Como é que foi isso?

Olha, com certeza assim. Eu não tenho como negar porque em momento algum, eu deixei de me sentir acolhido. A minha frustração, acho bom reiterar isso, é em relação

a maneira, ao manejo mesmo desse conteúdo, dessas questões que eu levava pra lá. E eu sabia que esse incomodo, não dizia respeito ao meu analista, mas aos meus próprios incômodos. Como eu falei, eu sabia que tinha que levar pra outros lugares. Porque a análise dava conta da medida que ela podia dá conta. Se eu queria saber o porquê de eu tá passando aquilo, o que minhas outras vidas fizeram pra mim está passando por esse “karma”, digamos assim. Eu acredito muito em karma, mas enfim, pode ser uma explicação. Eu sabia que eu teria que me reportar a outro lugar, sabe? Eu acho que sim, a análise me acolheu, não tem como negar isso. Todas as vezes que eu passei por um momento difícil e isso de alguma maneira apertou, meu analista se mostrou disponível, ele falava me escreva se você sentir medo, mande alguma mensagem. Eu tô aqui, sabe? E sim, eu me senti acolhido com toda certeza.

OK.

Participante 5

Em um primeiro momento, quero te agradecer por ter deixado teu contato, ter estado disponível pra gente tá aqui, te entrevistando e conversando sobre o questionário. E aí, eu queria saber se você já teve uma experiência anômala, qual foi essa experiência, como é que foi pra você, enfim, fica bem livre aí pra falar dessas experiências.

Certo. Eu agradeço também. Eu gosto muito dessas questões de cunho científico né. E é sempre bom contribuir. Mas com relação a minha experiência anômala, se é que posso considerar assim, foi uma situação que aconteceu comigo em... no ano de 2002 né, eu era, eu tinha acho que 12, 13 anos na época. E eu tava em Alcântara, minha mãe é de Alcântara. Ela é do interior de Alcântara. De uma comunidade quilombola. E nessa época, lá no interior não tinha energia elétrica, a gente se reunia nas portas, às vezes, contando história e tudo. E teve uma situação em que uma noite que eu tava na rua lá no interior, e eu tava, e eu fui retornar pra casa da minha vó. Eu estava sendo acompanhado por três pessoas. Eu consegui enxergar quando eu estava voltando pra casa duas pessoas na minha frente. Era como se fosse um casal. Estavam andando abraçados. E atrás de mim, eu tava sentindo que tinha uma pessoa também. Inclusive, eu cheguei a falar. Eu cheguei a falar com essas pessoas. Eu perguntei assim, quem era e tudo mais, mas, eu não tive resposta. E era, a imagem que parecia pra mim era uma espécie de, como se fosse somente um contorno. Assim, só o contorno das pessoas. E aquilo, é... e ficou muito tempo, eu fiquei olhando aquilo por muito tempo. Não foi assim uma questão de simplesmente, “ah, eu tive de relance”, “eu vi uma situação que pareceu que era uma pessoa”, na verdade, eu tava enxergando mesmo, ficou por muito tempo como se eu tivesse acompanhando-os assim atrás deles. Quando eu vi que eles não responderam nada e continuaram, eu só continuei o meu caminho, seguindo, com medo claro. E segui o caminho pra casa da minha vó.

Você tava vindo de onde? Você lembra?

Eu tava vindo da... nessa época, a gente quando era noite geralmente, ia pra casa de alguém, de algum amigo, acho que era, eu tava vindo da casa de uma tinha minha porque ficava muita gente na porta da casa dela nessa época e ficava todo mundo conversando lá até tarde da noite. E, eu acho que eu tava vindo da casa dela nessa

época. Assim, é uma comunidade quilombola, é um interior, é uma comunidade bem pequena, todo mundo se conhece, as pessoas se conhecem e tudo. É, no entanto, tem aquelas histórias de... tem muitas histórias que a gente acaba ouvindo, escutando, que... é... histórias que são fantasiosas e tudo. Mas, o fato é que essa experiência realmente aconteceu comigo. Acho que foi a única coisa que aconteceu comigo com relação a uma experiência dessa natureza.

Hunrum

Não sei se é uma experiência anômala. Se pode ser considerada. Mas que de fato isso aconteceu. Inclusive, isso me... isso mexeu muito comigo na época, mexeu muito comigo porque é... eu vinha da religião católica. Aí depois, eu fui pra religião evangélica por conta do meu pai. Minha mãe é católica. Mas essa experiência me fez questionar, assim, muitas coisas com relação a minha religiosidade também. Hoje, eu não tenho religião. É, eu respeito todas as religiões, inclusive, gosto muito de saber sobre como são os rituais das religiões. Mas isso mexeu muito comigo. É... no meu pensamento, assim, espiritual.

Já na época? Você disse que tinha uns 12, 13 anos?

Foi. Na época... não, assim, isso veio... hoje, eu sempre lembro disso. Isso, assim, me marcou muito. Eu sempre lembro disso. É, mas aí depois, depois desse acontecimento, eu fiquei muito ligado ao meu pai. Eu fui muito pra religião evangélica. E... mas aí, eu não fiquei, não me batizei e nem nada. Mas, essa experiência mudou um pouco, mudou minha visão com relação a religiosidade né, que eu tinha. Eu continuei na igreja com meu pai por um tempo, mas depois eu saí. É, mas assim, foi... eu não me considero uma pessoa, que eu acredite em algumas... em questões que são fora, digamos assim, alguma coisa material né. Mas, pode ter sido alguma coisa, produto da minha, alguma produção da minha mente, alguma coisa relacionada a isso pelas conversas que a gente tava tendo nesse dia. Mas, o fato é que foi algo que eu enxerguei de fato. Que eu vi. Não foi algo que eu simplesmente, porque as vezes as pessoas atribuem alguma coisa a um sentido, um sentimento que tenha de alguma coisa. Não, eu cheguei a ver de fato alguma coisa. Isso foi uma coisa que me marcou muito. Foi uma experiência muito diferente de tudo que eu já tinha vivido.

Tu falaste que a partir dessa experiência, tu mudaste em relação ao modo que tu percebia tua religiosidade, essa coisa toda. Tu consegue me falar um pouco

sobre isso, assim, como é que tu era antes, como é que tu percebia tua religiosidade antes e como isso mudou a partir dessa experiência?

Sim, sim. Eu não sei se isso foi um fator. Se isso foi um fator, de fato, que promoveu a minha mudança. Mas, o que eu, o que ficou marcado foi uma experiência que (9:38-9:52 min. Houve um travamento e não deu pra entender o que o entrevistado falou) ... chegado a ver uma situação, que eu pude, digamos assim, remeter a algo que não fosse desse mundo. A minha percepção foi essa né. Mas, é... eu não sei se depois disso (10:15- 10:19 min. Travou novamente). Eu fiquei foi incrédulo, na verdade. Pode até ser um paradoxo. Mas como eu lhe disse, hoje, eu não tenho religião. Embora, eu (10:34- 10:40 min. Travou novamente) um bairro que tinha muita, muita religiosidade né. É (10:45- 10:48 min.) fisicamente, pra dizer o que mudou foi só com relação a minha (10:52- 10:56) elas tinham uma visão da religião como meio de sentir algo (11:00- 11:04) foi, foi o diferente, foi uma coisa diferente que é...

Que tu presenciaste. Deu uma, deu várias travadas aqui no meio, eu não quis te interromper porque tu tava na tua linha de raciocínio. E aí, eu fui tentando pegar ali o geral. Mas assim, só pra... eu quero que tu me digas se foi isso que tu falaste. Que mudou no sentido de que tu ficaste ali meio confuso em relação ao... se tava vendo ou não tava vendo. Como tu falaste, incrédulo, foi mais ou menos nesse sentido?

É. Porque assim, eu fiquei, depois de um tempo, como eu falei, eu sempre fico pensando nisso. Depois de um tempo, é... depois de adulto já, eu fiquei pensando é... na possibilidade de isso ser uma criação da minha, da minha própria cabeça e tudo, da minha mente. E... como eu saí um pouco da religião e depois que eu entrei pra universidade e tudo. Eu comecei a ler outras coisas e ficar pensando mais, digamos assim, no pensamento mais científico mesmo. De ter a questão, de observar as coisas materialmente pra acreditar assim, né. Eu fiquei pensando “não, isso foi alguma relação que eu fiz com as conversas que a gente tava tendo e acabou que eu criei. Posso ter criado isso na minha mente”. É, digamos assim, e passei a acreditar nessa hipótese minha mesmo, de dizer que foi um fruto da minha imaginação, digamos assim, é... embora, isso tenha ficado muito tempo na minha cabeça atrelado a algo sobrenatural, né.

Sim.

Embora, é tão estranho. Embora eu não tenha religião, mas, eu me considero, eu sou agnóstico, eu não tenho é... não se prova, mas também não se descarta essa possibilidade na minha cabeça. Mas isso não ficou depois, assim, depois muito, não mexeu comigo de uma maneira que eu ficasse assim sofrendo por causa disso. Mas eu compreendi melhor. Mas por muito tempo isso ficou confuso na minha cabeça assim, na minha, nos meus pensamentos com relação a isso e com relação a religião e tudo.

E quando você chegou lá no lugar que você ia. Que era a casa da sua vó. Você falou pra alguém isso que aconteceu? Você guardou pra você? Como é que foi?

Eu guardei pra mim. Eu não falei nada pra ninguém.

Não falou pra ninguém? E por que você não falou?

Não sei. Não sei te explicar assim, rafisa, por que eu não falei isso pras pessoas. Mas, eu me lembro que depois, depois já de uns anos, eu falei isso pra minha mãe. Eu falei pra ela e tudo. Aí ela veio falar, ela me contou de histórias e tudo, de que ela vivenciou na infância e tal. Tem aquelas coisas de interior e tudo. Aquelas histórias. E algumas histórias que não tem uma explicação, assim, que seja possível imaginar e trazer pro campo científico. Não tem uma explicação, né. Alguém que presenciou. Alguém que viu. Alguém que sentiu. Então, foi mais uma experiência que eu tive dessa natureza em relação a isso. Eu fiquei pensando, fiquei pensando assim

Então, você fala assim que não percebe sofrimento em relação a essa experiência, mas foi algo que mexeu aí, né? Contigo, durante algum tempo. Você falou que essa foi a única experiência assim, digamos, estranha né, que aconteceu contigo. Ao longo da tua vida, mais nada assim? Alguma coisa diferente? Ou você percebe que, por exemplo, em relação a essa experiência, a explicação que você dava na época foi mudando com o tempo?

Isso. Foi mudando com o tempo porque na época, eu era um adolescente. Tava iniciando a adolescência e tudo. E tinha vários conceitos de religião na minha cabeça. Que eu tava me formando ainda né, enquanto alguém que tá com um turbilhão de coisas na cabeça. A mãe é de uma religião. O pai é de outra. Aí tem aquela, aquela mistura toda. Quer dizer, de uma religião e de outra não. É de um tipo específico porque os dois são cristianismo, mas duas vertentes. É... aquilo depois quando eu... depois disso que eu... assim, não tive um sofrimento com relação a isso, mas isso sempre ficou permeando minha cabeça assim, de eu ficar tentando buscar um

entendimento do que poderia ter sido isso. É... depois eu fui, depois com o tempo, eu fui percebendo com leituras e tudo que isso pode ter sido algo que eu imaginei, mas isso ficou permeando minha cabeça. Até hoje, eu me lembro, eu me lembro assim, exatamente, do dia que aconteceu, de como que aconteceu, me lembro exatamente, perfeitamente, de tudo como aconteceu. Da hora que eu sai até... acho que foram uns cinco minutos. Desde que eu saí da casa da minha tia até chegar a casa da minha vó. Eu me lembro perfeitamente dessa cena. Não consigo me esquecer disso.

Sim. Então, foi marcante? Uma das características dessas experiências anômalas que a gente tem, que as pessoas relatam, é exatamente isso. De ser bem marcante, da pessoa pensar num antes e num depois, né?

Outra coisa também, professora, desculpa. Foi com relação a depois, eu ficar tentando buscar um sentido na religião. Por que assim, eu sempre via meu pai ou minha mãe falando assim “não, porque eu tive um chamado de Deus”. Eu tive uma sensação que eu saí de uma vida e fui pra igreja e tudo porque foi uma espécie de sentimento que tiveram que levaram eles até, até a busca por uma religião. E quando eu fiquei um pouco mais, chegando na idade adulta, eu falei “cara, eu nunca tive isso”. Eu nunca tive esse tipo de situação. Eu fui pra igreja, eu sempre ia pra igreja por uma questão de hábito né. Minha mãe ia. Eu fui desde criança. Reproduzindo aqueles hábitos. Meu pai em um determinado momento me influenciou a ir pra outra igreja, mas eu, enquanto experiência de dizer assim, eu nunca tive, eu nunca tive esse chamado que, as vezes, muitas pessoas têm e relatam isso. Isso também, isso é uma coisa que me, é algo que me, que eu nunca vivi. Por isso que, depois disso, eu decidi não ter nenhuma religião. Porque tipo, se eu tiver alguma religião pode ser motivado por esse tipo de sentimento. Enfim, é isso.

Participante 6

Então, eu queria que tu me falasse é... se tu já tiveste alguma experiência anômala, como é que foi isso, como é que tu te sentiste, enfim. Bem assim, livre. *Certo. Quando eu respondi o questionário, eu fiquei até brincando aqui. Gente, eu já vivi muito mais coisa que eu nem sabia que era uma experiência anômala, né. Então, assim, algumas questões sobre aparelhos eletrônicos, né. Começar a pifar muitas coisas. Quebra de vidros. De repente, quebrou o vidro do nada. Principalmente, mais nesse sentido assim de coisas pifarem, né. Eletroeletrônicos. Teve uma outra coisa que eu também, na hora que eu li o questionário, que agora me fugiu. Eu me lembro que eu respondi também. Acho que foi com relação a sentir algumas presenças, né. Assim tipo, cutucar. Também de vez em quando acontece. Teve uma outra... acho que tem alguma coisa a ver com tonturas, alguma coisa assim, eu acho que li isso em algum lugar lá ou não?*

De não se sentir tão bem? Quando... enfim, geralmente ligado a questão da presença de alguém.

Em ambientes. Determinados ambientes.

Isso. Tipo, como se tivesse uma suposta energia no ambiente que faz com que você não se sinta bem. Você já sentiu isso?

Isso.

É interessante. Porque tu és a primeira pessoa que fala que já teve experiências em relação a objetos quebrarem, a objetos pifarem. Tu lembra? Me fala um pouco sobre isso.

Olha, assim, principalmente, acho que há uns dois anos atrás, um pouco antes da pandemia, né, eu tava na casa do Fabiano e de repente, foi uma televisão logo depois foi um computador, celular parou de funcionar, assim, coisas de três dias, quatro dias, de repente, as coisas paravam de funcionar. Ou então dava um defeito e depois voltava, né, com algumas coisas assim de frequência mesmo. De você perceber que chegava pra ligar uma coisa e de repente ela não ligava. Outra questão também, a gente tava assistindo e de repente caiu do nada, estante, né, uma prateleira bem presa, caiu sozinha do nada. Caiu computador. Caiu tudo. Né, então, algumas coisas desse sentido. E foi uma, também uma vez, eu tava num apartamento que eu morava e de repente o vidro de uma janela quebrou, estourou, fez uma zuada enorme.

Também outra vez, eu tava cozinhando de costa pra uma porta de vidros que tinha no apartamento que eu morei. Era uma porta dessas de correr bem grande de vidro. Estourou do nada, chega caiu toda em cima de mim.

Nossa!

Algumas... são assim... algumas lembranças que eu tenho. É, notebook também, em menos de um ano, seis meses, eu vou ligar, de repente, eles param. Eles não duram muito tempo comigo.

E o que tu pensas em relação a isso? O quê que te vem? É algo que te causa sofrimento? Tu dá algum sentido a isso? Como é que é.

Me causa assim... estranheza. Algumas pessoas já disseram. Uma vez, uma pessoa me disse que era uma questão energética de mesmo, né, alguma sintonia do momento como eu tava emocionalmente. Eu percebo que quanto mais agitada eu tô mais as coisas começam, realmente, a pararem de funcionar, né. Eu comecei a fazer essa relação depois de um tempo. Por um tempo, eu não sei te dizer, porque eu nunca fiz. Eu passei a pensar nisso de um ano, um ano e meio pra cá. Outra coisa também, eu não sei se tava lá no teu questionário. Mas que eu acho muito curiosa com relação, assim, a estados emocionais e aparecimentos de alguma coisa é relacionado a insetos.

Sim, sim. Acontece muito?

Sim. Eu tô na fase da aranha, por exemplo, começa a aparecer aranhas em todos os lugares assim. De vez em quando, eu vou em algum lugar e de repente olho uma aranha. Ou então, eu até brincava uma época que tinha uma barata que me perseguia. Era só eu descer na garagem que tinha a fulana da barata. Ela só aparecia pra mim. Ela não aparecia pra mais ninguém. Ou pelo menos, eu tinha a percepção dela. Mas era fenômenos assim que me trazem curiosidade. Eu acho que essa questão dos insetos, de vez em quando, ocorre.

É, tu falaste que causa estranheza. Tu fica assim pensando “alguma coisa pode ter aí”. Ou não, enfim. É... Me fala sobre isso. Tu falaste que só de um ano pra cá, tu tens pensado mais.

Acho que mais de um ano, né. Na verdade, é que a gente com a pandemia fica contando o ano. Mas eu acho que tem mais de um ano. Tem uns dois anos, três anos que eu comecei a ficar mais curiosa, né. A achar essas questões mais, assim, comecei a perceber que tinha uma certa frequência. E aí, com relação a questão dos

eletrônicos. Mas também nunca parei muito pra tentar entender isso. Comecei a ficar mais atenta a partir dessa fala de uma pessoa que foi até que eu até citei também no questionário. Que foi um xamã. Que eu fiz uma consulta em Brasília, uma vez. E também depois outras duas vezes. E assim, né, essa foi uma questão que ele falou, falou de um chá. Eu realmente sou péssima pra essas coisas. As pessoas me dizem e parece que vem a curiosidade e depois eu esqueço de ir atrás, de pesquisar, e aí assim, falou de alguma coisa com relação a esse sentido. E eu deixei, sabe. Com relação aos insetos, eu andei pesquisando tinha até um livro que falava sobre a questão de animais, surgimento, aí vem algumas simbologias que trazem, mas também nada eu aprofundei muito, realmente, nada disso. Outra também, acho que algumas questões, é... sensações, sensação de desmaio, não é bem uma sensação fora do corpo, mas são sensações, as vezes, de uma queda brusca de energia. Eu tô tranquila e de repente, em algum momento, alguma situação, ou uma pessoa ou um espaço que parece que esgota, que realmente vai, eleva assim... parece que eu fico bem mal. Mas como eu tô te dizendo, nunca procurei muito aprofundar, entender muito. Nem pelo caminho religioso. Nem por outra explicação. Foram coisas que até o momento tem acontecido e que eu nunca... por isso, que eu até achei muito interessante tanto a pesquisa, né, quando eu comecei a ver o que tu estavas estudando. Porque tenho muita curiosidade, muita vontade de entender um pouco. Falta talvez, direcionamento. Porque, né, tem muitas pessoas que as vezes usam de informações, de algumas questões equivocadas e aí você fica com medo de tá em um caminho que não é de fato, né, que possa ali, que pode não ser de confiança ou alguma coisa do tipo. Aí você vai ficando com esses receios e acaba com a correria deixando essas questões passarem né.

Tu falaste que nunca foi buscar em alguma religião ou alguma coisa do tipo é, alguma explicação. Tu tens alguma religião? Como é tua relação com a religiosidade?

Eu... quando criança... vim de uma família católica, minha vó, meu pai, minha mãe né, todos eram católicos. De fato, praticantes, praticantes, só uma pequena parte, acho que minhas avós. Nós mesmo lá em casa nunca fomos de ir a igreja. Então, né, foi mais assim essa base mesmo cristã. Depois, eu li muito, muito... li pouco sobre espiritismo, algumas questões, fiz algumas leituras. Faço algumas leituras sobre as religiões de matriz africana, mais por curiosidade mesmo e de entendimento mesmo

sobre todas essas coisas. Mas seguir, seguir mesmo alguma coisa, nunca. Eu nunca tive uma prática religiosa assim, né. Como a gente pode dizer, de frequentar algum lugar, de ter ali rituais a cumprir, né. Nunca.

Humrum.

É mais uma questão... agora assim, todos os dias faço minhas orações. Orações. É, mamãe fica brincando que eu burlo as orações todas. Eu as faço do meu jeito. Da minha forma. Do jeito que eu entendo. Pra quem eu quero fazer minhas orações. Eu enrolo tudo no meio, justamente. É o meu jeito, foi a forma que eu encontrei de me conectar ali com quem, com essa crença de que há sim algo superior a nós. O que é ao certo, aí é outra dúvida. São questões que ficam né. Mas nesse sentido, nunca tive de fato uma prática mesmo de religião em alguma experiência assim.

Certo. Tu tens alguma dúvida? Quer falar alguma coisa? Como eu te falei, era bem rapidinho porque é basicamente saber qual experiência anômala que você já teve, se teve algum sofrimento e o sentido que tu dar pra isso, assim. Então, me parece que não há sofrimento. Há sim, uma surpresa, um espanto, digamos. É, causa incomodo. Eu não vou te dizer que, por exemplo, a queima dos aparelhos causou uma tristeza. Mas não é algo que me traz de fato assim um sofrimento grande. Me traz mais curiosidade de fato, de entender o quê que é, nada, ou se é alguma coisa. Do que, de fato, sofrimento. É mais curiosidade mesmo, nesse sentido.

Perfeito! Tu quer falar mais alguma coisa? Tem alguma dúvida?

Não, não. Acho que era basicamente isso.

Participante 7

Querida começar te perguntando qual experiências anômalas você já teve, como é que foi isso? Falar um pouquinho aí, livremente, em relação a isso.

Ah... a princípio, a primeira experiência foi familiar né... é, minha vó relatando que minha prima tinha recebido um guia espiritual pra dar algumas informações relevantes a outras pessoas da família. Tipo, aquele comunicado de "ah, toma cuidado". Eles tavam viajando, "cuidado com a estrada", esses comunicados que foi... que aconteceu, desse guia com a minha vó incorporado a minha prima né. Aí, eu fiquei sabendo disso. Aí, em um outro momento, eu tava presente durante essa incorporação. Esse foi o início.

Sim. Aí, então, nesse primeiro momento você não estava presente. Você só ouviu falar uma história de uma menina, que a gente sempre tem muitas. E aí, em um segundo momento você estava presente. E como é que foi?

É... faz muito tempo, tenho 34 anos. Acho que na época, eu tinha 16 anos. Então, vai um tempinho. Quando eu cheguei na casa dessa minha vó é... paterna tinha uma outra pessoa incorporada com um guia. Me chamou pra tomar um passe. Na época também tava com um problema de saúde, problemas nos rins, né, aí foi quando eu descobri que só tinha um rim de nascença. Mas aí foi esse primeiro contato com a entidade foi assim.

E como é que foi pra ti, é... isso assim. De ter esse contato, você deu alguma explicação pra isso, como é que foi?

Hum...eu não tinha nenhuma opinião formada né sobre. Mas aí eu fiquei curiosa em saber. Porque como que podia... como que podia alguém que não me conhecia saber fatos pessoais meus. E era uma pessoa que nem era da família, entendeu? Aí eu fiquei curiosa. Fiquei curiosa.

Sim. E você foi buscar explicação em relação a isso? em algum lugar, enfim.

Aí depois eu fiquei acompanhando a minha prima que ela chegou a frequentar um centro espírita. É... pra... eu acho até que chegou a ser feita no santo, que eles dizem. E aí, eu acompanhei esse processo. E de frequentar festas, de terreiros, de ajudar até, inclusive. De participar assim ou tomando um banho ou tomando um passe, essas coisas.

É, então, você... pode me corrigir se eu estiver errada. Mas você foi ali em busca de alguma questão religiosa pra esse fenômeno. é isso?

Sim, sim

E teve mais algum?

Teve esse. Teve também de sonhos, né. De sonhos. De eu sonhar uma coisa e ter aquela sensação que eu já vivenciei ou que eu já tinha sonhado. Essas coisas assim que a gente fala que é intuição, né.

E qual explicação que você dá pra isso, assim? Você dá algum sentido pra isso?

É, como assim... como eu acredito, eu vou dar o sentido espiritual, né.

Sim.

Dou o sentido espiritual.

Alguma dessas experiências te causou sofrimento?

Não, não tanto. Não. Eu acho que não. Porque é uma coisa assim que pra mim é tranquilo.

Sim, sim.

Mas eu acho que o ambiente familiar, pelo menos da minha vó paterna, favoreceu pra que não fosse algo assim, tão né, assustador ou que não fosse aceito por outra pessoa.

Ah, então assim, você fala que você pensa que é algo ali meio que naturalizado na família, por conta, desse ambiente familiar, da sua vó, tem todo um ambiente por trás. É isso?

Sim, sim.

Ah, entendi.

Favoreceu.

Entendi. Então, a crença estaria mais ligada a questões religiosas, então, sofrimento aí, como você disse, quase não tem. Porque já teria uma explicação pra isso?

Sim. Aí também você sabe se colocar, com que tipo de amizade você pode falar algo sobre. Aí tudo vai se encaixando, né.

Sim, sim. Tem mais alguma? Alguma experiência que você lembra. Você já falou em relação a essa experiência mediúnica, é, a experiência com sonhos, como se você já tivesse vivido algum sonho que você teve. Você lembra de mais alguma experiência?

São muitas né. De tá acompanhando. De ouvir outras pessoas, amigas falarem sobre.

Sim. E geralmente, são experiências mediúnicas?

Sim. É mais mediúnica. Aquelas de incorporação mesmo.

Entendi. Que tá bem aí próximo do núcleo familiar. Eu acho que é basicamente isso. Nessa época de pandemia, tu percebeste alguma intensificação em relação a essas experiências ou não, enfim. Sentiste alguma diferença?

Não. Inclusive, dessa... essa minha prima que foi feita no santo e essa outra amiga dela, que é amiga em comum minha, elas disseram que sentiram como que parece que nem as entidades queriam descer. Parece aquela dificuldade entre o que tá oculto, entre o espírito e eles assim na terra. Tá tudo muito estranho, muito sombrio, isso que foi falado. “Ai, será que o orixá não tá me vendo”, “Tô passando tanta coisa”, sabe assim? Foram essas as queixas.

E ainda mais que os templos religiosos ficaram muito tempo fechados.

Sim.

Tem muitos que não reabriram, então, a gente percebe muito esse discurso entre as diferentes religiões assim, em relação a esse afastamento do local lá de culto. Dá essa estranheza.

Isso. Aí foram esses os relatos.

Perfeito! Tu tens alguma dúvida em relação a entrevista? Quer fazer alguma pergunta?

Não. Não tenho dúvida, não.

Participante 8

Quais experiências anômalas você já teve?

É, assim... a minha família é toda espírita, entende? Então durante a minha vida até agora, eu sempre presenciei esses casos assim sabe?! Minha tia, ela tem um centro espírita. Então, eu já fui lá algumas vezes. Esse ano mesmo eu fui lá pra tirar algumas dúvidas em relação a algumas coisas que me disseram sobre o meu relacionamento e lá eu descobri que eu também tenho é... espiritismo, vamos dizer assim, mas eu não sou tão desenvolvida assim e foi, é basicamente isso assim

Então, quando você fala que pelo fato da sua família ser espírita e desde pequena você está inserida nesse meio, você viu muitas coisas...enfim. Você consegue exemplificar algumas das coisas que você já viu ou experienciou.

Sim...é...eu acho que tinha 12, 13 anos, não lembro ao certo, mas estava na minha... na cozinha com a minha madrinha e ela tava fazendo café e aí de repente... do nada mesmo, ela largou o que tava fazendo e foi pro quarto brincar com os ursos da minha prima e aí eu não entendi a princípio o que tinha acontecido sabe...aí minha família toda foi pro quarto e aí eles já sabiam do que se tratava e aí de pouquinho pouquinho foi entrando cada um e ela me chamou e tudo mais ai quando ela me viu ela falou olha essa daí tá querendo namorar e tudo mais. Então.. eu tava naquela fase de 13, 14 anos aquela fase onde todo mundo tá querendo se envolver com alguém então foi essa mas também teve outras, posso citar também?

Pode sim, fica a vontade

É minha vó ela machucou o pé aí ela ficou um tempo internada e aí minha tia... não sei se ela tem essas coisas mas ela vai a centro espírita também e aí ela trouxe uma mulher que recebe guia e tudo mais, espírito, e ela veio aqui junto com essa mulher e me falaram certas coisas sobre o meu relacionamento e aí eu me senti muito mal porque eu não esperava que ninguém me falasse aquilo entende...tanto que eu falei com meu namorado e ele falou que isso é besteira que estão te falando... ai eu parei para pensar porque eu não tinha pensado, raciocinado direito e depois eu me acalmei e vi que realmente não é nada daquilo. Me disseram que ele atrapalhava meus estudos, que ele era moleque, isso e aquilo. Tipo, como se quisesse separar eu e ele e aí essa mulher, o espírito, falando assim, disse que se eu não tirasse ele daqui de casa, esse espírito ia tirar ele por bem ou por mal. Então, falaram “ah coloca um copinho de sal grosso no teu sal se tu quiser para ele sair e tudo mais porque nessa

época ele tava ficando aqui em casa enquanto ele não alugava um apartamento para ele. Então eu coloquei o copo de sal grosso e a partir daí eu fiquei muito pensativa assim bastante sobre meu relacionamento e depois resolvi falar com minha tia aquela que tem um centro espírita e aí foi quando ela me disse o oposto das coisas e eu pude pensar melhor. Aí foi quando me falaram que eu tenho essas coisas. Daí tive que contar/cantar para o meu guia também.

Essas experiências lhe causaram ou causam sofrimento?

Ah...não, assim, foi só nessa vez mesmo que me disseram tudo isso e aí eu fiquei pensando por dias se eu deveria terminar meu relacionamento, mas no final deu tudo certo. Tanto que quando a mulher me falou essas coisas eu chorei e tudo mais...disseram que tinha outro homem me esperando, um melhor, já fiquei com isso na minha cabeça.

E como você explica essas experiências? Você atribui algum sentido para elas?

Como assim sentido?

Como você explica essas experiências? Você consegue explicar de algum modo ou recorre a algo, por exemplo, a religião?

Está tudo relacionado a religião

Nesse período pandêmico, você vivenciou alguma outra experiência ou foram somente essas que relatou?

Não

Participante 9

Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?

Esse tipo de experiência está muito ligada ao sono/sonho, né? Nesse aspecto mais do sonho assim. Minha infância e adolescência foi muito marcada por sonhos repetidos e sequenciais. Uma noite e na outra parava no mesmo ponto, com algumas situações muito assim. Tinha muitas paralisias do sonho, tinha muito muito mesmo. Era quase um dia sim e um dia não, quando não noites seguidas assim. E aí sempre com muitas personagens, vou chamar de personagens [chamada de vídeo travando] E eram coisas engraçadas, eu sempre sonhei no aspecto assim. Quando eu sonhava que tava numa casa, tipo escolha, é melhor, sempre a mesma escola mesmo eu tendo mudado de escola, casa mesmo eu tendo mudado de casa; quando “tipo” eu sonhava na casa da minha vó, minha avó paterna, eram sempre sonhos...que quando eu entrava no sonho (digamos assim), eu já sabia que era um sonho ruim, porque eu estava na casa dela (lh lá vem um sonho lascado, porque eu estava na casa dela), algumas marcações assim. Eu tenho alguns...assim, isso já presenciei né, assim já aconteceu comigo, como já tive relatos, já presenciei com meu pai, isso sem ser sonho, outra experiência anômala eu acredito, mas diminuiu em um determinado momento. Em um sonho também que eu tive né...eu vou tentar resumir toda essa importância desse arquivo de sonhos nesse fato final assim.

Eu tive um sonho que era muito recorrente, eu tava em um espaço etéreo assim, uma coisa sem nada, sem lugar, sem nada, eu sempre tava ligada numa voz né, conversando e tal. E aí eu lembro que essa voz falou assim: “Olha, tu vai comigo hoje, né?! Pra algum lugar, tu vai comigo”. Aí eu disse: “Tá bom, eu vou”. E eu tendo consciência de que eu estava sonhando e eu percebi que quanto mais eu ia seguindo a voz eu me sentia distanciado do corpo mesmo assim, uma coisa de sensação. E teve um momento do sonho que eu fiquei com muito medo aí eu disse pra voz assim: “Olha eu não vou mais, eu não vou mais contigo eu vou voltar, eu vou ficar” e a voz começou a se alterar: “Não, tu não pode agora voltar...(“não sei o que mais”). E aí eu lembro que eu disse assim: “Olha eu vou voltar e tu nunca mais aparece no meu sonho, nunca mais, nunca mais eu quero te ouvir”. E aí foi quando eu voltei, voltei com uma sensação muito ruim, porque eu voltei como se eu tivesse levado uma porrada na cabeça, foi uma porrada muito estridente, todo mundo acordou na casa, tava meus pais no outro quarto dormindo, meu irmão tava dividindo o quarto comigo, pessoal

acordou pra saber o que foi se eu tinha caído, mas eu tava na cama da volta do sonho. Aí depois disso nunca mais sonhei com essa voz, sempre tive muita perturbação no sono.

Eu lembro de uma sequência de sonhos também e essa é engraçada, eu tive uma sequência de sonhos uma semana eu era adolescente e sonhava muito com uma mulher branca alva, né?! E foi uma semana, eu lembro disso muito claramente, e eu sonhava com essa pessoa em várias situações, só que eu não via o rosto dela, ela sempre nua/despida... em várias situações, de eu estar ajudando ela com alguma coisa, dela estar passando por alguma situação, e enfim. Uma série de sequências, e aí acabo a sequência de sonhos e nunca vi o rosto, nunca soube quem era.

Depois de muito tempo, passou muito tempo, vamos dizer assim na fase adulta da vida (pelo menos de idade), eu tava ali...tava...tava...eu tava namorando minha ex esposa eu acho. E aí eu lembro que eu tive um sonho com essa mesma figura, e aí tinha o rosto dela, incrível que era uma sequência dos outros sonhos e aquilo me assustou muito, eu fiquei muito assustado e eu demorei pra falar isso pra ela, depois de muito tempo, não falei de imediato. Lembro que falei com minha cunhada primeiro, “Olha aconteceu um negócio comigo” e ela já sabia que eu já tinha esse problemas assim de sono...é... Esses são os mais assim.

Eu tenho...assim, só pra tentar completar mais assim a nível de experiência...é... eu recentemente tentei, estou tentando finalizar um trabalho audiovisual, que é um pouco dessa referência dessa religiosidade de matriz africana com uma figura muito conhecida em Alcântara: Dona Mocinha, que ela é uma...ela se autodenomina curandeira, ela mora em uma ilha...ixi agora eu esqueci o nome da ilha...Ela mora sozinha nessa ilha.

Ilha do medo?

Não, não é a ilha do medo não. É em Alcântara...é...

Tu já até me falaste esse nome, eu esqueci também o nome da ilha.

Fugiu agora...olha eu ando esquecido. E aí ela mora sozinha, e ela cuida...assim, eu lembro que eu fiquei um sábado com ela lá, meu companheiro de gravação não foi comigo, eu fiquei só com ela, a gente conversou muito nesse sábado, e aí a gente conversou várias coisas, falei de algumas experiências à ela, ela disse que tem experiências de saída do corpo que ela vai pro subsolo da terra, uma série de coisas, né?! É...e ela falou, ela me indicou uma pessoa pra conversar aqui, que eu não lembro

agora, também nunca fui, porque ela disse “Olha tu tem que tomar cuidado com algumas coisas”, né?...Ela falou assim meio que eu não tinha aceitado esse processo e meio que tinha que tomar cuidado com algumas coisas, mas assim eu nunca...assim tenho esses aspectos muito ligado ao sonho, eu sinto que eu tenho uma intuição forte pra algumas coisas também assim, as vezes de não seguir também, eu deveria seguir mais eu não sigo, mas eu acho que sinaliza algumas coisas. Com meu pai, meu pai faleceu recente, eu presenciei com meu pai uma situação assim, meu pai ele cuidava de uma juvenzinha que tinha uns problemas de saúde, bem novinha...[travou] os médicos, sempre acompanhava, cuidava. E era assim, a expectativa de vida dessa menina era muito baixo, era um problema de má formação de estrutura do corpo, da cabeça...não lembro exatamente o que era. E aí eu lembro que eu tava num sábado no serviço com ele, né?! E aí ele tinha ido na sexta visitar a família, ela tava ruinzinha, e eu lembro que era sábado e no domingo a gente já tava voltando pra casa, a gente tava no carro e aí meu pai pegou um susto assim no carro. E aí eu falei “Ih, pai o que foi?” e ele-eu acho que o nome da menina era Amanda, não tenho certeza- aí ele falou assim “acho” aí ele falou assim “Amanda morreu” aí eu disse “O que foi isso? Alguém lhe ligou lá da farmácia?” meu pai trabalhava numa farmácia na época. Eu digo “Alguém lhe ligou da farmácia?” e aí ele “Não”, ele tava assim meio estático meio assim né...”Não não”...E aí eu falei “como é que o senhor soube?” Não tinha celular, acho que meu pai não tinha celular na época, acho que nem era popular também...é...aí eu falei “como que o senhor soube?” Aí ele “Não, ela me disse” e eu “Ela disse como?” – Eu já tava agoniado – E ele “Não, ela veio e falou no meu ouvido” Aí eu “Eita, caceta da porra”...e aí...foi muito engraçado isso, assim a morte da menina não é engraçado...a gente chegou em casa, era apartamento, e aí eu lembro que minha prima morava com a gente na época, a família dela ligou pra casa, então o pessoal já tava sabendo, eu lembro que quando minha prima abre a porta...minha prima...o nome do meu pai é Jesus né...aí minha prima falou assim, agoniada já né “Jesus, preciso te contar uma coisa” aí meu pai “Não eu já sei, Amanda morreu” aí minha prima “Como é que tu soube?” aí meu pai nem comentou mais nada “Não eu fiquei sabendo...” Eu também não falei nada, porque nem eu tava entendendo direito. Mas ela [travou] lembrei agora...tava se despedindo...e aí essa foi uma situação com meu pai.

Meu pai passou por algumas outras que ele comentava comigo, mas a questão do sonho era uma coisa me incomodava muito que uma vez eu falei com ele assim porque eram coisas muito perturbadoras mesmo, de paralisia, sonhos lúcidos, interferências, me incomodava demais, eu sou uma pessoa que gosta de dormir., então eu perdi momentos de sono. E teve uma vez que eu conversava com ele “Pai, eu não aguento isso não” aí eu brinco com meu pai, sempre brincava “Ah, vai rezar” aí eu “Papai, eu já tô é acendendo vela de 7 dias que eu não aguento mais”, mas assim depois do fato que eu contei passou, parou mais. Eventualmente acontece alguma coisa muito vagamente, muito raramente, engraçado que quando acontece muito raramente, meio que antes de dormir eu já sinto que vai acontecer, eu digo “Rapaz, hoje eu tô sentindo uma coisa estranha”, e aí quando eu durmo normalmente acontece essa coisa de sonhos meio perturbadores assim e eu acho que é basicamente isso. Tem outras coisinhas de sonho, mas em resumo acho que é isso.

Tu falaste que sempre são sonhos perturbadores. Que tu te sentias ali meio estranho, então tu tinhas sofrimento em relação a esse sonho? E uma outra questão também que é interessante pra a gente pensar é qual o sentido que tu dá pra isso, assim? Tem algum sentido? O que tu pensas sobre isso?

Olha sobre a questão do sofrimento, alguns sonhos sim de ações assim eu diria que eram situações ruins, tipo esse que eu te falei que eu sonhava com uma mulher alva, uma pessoa que eu precisava ajudar. Então era uma coisa meio angustiante no sonho, isso no sonho, mas acho que o sofrimento, né?! Entre aspas maior, é quando eu voltava do sonho, eu voltava muito cansado, eu tinha essa paralisia do sono que me perturbava demais, eu ficava com muito medo, porque eu demorava muito mesmo assim, eu abria o olho e ficava com o olho acho que meia hora. Eu não conseguia me mexer, não conseguia falar, isso é desesperador e eram esses dois aspectos assim de sofrimento. Quando era...assim...desses sonhos mais recentes são sonhos que causam muita angústia assim pelo susto, tu acorda muito assustado.

Sobre significado, o mínimo de conhecimento que eu tenho é do exercício mais da curiosidade, sobre esse mecanismo de abertura de corpo, eu acredito em algumas coisas no sentido de uma comunicação com um outro plano, uma outra dimensão, uma condição de comunicação, de canal aberto pra isso. Eu sei e já ouvi muitas pessoas falando isso pra mim, já ouvi de outras questões também, que esse tipo de habilidade é uma habilidade que sempre precisa ser treinada, né?! Ser condicionada,

treinada pra quem quer, mas eu nunca me atentei, eu fiquei muito ligado a isso, nunca procurei trabalhar isso, foi uma coisa que Dona Mocinha falou pra mim “Olha tu precisa..” mas eu nunca fiz. É...mas entendo que isso é uma potência humana, da mente humana, espírito humano, acho que mente e espírito é uma condição só, né?! Eu acho que a gente separa, a gente separa a partir do século XVIII numa condição muito cartesiana, né?! O cérebro racional, o espírito...isso não condiz, acho que cérebro e espírito é uma fonte só, então não tem nada de cartesiano nisso. Tudo uma potência humana, né?! Um canal de comunicação.

Eu lembro de Dona mocinha falar muito de uma situação que ela comentava, dessas saídas do corpo dela que ela disse “Olha, eu conheço um médico que ela mora em...” alguma coisa, parece que ele morava em São Paulo, eu não lembro. E esse médico também saía do corpo e eles conversavam nesse plano fora do corpo, e esse médico pediu pra que ela em uma determinada cirurgia fosse pra esse local, no plano astral, foi muito engraçado. Então eu acho que é basicamente isso, são comunicações, são potências comunicativas, você alimenta ou não alimenta. Eu nunca alimentei direito, então eu não tenho habilidade pra fazer isso e acredito que é arriscado você “Ah eu vou” tipo aqueles vídeos no youtube né “cinco passos pra você sair do corpo não sei o que” gente eu não vou fazer isso, porque se eu sair eu não volto nunca mais (risadas) porque eu não tenho essas habilidades, eu não vou fazer essas coisas.

Tu tens alguma religião? Já frequentou alguma religião ou atualmente tem alguma religião? Te considera religioso?

É...boa pergunta essa, eu já frequentei várias, comecei tradicionalmente na igreja católica, questão familiar, gostava de ir à igreja mais novo assim, eu fazia um esforço tremendo de ir domingo cedo à missa assim, fazia mesmo. É...as vezes não ia, não dava certo, mas fazia esforço, mas nunca no sentido de uma negação (“Ah eu frequentei a protestante, porque eu comecei a renegar a igreja católica”) Nunca foi numa perspectiva de negação não, minha mãe trabalhou uma época no centro kadercista “Lar Fabiano”, acho que era Lar Fabiano que ficava ali na cohab que é um centro espírita que funcionava, ela trabalhava com o pessoal da creche, que ajudava as crianças ali na região da cohab e eu sempre frequentava e acompanhava um pouquinho de algumas sessões espíritas assim, muito por curiosidade também. Eu tive um grande amigo que trabalhou comigo muito tempo que era espírita, eu [travou] entender um pouco mais, não necessariamente exercer, transitei um pouco pela

umbanda pra eu entender outras coisas, outras referências, até pra entender um pouco essa relação com dona mocinha, porque ela é..o nome não é mãe de santo...ela é... porque ela não se autodenomina assim, mas pelo conceito ela é...não é mãe de santo não...ai gente eu tô tão esquecido, perdão! Tem uma terminologia pra isso, eu não vou lembrar agora, aí eu vou começar a entender um pouco, foi mais no sentido de entender. Assim, eu creio numa potência de criação que a gente chama de deus, mas acho que cada um pode chamar do que quiser, acho que isso é tranquilo. E acredito que a gente tem essa gravidade, tu não ver, mas tu só tá aqui porque ela existe, então eu acho que essa potência de criação é meio que a gravidade das coisas, né?! Eu acredito nisso assim.

Eu sou, por exemplo eu gosto muito...eu frequentava uma igreja protestante que eu gosto muito, acompanho até hoje, eu gosto muito do líder de lá, é uma pessoa que tenho muito carinho que me ensinou muita coisa, que me ensinou a enxergar além dessas amarras inclusive, né?! Transitei por essas áreas assim, trouxe muita coisa boa inclusive oh.

Era basicamente isso, queria saber se tu tem alguma dúvida, se tu queres falar alguma coisa, algum esclarecimento...

Não sei assim, eu...talvez uma coisa que eu nunca perguntei pra ninguém...é...ou talvez nunca falei, nunca perguntei assim...se esse aspecto do sonho, se essa coisa do sonho, de um pouquinho do que eu relatei aqui né, porque tem várias outras coisas assim de sonho e tal. É, mas acho que se resume um pouco essas duas situações, se isso...tu me perguntou isso, mas aí eu acho que te remonto a pergunta, no sentido de isso tem algum significado, alguma relevância? Pra mim era uma coisa tensa, né?! Tinha um significado, porque eu estabelecia sentido no momento em que as coisas aconteciam, mas o que eu falo assim eu não sei se isso tem alguma representação pra além do que eu minimamente conheço, se de fato tem um plano se remete alguma coisa pra além da dimensão que a gente tá aqui. (21:22)

Então, o que eu consigo te dizer em relação a essa tua pergunta é que esses sonhos lúcidos. Que tu te sente meio que comandando o sonho, sabendo o que vai acontecer, inclusive antes mesmo de dormir já pensar, né?! “Meu deus, eu vou ter um sonho” desses aí que tu falastes, que chegou um determinado momento que tu falastes “Olha daqui não vou mais não. Brigando na voz dentro do sonho (risadas).

Até no sonho brigando

E de sonhos lúcidos é o que a gente chama de experiências anômalas mesmo, eu achei bem legal inclusive porque é a primeira entrevista que tem experiências fortes com sonhos, porque são experiências comuns, mas a maioria das pessoas não falam sobre ou então falam só pra alguém muito próximo, tem receio de falar “Meu deus, será se é alguma coisa? Algum problema mental?” E não tem nada disso, é uma experiência anômala. Agora essa questão que tu traz se tem a ver, um significado maior em relação a outro plano, não se sabe, né?! A gente nunca vai saber, acho que a questão maior aí é como isso impacta a sua vida. Pelo o que tu falaste impactou bastante na infância e adolescência né? Depois deu uma aliviada.

Eu nunca estabeleci uma relação direta, entre uma coisa e outra, mas eu tive uma época da adolescência que eu sofri bastante com transtorno obsessivo compulsivo, não sei se tem uma coisa direta, tu sabe que eu faço terapia já há algum tempo. Isso já foi ponto de algumas discussões, mas nunca houve...assim da mesma forma que começou, terminou...em linhas gerais. A gente tem algumas coisas meio sintomáticas ali, né?! Que acontecem quando a gente desenvolve esse tipo de situação, passei um bom tempo sofrendo com isso, uma época que eu nem saía de casa direito. E é engraçado que parece que isso se apaga da memória, uma coisa que as vezes eu lembro assim muito saltitante, parece que eu não vivi isso assim, é muito engraçado. É...mas não sei se isso tem uma ligação direta, na verdade eu nunca parei pra pensar nisso, me vi pensando nisso agora, talvez quando tu falaste de impacto né?! Isso me afetava porque minha mãe ficava muito preocupada eu lembro que minha mãe, eu vou só contar essa historinha rapidamente pra vocês aqui...aquela cosia de feng shui de posição das coisas, de quarto, de energia, eu lembro disso que minha mãe comprou umas revistas, umas coisas e aí ela “Olha eu já sei qual é teu problema que tu não dorme direito, é a posição da tua cama” e não sei o que....era uma cama que ficava com o pé pra porta né?! E colado numa parede que era próximo do banheiro, e ela “Olha isso tá tudo errado, vou mandar refazer esse quarto” e eu ficava (risadas), mas tinha isso assim, tinha...mobilizava as pessoas porque era uma coisa que visivelmente me deixava muito cansado assim, todo via eu falando de noite né?! Meu sono perturbado, as vezes eu me mexia e o pessoal “ Rapaz...”

Então acho que é isso, tu tem mais alguma questão, quer falar mais alguma coisa?

Não não, acho que é isso.

Então, obrigada e qualquer coisa a gente tá aqui a disposição. Tá bom? Pra tirar dúvidas, alguma coisa do tipo.

Participante 10**Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?**

É...eu vou tentar lembrar o que já aconteceu, são coisas mais pontuais, né? De início de mediunidade, mas acho que em janeiro...em dezembro eu decidi que queria engravidar, né? E aí em janeiro eu já tinha, já tava frequentando o centro espírita, eu comecei a frequentar, sempre tive muita curiosidade...vou voltar um pouco...mas nunca teve alguém que me apresentasse o espiritismo, e aí eu comecei a ler alguns livros, pesquisar algumas coisas sozinha por conta própria. Eu li um livro Violetas na Janela, eu comecei com esse livro que é bem basiquinho, romance, e foi super tranquilo deu pra entender muita coisa. E aí quando eu quis aprofundar pro livro dos espíritos, alguma coisa, eu lembro que eu comecei a ler sozinha em casa mesmo e eu comecei a ter muito pesadelo nessa época, né? E aí, enquanto eu não parei de ler ou tentar estudar os pesadelos não pararam, ou eu não conseguia dormir ou eu acordava no meio da noite, eu tinha muito pesadelo, coisas assim bem estranhas que normalmente não aconteciam, né?. E aí eu passei uns dois ou três anos sem procurar o espiritismo. Quando foi esse ano eu tava com...ano passado, dois mil e dezenove...foi...dois mil e dezenove eu...ou dois mil e vinte, entrei numa crise de depressão e ansiedade, né? Por conta de alguns problemas pessoais e aí é...a minha mãe ficou sabendo da terapia amor, é uma terapia que trata exatamente desses...da depressão, ansiedade, através do espiritismo. E aí eu fui, conheci o centro, fiz a terapia e comecei a frequentar, desde esse dia.

E aí as coisas foram melhorando, meu tratamento...querendo ou não, eu tava fazendo tratamento, acompanhamento com psiquiatra, com psicólogo, já tinha começado o remédio, a medicação, mas a medicação foi continuada, o tratamento com a terapia faço até hoje, na verdade dois acompanhamentos. Mas eu, depois de um tempo quando eu decidi engravidar, a gente reduziu os remédios, zerou com eles, né? E eu tô bem, tô super tranquila. Aí as experiências que eu tive, aí em janeiro eu decidi engravidar, e aí eu recebi o espírito, primeira vez, eu recebi o espírito, era uma menina. Uma menina bem pequenininha assim e loirinha com vestido azul, muito nítido. Assim, eu acordei no meio da noite, meu marido tava dormindo do meu lado, eu acordei no meio da noite e ela tava em pé, sentada...sentada não, em pé no canto da minha cama, me olhando e rindo. Então eu olhei, eu acordei, olhei aquilo e foi uma sensação muito boa.

É...me trouxe tranquilidade, me trouxe uma paz assim, eu nunca tinha visto nada, nenhum espírito, e foi muito nítido. Tanto que eu lembro do rosto, lembro do vestido, lembro de tudo. E logo depois, em fevereiro eu descobri que eu tava grávida. Entendeu? Então...as meninas, por exemplo, do centro...a gente fez um...eu sempre conversei muito com elas, né? Do centro espírita. E aí eu comentei com elas e elas “Carol, tu tá querendo engravidar?” Pode ser ou alguma filha tua que tu já teve ou alguém que vai vir pra essa tua vida ou alguém que por exemplo, você dorme, desencarna né? Vai pro plano espírito e ela veio te trazer de volta, ela tava contigo, vocês tavam tendo alguma experiência e ela veio te trazer de volta. Mas são coincidências que pra mim fazem sentido, né?

Por exemplo, quando minha irmã engravidou em dois mil e nove, eu tive um sonho muito real com ela e...sonhei que ela tava grávida de uma menina e chamei ela e falei “Manoela, tu tá grávida de uma menina”, aí ela “Como assim?” aí eu falei “Não sei, eu sei que tu tá grávida, tenho certeza que tu tá grávida, tenho certeza que é uma menina”, aí ela “Não”, ela tava...tinha começando a namorar, fazia tipo seis meses, nove meses “Sou vou ter filho daqui a quatro anos” não sei o que. Três dias depois ela me ligou “Onde é que tu tá, quero falar contigo”, aí eu fui encontrei com ela e ela tava grávida. Aí a gente foi na ultrassom, aí eu falei “Eu sei que é uma menina e tá tudo certo”. E é uma menina, foi uma menina. Quando ela engravidou a segunda vez, eu sonhei também, não foi um sonho tão claro, mas eu sabia que tinha alguém grávida no meu núcleo familiar. Toda vez que alguém tá...engravidada, eu consigo sentir, todas as vezes. É...outra coisa que me chamou atenção, que eu prestei atenção que era uma intuição, é...foi quando eu fui no petshop levar meu cachorrinho e aí eu me lembrei da minha amiga, do cachorro da minha amiga e o marido dela é meu chefe. E naquele dia eu tava com uma enxaqueca insuportável, mas eu tinha que levar ele, porque ele tava doente. E aí aquele pensamento dela me veio, aí eu falei “Não, será se ela vai trazer esse cachorro aqui? Hoje? Só porque eu tô aqui?” Não deu cinco minutos, ele chegou com o cachorro. Então são esses tipos de coincidência.

Meio que algo que a gente chama de sonhos premonitórios, quando a gente pensa com esses sonhos com grávida...

Premonições, intuições...a maioria das minhas experiências, é com intuição. De ver alguma...aí também eu tava trabalhando até mais tarde, normalmente quando eu fico assim, sozinha por muito tempo no escuro, num ambiente escuro não, mas mais

fechado de luz ou alguma coisa do tipo eu consigo sentir alguma coisa. E aí a experiência mais forte que eu tive foi quando eu comecei a entrar no centro, frequentar o centro toda semana nos estudos, e aí eu comecei a ter muita sensação, sensações de agonia, a perna ficar sabe...eu não sei nem explicar, é uma coisa que fica meio que agonizante mesmo.

Eu fui uma vez...eu viajei nesse meio tempo pro rio de janeiro e aí eu sempre durmo super rápido em avião, e aí nessa viagem eu dormi só que eu acordei com minha perna balançando muito, tremendo muito, uma das pernas, tremendo muito. Eu tive que segurar a perna com a mão! E ela não passava, não passava de jeito nenhum, a viagem foi inteira balançando a minha perna, uma das pernas, então são sensações assim, desconfortantes que eu comecei a sentir como se...como se...os espíritos mesmos voltaram a...frequentar não...a me rodear, voltaram não porque eles sempre tão com a gente, mas frequentam, começaram a frequentar já que eu tava indo pro centro em busca de ajuda, é o que eles explicam pra a gente que é em busca de ajuda, né? Já que eu tô indo a centro, é como se eu fosse uma antena e captasse essa sensações e quando eu chego no centro todas as vezes, agora não, em todas as vezes iniciais, eu chorava muito. Eu tinha muita crise de choro lá! E eram crises que depois de um tempo eu fui perceber que não eram minhas, eles conversavam comigo enquanto eu chorava (3x), era uma coisa absurda no meio da...da fluido terapia, aí eles falavam comigo, tinha consciência do que eles tavam falando “Carol, reza” “Carol, faz isso, faz aquilo. Isso não é teu, tu sabe que não é teu”. Eu tinha consciência, eu tava ouvindo, mas o choro vinha e não conseguia passar, sabe? Essas sensações foram muito fortes, aí depois de um tempo passaram, depois quanto mais frequentei, mais eu li, estudei, elas foram melhorando, amenizando, mas toda vez que eu entro no centro eu começo a chorar ou eu sinto um alívio, né? A minha mão ela não para, fica o tempo todo...depois de um tempo eu fui perceber que eu fico o tempo todo como se eu quisesse fazer alguma coisa, ou escrever, ou mexer, ou me comunicar de alguma forma. E...o que mais? Eu acho que basicamente isso, é muita coisa, né? É muito, mas é isso.

Essas experiências te causam sofrimento? Como é que é isso pra você? Ou você consegue ali na religião dar um sentido pra isso? Como é que é isso?

As primeiras vezes que eu fui ao centro é...elas conversaram comigo, explicaram que não era meu e tudo, só que as primeiras vezes tavam muito fortes. E aí ela falou assim

“ tem um espírito contigo”, logo...assim, já tinha um mês que eu tava lá, eles não explicaram de pronto, eu acho que pra não assustar ou pra não fazer aquele alarde todo, aí ela falou assim “Olha, tem um espírito contigo”. Aí eu, conscientemente, falei assim “É uma mulher, não é?” Aí ela “É, é uma mulher e ela tá em sofrimento só que ela tá te obsediando, ela tá muito mal, muito ruim e ela precisa ficar aqui. Então tu tem que trabalhar pra que ela fique aqui”. E aí, essas primeiras sensações dela, ela sofria muito, demais (3x). E eu cheguei a me relacionar com a minha depressão, né? Porque eu fiquei em depressão por causa da minha separação, né? Com meu ex marido, eu tive um relacionamento muito toxico, mas só depois que eu me casei que eu fui perceber, foi um relacionamento muito longo. Mas só depois que eu me casei que eu acho que com a rotina, com essa coisa toda do casal que eu fui perceber o que realmente tava acontecendo. Então eu ligava muito o sofrimento dela ao meu sofrimento, ao que eu tava sentido. Depois eu fui perceber que não era eu, que era ela. Aí depois eu senti um outro espírito comigo e aí eu sabia que era um homem dessa vez e aí ele veio, a mesma coisa, era um choro, uma agonia, um sofrimento mesmo. É sempre um sofrimento muito forte, e...e aí eu frequentei o centro, conversei, fiz tudo o que eles orientam, e aí ele também saiu, desde então não tive mais experiências de...dessa forma.

Só depois que eu engravidei é...eu comecei a sentir de novo, né? Os sintomas, os primeiros sintomas iniciais, da agonia, de não conseguir dormir, mas aí agora já até deram uma acalmada. Toda vez que eu volto...aí eu começo a estudar, aí eles voltam com muita intensidade e depois eles vão amenizando.

E você falou que você comenta sobre essas coisas com a galera da casa espírita? E aí eles te orientam em relação ao o que pode ser e você falou também que faz terapia?

Sim, faço terapia.

Você comenta alguma coisa do tipo com seu terapeuta? Se sente à vontade pra isso?

Eu não sei se eu te respondi a pergunta anterior, mas eu comento. Na hora que eu comecei a frequentar o centro, eu tava sem religião...sem norte de religião, sem norte de saúde, sem norte de nada, eu tava muito ruim mesmo. E aí eu comecei a voltar pra atividade física, voltei pro centro, eu expliquei algumas situações, ela ouviu, entendeu, mas ela falou assim “Carol, eu não posso entrar nesse mérito, né? Mas eu entendo

tudo o que tu tá me dizendo, se tu acreditas, se é uma coisa que tá te fazendo bem, continua.” Abertur! Eu falo...a minha mãe...depois que eu iniciei lá por causa dela, ela não entrou direto, mas logo depois ela entrou no centro e ela hoje em dia frequenta todos os dias praticamente. Então eu tenho essa abertura assim...pra mim é muito fácil, falar, não tenho problemas nenhum. É...algumas pessoas que tem tipo...tem certo preconceito, eu ouço algumas coisas, mas prefiro não comentar pra não entrar em debate que não vai adiantar, se eu vejo que não vai adiantar eu discutir então eu não me dou esse trabalho. Assim, por exemplo, o meu pai por exemplo, ele não acredita, eu moro hoje com ele e com meu marido, nós moramos juntos. E aí no começo eu não falava nada, simplesmente “Eu tô indo estudar, tô indo estudar”, hoje eu já falo “eu tô indo pro centro espírita” e ele nunca me falou nada, nenhuma palavra. É bem tranquilo!

Qual o centro espírita que você frequenta?

O mensageiros da luz

Conheço. Eu inclusive...eu perguntei porque eu divulguei o questionário também entre muitas pessoas de casas espíritas.

É, eu olhei foi no grupo do centro e aí eu resolvi preencher.

Que bom, fico feliz. Era basicamente isso, você tem alguma dúvida, quer falar alguma coisa, fazer alguma pergunta?

Não, pra mim tá tranquilo. Eu queria mais era ajudar na verdade.

Sim, sim. E me ajudou e muito, porque minha pesquisa é dentro da área da Psicologia. Eu sou psicóloga, eu sou professora da Universidade Ceuma e tô no último ano de doutorado, e essa é uma pesquisa de doutorado pra tentar entender o que acontece com as pessoas que tem esses tipos de experiência dessas aí, tem várias. Você trouxe muitas experiências de mediunidade, como é que as pessoas lidam, se a questão da religião ajuda ou não a lidar com essas experiências. Então é nesse sentindo que inclusive foram essas perguntas.

Ajudou bastante!

Lá no centro eles fazem os atendimentos fraternos, né? A cada tantas...eu faço a cada sete fluídas terapias eu faço um atendimento. No início eu fazia tipo a cada duas semanas, uma semana eu fazia dois atendimentos porque tava muito constante, a minha mediunidade é muito ostensiva. Então é...só que como eu tô iniciando, ainda não fiz estudos, tô grávida, então eu tô evitando ir lá, tô fazendo os estudos todos em

casa e acompanhando as reuniões virtuais deles. Então pra mim não é a mesma coisa, não tem o mesmo sentido, eu tô frequentando só às sextas-feiras, né? E aí nesses atendimentos fraternos eu sempre...eu já fiz acho que com todas, e aí tem uma específica que eu me identifiquei muito, toda vez que eu ia, ela que me atendia e a gente conversou muito, até por causa da minha depressão, né? E aí, teve uma vez que eu tava sonhando muito muito muito com meu ex marido, no final do ano, até antes de engravidar era uma coisa que era muito constante. E aí ela foi me explicar que era uma coisa que não tinha sido resolvida nesse plano e que provavelmente eu teria que resolver no plano espiritual ou alguma coisa do tipo. Talvez essas visitas ou esses encontros nossos no plano espiritual fosse por isso.

E aí eu falei que eu tava num outro relacionamento depois de muito...depois de muito custo eu consegui me envolver novamente e aí consegui engravidar, a gente decidiu engravidar, mas ela me falou uma coisa que eu sempre...eu gosto muito de falar...ela falou assim pra mim...e o meu marido hoje, quando...logo quando eu comecei a frequentar a gente tinha acabado de se conhecer. Então ele quis frequentar também, ele não tinha uma religião, né? Ele era...acho que ele é só batizado e só, mas nunca frequentou a igreja, não acreditava muito no catolicismo e aí ele frequenta, hoje ele faz as aulas, faz os estudos e me acompanha. E aí ela falou "Carolm o teu ex marido...ele...tu precisava passar por tudo isso nessa vida, a gente ainda não sabe o porquê, mas tu precisava e de alguma forma vocês vão resolver. Mas o teu atual marido é a tua cura nessa vida." Aquilo mexeu muito comigo, dá até vontade de chorar, mas é uma coisa que mexeu muito comigo, entendeu? Então lá, toda vez que eu vou eu sinto uma sensação, mas eu sinto uma sensação boa apesar do choro, apesar da...do sofrimento que eu sei que não é meu, é...quando eu saio de lá eu saio melhor, então por exemplo, faz duas semanas que eu não vou, aí eu já começo...que eu tive que viajar, então eu já começo assim, voltam a sensações. Como se os espíritos tivessem vindo e falando assim "Não, tu precisar levar a gente pra lá. A gente precisa chegar lá de alguma forma e tu és o caminho", né? "A ajuda que a gente precisa" Então esse tipo de coisa que hoje eu sinto falta, quando eu não vou eu sinto muita falta, eu leio muita coisa, as vezes...o sonho que eu tava te falando que eu tive agora pouco foi muito pesado pra mim porque foi muito real, né? Eu tava dormindo e aí falei com a secretaria daqui de casa e aí meu marido chegou e aí ele não tava em casa, depois eu percebi que eu tava dormindo...no sonho eu percebi que eu tava dormindo e que ele não tava em casa, mas aí o meu cunhado, o marido dessa irmã que eu citei é...ele veio, bateu na minha porta, o cachorro tava latindo muito do lado de fora, né?

No sonho. E esse cachorro daqui não late, então era no sonho mesmo e aí ele bateu e eu não consegui acordar, no sonho eu tentava acordar e não conseguia. E aí eu só falava assim “Me ajuda, me ajuda porque eu não tô bem!” Quando eu falei isso, eu acordei, eu acordei e fiquei com aquela sensação ruim, sabe? Mas eu ainda não consegui entender o que é, mas é uma coisa que não é desse plano, é do outro. Eu tava vivendo alguma coisa ou anterior ou não sei, ainda não consegui entender. Mas é basicamente isso, eu tenho muito sonho, tenho muita intuição e se eu puder ajudar de novo, de alguma forma eu tô à disposição.

Te agradeço muito por esse momento, por estar disponível, por responder as perguntas. Eu creio que...como eu falei antes em relação a pesquisa, a gente percebe muito essa questão de como a religiosidade ela ajuda muito a gente em alguns momentos em encontrar sentido. E eu percebi bastante isso no seu relato. Em relação a...enfim, a organizar isso que tudo que tá acontecendo, que vem acontecendo já há algum tempo essas experiências estranhas digamos. Mas assim, eu também quero me colocar à disposição pra caso você queira saber mais alguma coisa, se quiser é...enfim, algum material, alguma coisa pra ler, você pode entrar em contato comigo e tirar dúvidas, tá? Então é isso, basicamente.

Tá ótimo, obrigada!

Participante 11

Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?

Tu tem alguma pergunta específica? Porque já aconteceram várias coisas assim.

Você pode ficar à vontade pra escolher o que quiser pra falar, entre as várias experiências.

Então, já aconteceu assim: Fenômeno físico desde a infância, né? Então assim, meus pais chegaram a mudar de uma casa porque os objetos se moviam, né? A rede em que eu dormia ela balançava sozinha e o meu pai já via uma presença ali ao lado, né? Tanto que ele começou a ir pra centro espírita por conta disso, né? Pra entender o que tava acontecendo e o que ele falava que inclusive o espírito que ele via foi sumindo aos poucos conforme ele ia indo aos centros ele ia sumindo aos poucos. Mas fora essas histórias, da infância tem muitas. Tem experiências também de sono, de pessoas que já tinham falecido, de amigos próximos (assim de eu ver e verificar que não era ninguém depois), minha irmã também desdobramento/sombreamento uma vez eu vi estudando e sempre confundindo achando que era uma pessoa e na verdade depois que eu identificava que não era. Então assim, tanto que foram esses fenômenos que começaram a me fazer buscar, né? O que foi o determinante... porque assim tem várias histórias, eu tenho que ficar me recordando aqui... mas o que foi determinante foi quando eu comecei a ver as luzes de madrugada, que eram efeitos luminosos na mão... é... eu pensava que eram vagalumes e quando eu fui ver era o contato da minha mão com a coberta, então aí eu entendi que tava saindo faísca e quando eu fazia assim... puxava de um lado a outro... eu falei assim "Ah, acho que isso aqui é eletricidade estática" fui primeiro pra física (pra pesquisar), eu sempre muito cética com relação a isso, sabendo já dessa questão do plano espiritual, já estudando sobre isso um pouco pelo menos, mas eu não levava logo pra esse lado. Aí eu fui estudar a respeito de parapsicologia, esses tipos de fenômenos pra entender o que se passava. Então aí o que aconteceu?! Eu fui começar a estudar manipulação de energia sutil, hoje que eu já comecei a entender porque eu trabalho um pouco com isso, né? Um pouco não, bastante, mas na época que começaram a acontecer eu não entendia o que era e aquilo ali era uma manifestação... e era... você sentia a energia inclusive do corpo de outras pessoas ou sentia a dor de outra pessoa, isso tudo foi através dessas experiências que eu fui buscando. O centro me esclareceu algumas coisas, mas tinha muitas coisas que não conseguia. Algumas situações não davam

pra entender por lá, tipo coisas físicas mesmo, tipo você ter uma labirintite e eu tinha os sintomas, mas nada era provado, e aí você tomar um passe, receber um passe e ficar bom. Entende? Então assim, você não tá enxergando, eu tô vendo tudo nublado e aí eu receber um passe de uma pessoa e saí de lá bem, entende? Quando eu era criança eu cheguei a ver... é... pessoas assim no pé da minha cama à noite, sentia encostar a mão no meu corpo, puxar a coberta, então eu tenho uma memória de uma mancha preta (não tinha os pés, só o resto bem branco e tudo preto assim uma capa), eu me lembro de eu atravessar pra ir pro quarto dos meus pais. Então eu tinha muito medo quando eu era criança, quando eu era criança eu tinha muito medo, tanto que eu não gostava de dormir sozinha, eu ia dormir no quarto dos meus pais ou em qualquer casa eu tinha que ir dormir com os adultos, pelo menos tá perto pra me sentir segura, porque eu sempre sentia, sempre sentia, desde pequena.

Sim, isso permaneceu na adolescência? Agora na idade adulta?

Ah sim, bom tu falar, lembrar da adolescência! Porque foi na adolescência, porque foi na adolescência que ficou mais intenso a questão dos efeitos físicos, porque todo quarto que eu dormia eu tinha um problema com a eletricidade do quarto e não era um problema na casa, qualquer casa. Então depois que eu fui entender que eu tinha uma interação, tenho uma interação também. Hoje é mais equilibrado, mas se eu...com equipamentos eletrônicos, entendeu? Então o que acontecia? A luz do quarto queimava e trocava, e a outra queimava e trocava e queimava a fiação. Então assim... isso não era uma vez, duas vezes não é pegar computador e o computador dá um...tanto é que meu ex marido brincava “ah você tá com problema no celular alguma coisa, dá pra Carol que ela concerta não sei explicar porquê”. Uma vez ele fez essa brincadeira com a minha ex sogra e aí o celular dela não ligava de jeito nenhum e ele “Entrega na mão de Carol que ela faz alguma coisa aí que eu não o que acontece” e eu peguei o celular da mão dela, liguei e dei pra ela, ela ficou me olhando assustada “ Como você conseguiu fazer isso?” “Não tá normal, eu só peguei botei na mão e botei na bateria” e ela “Não, você não tá entendendo eu fiz isso várias vezes”. Então assim, essas coisas me levaram também a ir buscar, né?! Explicação.

Você fala assim que você buscou explicação tanto na religião quanto na ciência digamos. É isso?

Sim, porque o que isso me levou a estudar...Eu fui estudar dentro do centro espírita eu me deparei com a Psicologia espírita e aí várias coisas começaram a fazer sentido,

voltei pra São Luís e comecei a fazer o curso de Psicologia, sou formada em Administração, design de interiores, eu sempre trabalhei nessa área, né? E aí eu fiquei encantada com a Psicologia, comecei a estudar Psicologia, da Psicologia fui pras terapias, aí levou pra acupuntura, quando eu cheguei na acupuntura, aí meu universo realmente fez sentido, porque eu comecei a entender esses processos e entender que tá interligado essa questão religiosa, espiritual, energética é tudo a mesma coisa. E aí foi que meu universo...aí foi o dia que eu encontrei a minha tribo pra compreender essas questões. Tanto que hoje eu ajudo muito, auxílio muito os amigos que tem medo do que acontece, porque nos atendimentos acontecem muita coisa e...

Por exemplo, acontece o que?

Eu tenho recebido muitos pacientes médium que não tem a menor noção do que acontece com eles, inclusive seria muito bom a gente conversar mais sobre isso porque é...tá aumentando cada vez mais e eu sinto que é meio que uma parte de orientação no sentido da pessoa começar a olhar pra isso também, né?! Porque são pessoas que... vou te dar exemplos: De pegar uma foto, de ser católica desde pequena, nunca ter ido no centro espírita, e ela me relata exatamente todas as experiências que o médium começa a ter, né?! Como ela falou “Eu olho uma foto, eu sei toda história que tá ali, eu olho uma pessoa, eu vejo uma mancha em volta dela de determinada cor. Eu sei quando alguém vai morrer ou não, eu já digo. Então ouvi a voz, ouvir vozes.”

Então assim, isso...isso também eu escuto de vez em quando, é vem uma intuição muito forte a respeito de algo, esses sonhos premonitórios também... é desde pequena. Então assim, eu tenho sonhos que me avisam coisas que vão acontecer dois, três anos depois, né?! E aí, acontece. Inclusive com pessoas que já faleceram, esses aí são os mais marcantes porque eu já sei que é alguma coisa significativa quando acontece, eu já presto atenção. Que mais?

Que hoje em dia, como você estava falando da questão da eletricidade, a questão dos aparelhos...Você falou que hoje em dia tá mais controlado, então assim...aí me surgiu uma das perguntas que é...essas experiências todas, que você tem várias...tanto é que no começo da entrevista você falou “me direciona, porque é muita coisa”. Elas te causaram ou ainda causam sofrimento?

Hoje não, mas me causaram muito. Não digo muito, mas eu fiquei por muito tempo assustada, sem entender o que era aquilo, falando com pessoas, porque assim...não

é muito comum. Né? É...então, ainda bem que meus pais me levaram logo pequena e tinham uma cabeça mais aberta de não taxar logo isso como transtorno. Porque eu vejo que muitas pessoas recorrem a medicação por não saber lidar com esses...né...com essa sensibilidade, com...hoje mesmo eu tava conversando com uma outra pessoa aqui que é a mesma coisa, um terapeuta que ainda não dá conta disso, ele tem medo de se relacionar com outras pessoas, de chegar perto...até de sair...porque ele sente o campo de energia da outra pessoa, ele chega perto de alguém, toca na pessoa e ele sente a dor da pessoa no corpo dele. Essa é uma das ferramentas do meu trabalho, porque eu também tenho essa sensibilidade e não é fácil. Entendeu? É muito...todo mundo fala assim “eu não queria ser que nem você”, eu tenho uma amiga que fala assim “é muito difícil isso” e eu falei “não, quando você toma consciência que isso é um processo natural e que as pessoas passam por isso sem sentir, né” mas está acontecendo. Então assim, é melhor até quando você toma consciência de...aí eu vou te falar quando que foi me gerando menos sofrimento...a partir do momento que eu fui estudando, entendendo, conhecendo pessoas que também passam pelos mesmos processos. E essas pessoas me dando esse feedback “olha é assim, não é”...eu não consigo entender tudo, tem coisas que estão fora da nossa...então eu respeito e vou acolhendo, é assim? Ok, um passo de cada vez. Aí daqui a um tempinho eu já começo a entender e é uma coisa que tá sempre evoluindo, então não é algo que cada semana tem uma coisa diferente e aí o conhecimento tem me feito...tem me tranquilizado, esse tipo...estudar sobre, entender que é natural, um processo natural me tranquiliza.

Esses estudos são tanto relacionados a religião espírita quanto as práticas alternativas?

Isso, eu digo que foi uma caminhada. Porque assim, por um bom tempo os estudos dentro do centro foram importantes, mas chegou um momento que foi exatamente quando uma carga de preconceito em cima do que é negativo e positivo...começou...que eu tive que me retirar um pouco da questão da religião. Pra poder eu viver essa outra parte da construção do terapeuta, porque tem determinados comportamentos que geram adoecimentos em algumas pessoas e outras não. E as vezes essa conduta não tá dentro do que é uma conduta...sabe? Religiosa.

Então foi nesse momento que eu comecei a entrar um pouco em...eu falei “opa, eu vou ter que sair um pouquinho aqui”, até porque eu não tava conseguindo lidar muito, Rafisa, com o que acontecia comigo quando eu ia aos centros.

O que acontecia?

Oh, teve a última situação que foi o que me fez parar um pouco...Eu sempre quis dar passe, né? Eu estudava, participava de tudo, eu queria participar mediúnicas, trabalhei com evangelização infantil no Rio. Eu fui pra lá pra um centro espírita que o co fundador era Divaldo Franco, inclusive conheci ele, fui atrás dele na mansão do caminho lá pra ele me explicar o que acontecia comigo, essas questões. Então assim, eu vivi muito a doutrina, literalmente, então o que aconteceu? Eu fui a federação aqui, né? Participar de um curso de passe e aí eu senti muitas coisas, eu tava super feliz e animada, dando esse passo eu já ia começar a fazer isso no centro. E aí eu comecei a sentir agulhadas no meu corpo e várias coisas, eu senti arrepios, porque assim eu sinto aproximação né? As vezes eu vejo, as vezes não, dos ambientes, das pessoas, é muito comum e também a dor né? dependendo da situação. E aí eu comecei a sentir muita coisa, muita coisa. Eu saí de lá, a noite eu senti uma câimbra na minha garganta, na língua e no dia seguinte eu tava aqui na alquimia pra alguém me concertar, porque eu amanheci com o lado esquerdo do meu corpo completamente travado...travado...então assim, as coisas comigo sempre foram bem... essa questão espiritual, energética... sempre foi muito intensa. Então assim, se eu não me cuidar...entende?

E aí, ele fez uma série de coisas aqui...então assim, inexplicável. Porque eu tava bem, eu tava tranquila e logo depois eu vi né? Tem alguma coisa errada, talvez não seja bem por aí. Então eu fui me afastando um pouquinho, fui me fortalecendo com as técnicas que eu aprendi com as terapias alternativas, né? Tanto de equilíbrio energético quanto de sem religião associada e sem né? E foi dando certo, então talvez o meu caminho fosse esse realmente, agora eu já cheguei depois disso, depois de ter passado essa transição, que eu acredito que tudo o que aconteceu foi pra eu chegar onde eu tô hoje. Porque hoje eu posso te falar com toda sinceridade que eu tô muito tranquila independente da situação que aconteça, do fenômeno que aconteça, eu consigo ficar tranquila pra conduzir. Tanto que eu já presenciei, já fui em reuniões inclusive convidada por entidade, nem sabia quem era a pessoa e ela dizia “mandaram lhe chamar” e aí eu fui né? Conversei muito! Foi uma noite...aí eu já ia com outro olhar,

eu não ia com medo, eu ia com olhar mais científico de vamos viver a experiência, eu vou perguntar tudo o que eu preciso...engraçado que as perguntas nem eram tão pessoais, eram perguntas sobre como tudo isso se dava. E foram diálogos muito ricos e eu vi muita coisa, inclusive em constelação familiar. Rafisa, era muita coisa (risada), todas as vivências de constelação também foram muito intensas, muito intensas. E aí eu tive que me retirar, porque aí eu não dava conta da questão energética pós, entende? Mas assim...deixa eu ver o que mais uma coisa.

Ah tá, aconteceu uma situação que essa foi muito interessante, que foi um fenômeno no centro que eu participava, foi uma levitação, não sei se eu comentei contigo alguma vez.

Não!

Pronto! Eu tava na primeira aula, que foi um curso de livro dos espíritos e aí ela perguntou, a filha da diretora do centro e chegou assim “Quem quer levitar?” aí eu já fiquei assustada, e eu falei assim “Gente que loucura é essa? Calma aí né?” Ela tava falando sobre a questão quem era Jesus, que ele brincava com a matéria, que era um grande médium, como é que ele curava as pessoas e aí ela foi fazendo uma analogia, aí falou que qualquer pessoa era capaz de passar por uma...de fazer isso também, só que a gente tinha que ter a questão...né...de motivar o pensamento pra aquilo, aí foi falando né? E colocou uma pessoa numa cadeira e chamou quatro voluntários, um pra ficar em cada ponto da cadeira, não sei se você já ouviu falar dessa experiência. Aí faz com um dedo assim e coloca debaixo do braço e debaixo do joelho, as quatro pessoas tentam levantar a pessoa só com os dedos, e aí ela faz “testa”, aí a primeira vez a gente tentou levantar, é difícil, é pesado, não dá pra levantar só assim, aí ela falou “agora vocês vão intercalar as mãos em cima da cabeça da pessoa e vão imaginar uma força saindo da barriga e subindo passando por essa pessoa e subindo. Tá bom, só precisava fazer isso. Lógico que a gente tava num ambiente do centro, lá dentro tinha outros médiuns, eu já sabia que era meio médium de efeito físico e aí junta tudo né? Isso influencia na experiência, mas assim na hora que ela falou “pode tentar levantar ela” quando eu fui com o dedo já era outro ambiente, era outra velocidade. Eu coloquei o dedo na perna dela, que eu fiquei na parte da perna, embaixo do joelho, quando a gente tentou levantar a menina encostou quase no teto, o corpo dela, Rafisa, não tinha peso, parecia um balão. Eu não sentia o contato do meu dedo com a perna e foi uma das experiências mais fortes que eu já tive assim,

que contraria as leis da física...porque...inclusive o senhor que tava na minha frente que foi convidado a participar é...carioca, um senhor lá que tipo assim, aposentou e ele falou que ele tava num ano sabático, que ele queria acreditar em algo rodando todas as religiões que ele não acreditava em nada. Esse homem, ele se pôs de joelho e começou a chorar, porque ele sentiu o que eu senti, o que todo mundo sentiu naquela sala. Isso foi assunto do centro assim por meses, né? O que aconteceu. Porque realmente foi uma das experiências que me colocou...é, isso aqui é real, vamos estudar mais...vamos.

Então assim, desde...Isso assim, desde pequenininha, mamãe disse que eu tinha muitos amigos imaginários quando era criança, que eu conversava com eles o tempo todo e era o tempo todo. E isso assim, assustava ela e ela tinha muito medo, mas ela ia me levar no centro, tanto que eu fui levada com seis anos a primeira vez.

Essa questão que tu trouxeste... dessa abertura dos seus pais inclusive .. Pra pensar aí .. Opa, porque geralmente hoje em dia quando a criança apresenta algo ali meio diferente os pais já querem levar no psiquiatra. E já começa a medicar.

Não...e eu pedi pra ser levada ao psiquiatra adolescente. Eu pedi pra minha mãe quando eu tinha mais ou menos...porque aconteceu uma situação assim, eu tava dormindo no meu quarto. É porque tu vai falando e eu vou lembrando, né? Eu tava dormindo no meu quarto, eu tinha mais ou menos uns dezoito anos, dezenove anos por aí. E aí, minha mãe...eu me lembro a porta do meu quarto tava trancada...eu me lembro de ter acordado, saído do quarto, visto a minha mãe, visto meu irmão, eles conversando sobre determinado assunto e eu observando tudo. Aí depois eu acordei de fato, só que na hora que eu tava acordando, eu comecei a sentir um...como se eu tivesse é...presa no corpo, sem conseguir acordar, sem conseguir me mexer. Quando eu acordei, eu já acordei de forma súbita, muita agoniada com taquicardia, passando mal, eu saí do quarto e quando eu vi a cena toda da mesma maneira que eu já tinha visto antes. Isso na hora foi um choque tão grande porque eu falei “Meu deus o que que tá acontecendo?”. Aí eu comecei a chorar, aí eu cheguei assim pra minha mãe “Mãe, me leva agora no médico porque eu tô ficando maluca” e ela “Por que?” “Eu vi tudo isso que aconteceu aqui agora, eu já tinha visto antes, eu já sabia o que você ia falar, já sabia o que meu irmão ia falar, eu já sabia o que ia acontecer, eu já sabia tudo” Então foi uma das coisas mais fortes, porque eu fiquei, eu passei mal mesmo...é...é como se eu ainda não tivesse...É físico! Então assim, era taquicardia...e

isso acontece, geralmente quando eu vou participar de qualquer coisa, um trabalho, alguma coisa, eu já começo a sentir um dia antes, os efeitos. Aí a minha mãe falou “não, minha filha! Eu não vou lhe levar num psiquiatra, você precisa...” Aí ela me levava num espírita, amigo conhecido. Só que essas pessoas, eles não eram frequentadores de extenso eles eram pessoas que atendiam em casa. E aí, geralmente eles me abordavam de uma forma dizendo “você é médium” “você vai ter que deixar de fazer isso, fazer aquilo” “sua vida é assim...” me botava medo. E o que eu fazia? Me afastava, não quero isso pra minha vida, aí eles davam um passe, melhorava...só que depois de um tempo eu de novo, porque as coisas comigo eram uma enxaqueca que não tinha explicação, então eu já tive várias coisas assim que era pra mim questionar mesmo...que eram físicas, dores físicas, mas que não tinham nenhuma explicação. Era espiritual mesmo, entendeu? Então, vinha...e eu sei que isso era pra me mostrar, já era pra me mostrar outra realidade pra eu buscar.

Tem muita coisa, né? Mas a gente tá com um tempinho curto. Eu queria te agradecer muito, por ter disponibilizado pra tá aqui com a gente, pra conversar um pouquinho. E eu me deixo a disposição, pra a gente ir falando, como a gente sempre conversa. Pra a gente ir trocando essas figurinhas e caso ao ler o TCLE que é o termo de consentimento e ter alguma dúvida, também pode entrar em contato com a gente. Tudo bem? Alguma dúvida? Quer falar alguma coisa?

Não, tranquilo.

Participante 12

Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?

Assim, professora, no decorrer da vida foram várias, né? Tanto é...na questão de visualizações, como na questão de sensação de aromas, de ter saído do corpo, aconteceu várias coisas assim.

E esses tipos de experiências te causaram algum sofrimento?

Assim, não um certo sofrimento, mas um questionamento do porquê daquilo. Realmente será se foi coisa da minha cabeça, se isso realmente aconteceu. E eu perguntava pras pessoas, as vezes tinham alguns eventos que tinham gente que compartilharam da mesma experiência comigo. E eu perguntava o que elas realmente tinham visto pra eu poder me basear se eu não tava louco, né?

E a partir desse questionamento, você conseguiu alguma resposta? Em algo?

Alguma religião, ciência ou ...

Assim, sob o viés da ciência eu nunca fui mundo afundo, mas eu encontrei certas respostas a partir da religião, né? A partir da religião de matriz africana, em que eu fui criado, os meus avós na época me deram certa explicação, a partir dessa mesma perspectiva. Aí eu consegui ter uma base do que foi aquele fenômeno que aconteceu.

Sim! E você sente que a explicação religiosa, ela...meio que apaziguou um pouco tuas dúvidas e questões? O que que você sente em relação a isso?

De certa forma sim, mas assim, as vezes eu sinto que falta algo, né? Como se tivesse faltando algo pra poder explicar o porquê dessas experiências.

Você fala que já sentiu cheiros, sensações, já se sentiu fora do corpo...Você consegue dar algum exemplo dessas experiências?

A primeira vez que aconteceu uma experiência assim, ela ocorreu comigo e duas primas minhas, né? A gente tava indo pra cozinha, da casa e tinha uma pessoa que a gente era muito apegada do lago, era uma vizinha que praticamente criou a gente e faleceu, né? E já tinha falecido há algum tempo e nós conseguimos vê-la na mesa da cozinha da casa da minha avó. Então foi uma experiência assim, assustadora assim, a gente tinha o que na época? Eu tinha dez anos. Então a gente saiu correndo pra avisar aquilo e no início as pessoas que tavam lá na roda naquele momento não acreditaram, mas depois a gente conversou com os nossos avós e eles deram uma certa explicação pra isso. Então essa foi a primeira experiência, depois...

Foram experiência mais olfativas, né? Questões de cheiro, de flores, do nada onde não tinha nada de flor. Cheiro de enxofre no local que não tinha essa substância. Teve uma outra experiência também na casa dos meus avós com a minha prima, a gente também compartilhou dessa mesma experiência e acabamos chamando as vizinhas, porque a gente ficou assim...não sabia o que fazer, que simplesmente a gente tava assistindo televisão na sala e todas as louças da cozinha começaram a cair do nada. Só que o ponto forte é que quando a gente chegou na cozinha não tinha nada caído, nada caiu. Tava tudo lá! E até a gente chegar nessa cozinha, teve muito trabalho, né? A gente não conseguia, porque o medo não deixava, né? Então eu tive que chamar meu pai pra ele poder é...orientar o que que a gente ia fazer. E mais uma vez ele foi também pelo viés religioso, explicou que aquilo ali era porque a gente não tinha feito uma coisa que deveria ter feito, ter acendido as velas e eram as entidades que queriam se comunicar pra reclamar, mas foi horrível.

Sim! Você sente que essa explicação religiosa, ela...eu já até fiz essa pergunta...ela dá um alívio? Por exemplo, nessa experiência aí bem difícil.

No momento, acho que no calor da coisa até que sim, né? Dá um sentindo pra...por que aquilo tá acontecendo. Mas depois você ainda fica se questionando, né? Por que naquele dia? Por que naquela hora? Por que eu tava ali? Por que comigo? E até então eu ainda não descobri nada, nenhuma resposta pra isso.

A entrevista é bem rapidinha. Queria saber se tu tem alguma dúvida, quer falar alguma coisa?

Assim, dúvidas todas, né? (risada) Até o porquê realmente essas experiências acontecem, né? A gente sempre se pergunta sobre isso, mas eu acho que é um estudo que vai conseguir dar um norte a respeito disso, né Professora?

É, a gente espera. Não assim no sentido de chegar e explicar o porquê que acontece, até porque a gente não sabe. Tem coisas aí que são inexplicáveis pelo viés científico, mas a ideia é trazer experiências à tona, trazer principalmente pro mundo Psi, pra nós da Psicologia que muitas pessoas passam por experiências do tipo e tem um impacto subjetivo e que sim é importante a gente abordar essas questões na nossa formação, na nossa prática. É interessante que tu trouxeste uma questão que é muito presente em pessoas que tem experiências anômalas, a pessoa fica questionando se aconteceu mesmo ou se ficou doida, “será que outra pessoa também sentiu isso?”. Isso é muito comum!

E aí, a gente ainda tem uma tendência muito grande na psicologia e psiquiatria de patologizar, né? E a ideia é essa, de despatologizar. E trabalhar essas questões de modo tranquilo, como se fosse qualquer outras questões da nossa vida.

É...uma dessas experiências que assim...eu falo que foi a pior, essa realmente me trouxe sofrimento, professora. Essa sensação de ter saído do corpo e de fora tá visualizando seu corpo, isso...isso...eu ainda não encontrei ninguém que passou por isso pra poder me dizer como foi esse momento, né? Mas causa uma sensação horrível. [travou] “Será que eu tô louco, o que foi isso?”

Você já era adulto? Quando isso aconteceu ou criança ou adolescente?

Já tinha uns dezenove anos, professora. E aconteceu lá em casa, eu tava deitado no quarto, na cama, né? Não tava dormindo, tava acordando e veio aquela coisa do nada. O interessante é que não tem tipo uma coisa introdutória e o que vem depois, simplesmente acontece. E acaba que você fica depois preocupado “Será que isso vai acontecer de novo?” Aí eu foquei o dia da semana em que aquilo aconteceu e todas as semanas naquele dia, né? No caso foi num domingo, né? Então toda semana num domingo eu já ficava preocupado, porque dava aquele mesmo horário e ficava “Será se vai acontecer de novo?”(2x).

E a religião te ajudou a pensar essa experiência ou não?

Assim, segundo o meu avô, ele falou que ali...na época ele me disse que era meu anjo da guarda que tava precisando de luz, tava precisando de reza, não tava rezando direito e ali foi um aviso, né? Assim foi né? Mas eu não engoli muito bem não.

Entendi, você quer falar mais alguma coisa?

Acho que é isso, professora.

Queria te agradecer mais uma vez, caso tu queras depois dessa conversa, tem alguma dúvida, surgiu aí alguma coisa pra falar. Você pode entrar em contato, ficar à vontade, tá bom? E mais uma vez te agradeço por tá aqui com a gente.

Obrigado, professora! Eu que agradeço participar dessa pesquisa.

Participante 13

Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?

Algumas histórias podem até se confundir aí com a história de Rafisa, porque a gente teve um tempo muito...muito juntos assim nessa caminhada aí né...de descoberta, de algumas experiências, né? Acredito que seja pela conceituação anômala, né? E eu acredito que sim, acredito que eu já tive algumas experiências anômalas.

Além das experiências de mediunidade, tu já tiveste algumas outras? E também fala um pouquinho das experiências de mediunidade.

Na de mediunidade foi até um pouco no início, conturbado né? Por questões assim de consciência, né? De saber o que era que tava acontecendo, né? Porque eu acho que nesse processo de experiência anômala tem muito...é...tem muita ligação com o corpo físico também, né? Algumas reações, alguns reflexos, eles passam, perpassam através... e aí chega no corpo físico e a gente começa a sentir algumas alterações, pelo menos no meu caso foi assim, né? Alguns órgãos funcionando de forma diferente, né? Descompassada. E um deles foi o coração, eu comecei a sentir algumas coisas, físicas mesmo, né? Eu não sabia que eu poderia, que eu era capaz de perceber alguma coisa anômala, né? Então o que eu sentia era somente no físico mesmo, a princípio, né?

E aí esse processo, foi um processo longo, até eu procurar alguma explicação, ir atrás disso pra saber o que realmente acontecia. Então assim, a primeira coisa que eu descartei foi o físico, o físico tava...fui em vários médicos, fiz check-ups e mais check-ups e descartei que o físico não correspondia aquele estímulo, né? E aí eu procurei algumas é...religiões, algumas doutrinas, né? Pra tentar estudar e ver se realmente era aquilo que poderia estar acontecendo comigo e aí depois com os estudos e tudo, conheci várias doutrinas, vários ensinamentos, até que fui convidado pra participar de reuniões mediúnicas, a partir daí eu já...minha família toda é espírita, nasci em berço espírita, né? É...também ia pro centro espírita e não sabia que algum dia aquilo ali ia acontecer comigo, né? Mas até que aconteceu e aí com estudo eu fui tendo um equilíbrio maior, né? Apesar que é uma corda...pra mim eu acredito que é uma corda bamba, a gente sempre tem que tá se equilibrando pra não...comigo quando é...as consequências, eu não digo nem as consequências, mas são as reações naturais, pra mim se torna muito doloroso quando eu perco esse equilíbrio, eu perco...entendeu? E

aí, mas também é um aprendizado, eu acho que essa parte de sofrimento também faz parte.

Quando tu traz essa questão das sensações físicas, tu tivestes muita angustia e muito sofrimento em relação a isso?

Muito, demais.

Tu chegaste a procurar algum psicólogo, psiquiatra nesse meio tempo?

Eu...pra te falar a verdade eu não lembro, Rafisa. Eu acho que eu procurei não no início, mas algum tempo depois, que apesar de ficarmos assim, mas tranquilos em relação a questão de saúde, a gente não se sentia totalmente amparados, né? Nem pelos médicos, nem pelas casas espíritas, pelas igrejas, sei lá, pela doutrina que a gente achava que era a mais condizente. Então assim, existia um pequeno, uma pequena lacuna aí, né? Que deveria ser, creio eu, preenchida por um processo de terapia ou de algum médico...alguma medicação, mas eu procurei depois de um tempo.

Sim, tu sente que o fato de tu ter procurado o estudo do espiritismo, ter procurado uma religião, isso te ajudou a lidar com essas experiências?

É, com certeza, com certeza. A partir do momento que a gente começa a ter mais consciência, né? E a gente ver que aquilo não é tão catastrófico assim, ele te passa isso né? Ele te diz assim “Olha isso aqui não é uma coisa tão trágico assim” e aí eu acho que a gente involuntariamente começa a sedimentar isso na nossa cabeça e realmente ver que não é tão assim né? É uma coisa natural e deve saber conviver.

A gente entrevistou uma pessoa que também é espírita e ela falou a mesma coisa, olha é algo natural, é algo do organismo. Então a doutrina espírita ensina a gente a dizer “olha isso daí é tipo respirar”, então você vai ter contato com outra dimensão o tempo todo.

É...e eu acho que a gente só começa a saber e internalizar que é natural, depois que a gente é...eu nem sei te falar, é como se a gente tentasse lutar contra isso né? De ter procurado vários meios e saber que não dá pra controlar do jeito que queríamos e queremos ou sei lá, que a gente já quis algum dia né? Então a conclusão que a gente pode tirar é que isso realmente pode ser natural, cara. Entendeu?

E além das experiências de mediunidade em si, tem algum outro tipo de experiência que tu tiveste?

É..em qual sentido assim?

Por exemplo, como eu coloquei lá no questionário: Sonhos, sonhos premonitórios, sonhos lúcidos, experiências fora do corpo...enfim, qualquer outro tipo de experiência, de ver alguma coisa se mexer do seu lado ou enfim.

Eu era sonâmbulo, né? Até os...acho que 12 anos de idade, né? mas eu não me lembrava de nada. Eu saía andando pela casa na madrugada, interagindo com o povo, mas eu não lembrava de nada quando eu acordava, então o sonambulismo fez parte da minha vida. É...outra experiência que eu tinha muito, acho que até depois de saber que eu era médium, é...eu sentia meu...sai do corpo, conscientemente, alguns episódios assim bem reais assim, bem...é...bem reais assim, me via deitado dormindo né?

É isso te causa sofrimento ou causou sofrimento na época?

Eu acho que cada...o sonambulismo não, porque eu ficava dormindo, não lembrava de nada, mas a partir do momento que eu tinha algumas outras experiências como essa e tava um pouco consciente, né? Eu me via lá. As primeiras vezes foram assim, um pouco angustiante, mas depois eu acho que eu fui me adaptando e não sentia mais isso das últimas vezes, né?

Era basicamente isso que eu queria perguntar, queria saber se tu tem alguma dúvida, se tu queres falar alguma coisa.

Poxa, eu que agradeço o convite. Eu queria...sempre que eu puder contribuir, esse assunto é um assunto que eu gosto de falar, que a gente conversava muito e...quero ver o resultado aí da tese. Vai ser esse ano?

Com certeza! A defesa é ano que vem se Deus quiser, até março. Agora em julho eu tô finalizando essa coleta das entrevistas pra...agora eu vou tá de férias...fazer a escrita da fundamentação teórica, fazer análise dos dados, porque eu não aguento mais.

Se eu não me engano, né Rafisa?! Essa conversa do doutorando surgiu até lá né? Onde a gente tava...foi numa noite, que a gente saiu numa reunião e a gente conversando né, sobre doutorado e tal.

Sobre investigar esse tipo de experiência, né?

É, eu acho que foi ali que surgiu a ideia né cara? Fico feliz.

Pois é, e aí o que eu tenho percebido a partir do questionário das entrevistas que eu tenho feito é que tem muitas pessoas tem experiências anômalas e as religiões elas vem muito pra dar um sentido. A grande maioria. Acho que só

duas pessoas até agora que falaram “não, não tenho religião” enfim...”vou vivendo, vou convivendo com isso”, mas a grande maioria é...traz a religião pra dar um sentido e pra apaziguar, entendeu? Pra dizer “oh, isso aqui é uma experiência mediúnica porque de acordo com minha religião acontece isso isso..” e isso é importante.

É e eu acho que a mediunidade não existe uma religião que tenha dono, né? Então assim, eu acho que todas são complementares, eu também não gosto de dizer “ah eu sou espírita e ponto final”, eu posso ser outra coisa também.

Participante 14

Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?

Eu não sei se entra no aspecto, mas é porque eu sou médium participo de um centro espírita e geralmente minhas experiências são principalmente lá. Eu não tenho muito...assim nunca tive muitos problemas em casa, nem na rua, nem passei por tantas situações fora de um ambiente controlado, já aconteceu umas poucas vezes, quando eu era criança que teve um assassinato na cidade...uma outra cidade...de uma tia de um amigo meu e antes de ser noticiado, acho que um dia antes de sair na televisão, é...a moça veio através de mim, se comunicou com a minha mãe, passou a mensagem que ela queria passar, e aí minha mãe achou estranho, ficou assustada e no outro dia ela viu na TV. É porque foi na hora, a moça faleceu meio dia e uma hora da tarde aconteceu isso e aí no outro dia saiu na televisão. E aí saiu, eles deram o contato da família pra caso alguém tivesse alguma informação e minha mãe entrou em contato e falou com eles.

E essas experiências.. Que você disse, você é médium, você...Qual sua religião?

Eu...eu não considero espiritismo uma religião, mas é...bota espírita.

Kardecista?

Aham

É...e você...você diz que tem várias experiências de mediunidade no centro espírita que são controladas e essas que aconteceram fora que você disse “raramente”. Essas experiências te trouxeram algum sofrimento? Mesmo as controladas?

Não não, as vezes na hora quando a história é muito triste ou quando é um irmão geralmente suicida. Na hora eu sinto assim um pouco...a gente sente...acaba passando um pouco do que ele sente, mas é coisa rápida e nunca me causou angústia.

Uhum! E qual explicação você pra essas experiências?

É...pra gente é uma comunicação corpo mental...a corpo mental...via os dois perísperitos.

Então você dá uma explicação religiosa aí pra essas experiências?

É...

Você sente que essas explicações fazem com que você vivencie de modo tranquilo essas experiências?

Sim, porque eu entendo isso como um fenômeno da natureza, um fenômeno natural. É como comer e querer ir no banheiro, entre aspas assim, é uma coisa que acontece com quem tem a predisposição. Na verdade, todos têm, só que alguns mais, outros menos.

Além das experiências de mediunidade, você já teve algum outro tipo de experiência?

Não, eu não costumo sonhar. Já aconteceu sei lá, eu já tive uns dois sonhos com pessoas que não tavam mais encarnadas, muito raro. É...eu só me lembro de um, assim...lembrar, lembrar...eu sei que teve outro, mas eu não lembro do outro. É...eu raramente vejo alguma coisa e eu ocasionalmente escuto alguma coisa também.

E quando acontece, como que é pra você vivenciar essas experiências?

Pra mim é realmente como se fosse um fenômeno natural, é como se...ou um mentor, alguém chegasse no meu ouvido e dissesse alguma informação. Geralmente é audição, é como se chegasse alguém e me desse um pedaço de informação.

Uhum, certo! Você tem alguma dúvida? Quer falar alguma coisa?

Não, tô achando interessantíssimo a tese. Assim, o tema que vocês estão estudando, não encaro como um tema muito estudado, ainda é...fazendo...acredito que seja uma pesquisa qualitativa, uma coisa rara e eu acho muito interessante.

Participante 15**Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?**

Bem, na verdade isso acontece desde quando eu me entendo por gente. E...como eu sou de uma família muito religiosa, minha família é protestante da assembleia de deus tradicional. Então eles acreditaram que isso tinha sido um dom, só que desde pequena eu fui muito curiosa e muito cética e sempre busquei a me questionar, apesar de eu ver, de eu tá olhando, de as vezes sentir eu não acredito. Eu acredito que tenha uma...alguma teoria científica, alguma explicação que eu me...eu como religião, eu como...eu não tenho nenhuma, eu me considero uma pessoa agnóstica. Justamente pra eu ter uma...uma...como é que eu falo? O poder da dúvida, entendeu? Isso aconteceu, de eu começar a ver, nos meus quatro anos de idade. Eu era muito ligada com a minha bisavó e era ela muito ligada [travou] e então é...quando ela morreu, eu tive um ataque cardíaco, isso com quatro anos. E fizeram a reanimação, aquela massagem cardíaca e depois de trinta minutos, quarenta minutos o meu corpo voltou, então já tinham me dado como morta, eu já tava morta, é considerado morta. E sempre me falavam assim “Ah, ela venceu a morte e tudo mais” e depois disso que veio as minhas memórias de cinco anos que eu lembro de eu ouvir coisa, eu ver coisa, eu sentir coisas e sempre foi indo.

Quando eu cresci eu fui procurar ir atrás, no psicólogo e tudo mais e...eu descobri que tipo “Olha, você sofreu uma síndrome rara, chamada de síndrome de Lázaro” síndrome é quando você é passado por uma massagem cardíaca, só que ela não funciona de imediato, ela funciona tempos depois. E como eu tava no interior não tinha nem injeção de adrenalina, então foi meu próprio corpo reagindo, então eu já tinha encontrado uma explicação. Depois disso, eu fui procurar o porquê que eu vejo as coisas, o porquê que eu ouço as coisas. O meu tio é...mais novo, que é o filho da minha avó ele é esquizofrênico, então eu pensei assim...quando ele recebeu o laudo de esquizofrênia, eu tinha quatorze anos de idade, então eu fiquei na minha cabeça “olha eu posso também ser, pode ser alguma coisa” eu nunca fui do lado tipo “Ai, isso é algo místico, isso é um poder divino, de deus, sonhos de revelação e tudo mais” eu nunca acreditei nisso, então eu fui atrás e fiz exame, fiz terapia e nada deu. O máximo que deu foi que eu sou Boder, aí eu sou Boder, só que uma psiquiatra diz que o Boderline não te dá alucinação e não te dá que tu escute também, não dá, nenhum tipo desse tipo de anomalia, que pode ser outro tipo de explicação só que no momento

ela ainda não descobriu. Então em resumo é isso tudo, mas eu vejo sempre, eu já fui em centro espírita e me falaram eu sou médium e me ensinaram a controlar a ver e também quiseram que eu é...trabalhasse esse dom só que eu nunca quis. Já foram até atrás de mim no trabalho, mesmo sem me conhecer já foi gente atrás de mim no trabalho como se é...o guia deles mandassem eles pra mim, já aconteceu várias vezes isso comigo. Eu tava no trabalho e uma pessoa abordasse assim “Ei, você é muito sensitiva, você não quer trabalhar isso? Vamos lá! Vamos fazer um documentário.” Só que eu nunca quis ir, eu nunca quis trabalhar esse...porque eu me sinto incomodada, não é uma coisa boa de se ver, eu vejo coisa ruim também.

Era isso que eu ia perguntar pra você. Se essas experiências que tem, de ver coisas, sentir alguma coisa, se isso te traz sofrimento.

Traz, traz bastante, porque eu não vejo só coisas boas. Eu vejo coisas ruins também. Tipo, você, eu deixei a...porque...eu sou amiga de um aluno seu, então eu já vi aulas suas, você me deixou muito confortável, desde a primeira vez que eu vi você. Então tipo “ah, vou ajudar ela na pesquisa. De boa!” “Me sinto bem ao redor dela”. Da mesma forma como tem professor dele que eu me sinto incomodada, como se tivesse uma energia pesada em cima deles, então aquilo gera um desconforto, então se alguém tem uma energia muito muito pesada, isso me deixa mal, mal pra caramba. E como eu sou Boder, as vezes desencadeia até uma crise.

E como é que você lida com esse sofrimento?

Olha, depende muito do...se for...vamo usar o nome entidade, porque não tem nenhum outro nome no momento. Se for uma entidade muito forte, muito pesada, eu não consigo controlar, então eu começo a vomitar, eu tenho náuseas ou então eu tenho um desmaio rápido e eu volto aí quando eu volto já...só me sinto fraca, mas tudo bem. Agora se for uma coisa mais leve, eu já consigo lidar, porque tipo...como é desde os quatro anos de idade isso, eu fui com o tempo, eu mesma fui aprendendo a controlar, eu comecei a terapia e comecei a controlar muito mais.

Atualmente você faz terapia, você continua em terapia?

Continuo

E você fala sobre isso com seu terapeuta? Sobre essas experiências?

Falo falo, eu converso. Todo ano eles pedem pra rever os meus exames cerebrais, como eu já sou uma Boder controlada, eu não tenho muita crise, eu não tenho muito estado maníaco, eu não preciso ir tanto, eu vou só a cada seis meses. Mas uma vez

por ano, eles sempre fazem, tipo agora esse mês que entra eu já vou fazer a minha bateria de exames que é exame sanguíneo, exame cerebral, o...eu faço até o eletrocefalograma, principalmente esse, por causa que meu sonho é muito ativo, eu tenho sonhos que se realizam as vezes, então eu [travou] esses sonhos, já fiz até o eletrocefalograma dormindo, justamente pra ver a movimentação do meu cérebro, mas não tem nada que explique, só a do Boder mesmo, só o...não sei como é que fala o nome, não sei o que da amígdala do Boder, alguma coisa assim, eu não sei lhe explicar, mas é isso.

Você falou que tem uma família muito religiosa. Você foi a algum centro espírita pra saber, enfim...saber um pouco o que se passa aí? Você tem uma atitude assim bem cética, né?

Eu fui sim.

Que você traz...de querer buscar informações, saber o que pode acontecer. Eu queria que tu me falasse um pouco se você estando em alguma religião você conseguiu dar alguma explicação, isso conseguiu amenizar um pouco o sofrimento que você tem quando tem as experiências ou não?

Não, não melhorou. A religião nunca me apoiou, porque tipo na religião da minha família, é no meu nome, meu nome...pra te ver como a religião é tão forte dentro da minha família, meu nome é Mirian porque justamente por causa da Mirian e isso foi tipo muito muito em cima, então quando eu comecei a ver, um lado da minha família falou "é um dom" e o outro lado da minha família falou "é demônio". Aí ficaram uma pressão muito forte porque eu ficava confusa em saber se aquilo era ruim ou era bom, então eu preferi buscar uma parada mais lógica, entende? Uma explicação mais lógica, então eu fui pro lado da ciência e nem ela conseguiu me responder, infelizmente. Mas eu sei que estudos vão avançando e tudo mais, agora tem você que tá pesquisando e tudo. E a religião que mais me deixou assim, acolhida foi a espírita, porque a espírita trabalha muito nessa questão da pessoa ser médium e tudo mais, ela foi a que mais me aceitou, só que eu não consigo ir em nenhuma religião e não quis ir a fundo, porque tem umas regras que eu não vejo lógica e eu não consigo aceitar esses tipos de regras, como fazer uma pessoa se privar tanto de fazer mil coisas, porque eu vejo o ser humano como um ser livre e eu me prender naquilo ali só pra descobrir uma coisa que eu tenho desde pequena, eu prefiro esperar uma

explicação científica, mas é o que mais me conforta, que em algum momento alguém vai ter uma explicação.

Você disse que tem o transtorno de personalidade Boderline, você toma alguma medicação?

Eu tomo hoje em dia só pra dormir. Ah, e o Lorax.

E uma última pergunta, você falou que tá esperando, aguardando algumas explicações científicas, algumas questões, já explico pra você um pouco sobre a pesquisa. Você sente que essas explicações, caso venham, podem amenizar sua angustia, seu sofrimento em relação suas experiências? O que você pensa sobre isso?

Eu acho que vai ser bem reconfortante, não só pra mim, mas também pra família, por causa que um lado da família...como eu lhe falei, um lado da família diz que eu tenho demônios e esses demônios vem da minha mãe e que eu tenho que ser exorcizada, o nome bem pesado mesmo. E já a família da minha avó, ela...da minha avó parte de mãe, ela quer que eu trabalhe isso, então vai tirar um peso muito grande em questão familiar, por causa que...então tendo uma explicação assim “olha, não é nem demônio, não é nem dom, é isso aqui, é isso bem daqui”, igual do momento quando eu me cortava pra preencher vazio que todo mundo ficava falando que eu tava endemoniada, os dois lados e eu mesma, eu que tive que ir atrás de psicólogo e de tratamento pra mim, forçando a minha mãe me levar pra psicóloga, e eu fui...depois de anos de tratamento que foi lá “olha, ela é Boder e é por isso que ela é assim”. Então a família se acalmou, quando descobriram que eu era Boder, então eu espero a mesma coisa. Muito bem, é basicamente isso. A entrevista é bem rapidinha, é só mesmo pra saber...aprofundar um pouquinho mais em relação as perguntas que você respondeu no questionário. Fiquei feliz, queria te agradecer muitíssimo por ter disponibilizado esse tempo pra participar da entrevista. E como você falou da pesquisa. Ainda é muito tabu dentro da Psicologia, a gente tentar estudar, entender minimamente experiências anômalas. Experiência anômalas, a gente tem experiências de mediunidade, experiências fora do corpo, de ter sonhos que depois podem se realizar, essa coisa toda, entre outras. E aí o objetivo é exatamente esse. Porque muitas pessoas tem essas experiências e muitas pessoas sofrem com essas experiências, como você falou da sua família, as vezes a religião vem pra apaziguar, mas as vezes ela vem pra trazer mais

sofrimento ainda, então nosso objetivo é tentar ver a quantidade de pessoas que tem esse tipo de experiência, vê o impacto no psiquismo de cada um pra tentar vê o que é possível fazer com isso a partir da Psicologia. Porque sim, é possível a gente acolher, pensar em possibilidades, então esse é nosso objetivo com essa pesquisa. Você tem alguma dúvida? Quer falar alguma coisa?

Não, acho que no momento não. Deixa só eu pensar aqui (risadas)...Não não, não tenho, acho que já lhe contei tudo.

Participante 16**Qual (is) tipo (s) de experiência (s) anômala (s) você teve/tem?**

O que na verdade, quando eu tava respondendo a pesquisa eu fiquei pensando em dois momentos da minha vida, né? Daquela coisa da infância, [travou] a gente tem muitas reuniões familiares, onde as famílias acabam contando várias experiências de que viram vulto, né? É...de que tiveram uma história no interior que tavam no meio do mato e viram coisas...enfim, e aí cada um caracteriza da forma que quiser, né? Uma coisa mal-assombrada, enfim...que levantou e tinha alguém pegando no pé da pessoa e tudo. Mas eu lembrei de algo bem específico assim, da minha vida pessoal, a minha avó faleceu em 2005 eu acho, 2004, 2005, eu tava saindo do ensino médio, né? E aí, na minha família tinha muito esse papo, hoje não, mas tinha muito esse papo porque uma parte bem católica e outra parte é bem protestante, tem essa questão religiosa muito forte, né? As pessoas se envolvem muito e sempre teve esse papo, né? De es...[travou] na época que minha avó faleceu, eu mesmo né...quando ia na casa da minha avó, sabe aquela coisa de sentir a presença, de ver a pessoa passando, de sonhar...enfim, e via vários relatos das minhas tias, da minha mãe, por exemplo, de ter visto a minha avó em tal lugar e tudo.

Teve até uma coisa assim bem inusitada que até envolve essa questão religiosa, que eu acho que foi uma ou duas semanas...[travou], tinha aquele encontro, acho que era Vinde a mim, não se tu lembras que tinha aqui em São Luís, eu acho que ele nem tem mais. A minha avó apareceu numa propaganda po, né? Desse...desse...desse encontro, né? Da igreja. E aí eu lembro que isso foi uma pauta na família e tudo, que minha avó tava presente, que a presença dela tava ali nos rodeando e tudo, e particularmente eu acordava as vezes, quando eu tava dormindo na casa de minha avó, eu acordava e tinha a sensação que eu via ela, tipo tendo a sensação que ela tava me acordando, né? Eu lembro que na casa dela, é porque hoje mudou a estrutura, mas tinha assim...sabe aquelas casas antigas, acho que tu já viu, porque tua família mora em casas antigas, que tem aqueles corredorzinhos que tu passa pro quarto, né? E na casa da minha avó tinha um corredorzinho, né? Que dava pra esses quartos e cara parece que eu sempre via ela nesse corredorzinho, né? E isso, eu acho que isso foi num período Rafisa de uns quatro, cinco anos mais ou menos, essa coisa muito forte na casa da minha avó e tudo. E a gente ficava “Cara, será se minha avó tá aqui?” é...o que eu me recordo claramente foi isso, não demorou muito tempo, acho

que foi...[travou], meu avô faleceu, e...e assim com ele eu não lembro de ter episódios assim, porque na minha família teve uma sequência de falecimentos, a minha avó, minha bisavó e meu avô, tudo num período de dez anos, né? E aí tava todo mundo tava muito impactado, enfim...emocionalmente e tudo. É...mas do meu avô, ele tinha uma cadeira que ele ficava sentado no terraço.

E meu avô tinha um short azul e uma camisa branca e eu te juro que uma vez eu vi ele sentado, tipo assim sabe? Parece que tava só a camisa dele e o calção, ele não tava dentro da roupa. E aí eu saí assim, do terraço, e falei “Rapaz, eu tô vendo coisa” né? E aí eu lembro disso muito claramente até hoje e assim acaba que tu fala essas coisas pra uma família que tem essa questão religiosa, né? E cada um tem o seu posicionamento e tudo...E minha família né...é muito estudiosa com relação a religião e tudo, né? Se aprofunda mesmo. E a gente falava muito sobre isso! E essas cenas da minha avó pós falecimento e do meu meu avô pós falecimento eu via muito. Agora do meu avô era muito claro isso, eu só via ele sentado nessa cadeira, parece que tinha só...tipo assim...a camisa, sabe? É...e o que eu me recordo foi isso mesmo, Rafisa. Eu não lembro de outros episódios assim, né? Foi bem característico dessa fase, acho que 2005 e tudo, é...e porque eles viviam em casa, né? Eles não socializavam, eles já eram bem idosos, então era a referência que eu tive, né? Deles, assim nessa época aí.

Tu falaste que inclusive essas histórias viravam pauta na tua família, a tua família muito religiosa, cada um dava um sentido aí pra essas coisas todas, mas em relação a ti esses momentos que tu via algo, ficava ali na dúvida se era ou se não era, isso te causou sofrimento ou não? Qual o sentido que tu dava pra isso?

Cara, da minha avó no começo, quando tava muito recente do falecimento, me causou muito sofrimento, isso foi inevitável. Tipo assim “Porra, eu tô vendo minha avó e ela não tá aqui” entendeu? E assim, quando minha avó faleceu, foi assim uma coisa muito pesada, ela ficou muito tempo na UTI, então todo mundo tava todo mundo tava muito muito mal e meu avô não, assim pra tu ter uma ideia o meu avô, é...eu não sei se tu lembra daquela série Dona Flor e seus dois maridos que tinha um cara que faleceu, não tinha nessa história? Que ele era boêmio e ele só aparecia e tudo, o meu avô era muito esse cara. Um cara que era boêmio e bebia, então muitas pessoas relatavam que viam vovô andando lá em casa, na casa de vovó, é...bebendo cachaça, entendeu?

Então a referência que a gente tinha de vovô era muito cômica, então a gente nem sofreu tanto com o falecimento dele, mas a minha avó foi pesado e tudo, chegou um momento que eu não queria ir mais lá, eu até falava pra minha mãe “ah, toda vez que eu vou lá eu sinto meio que a presença de vovó”. E aí minha mãe entrava com aquela questão religiosa que era muito dela, né? E...e aí eu preferi não ir lá, e assim se tu me perguntar hoje, eu até me dei conta disso agora, eu tenho ido muito pouco lá, entendeu? É...aí teve um período que eu não ia mais lá e depois eu passei ir mais e agora eu vou muito pouco lá, né? [travou] já é em frente da casa da minha avó, né? É até interessante falar isso, mas acho que era muito assim, né? Meu avô essa coisa meio cômica mesmo, tipo assim, a gente olhava os vultos, essas coisas e meio que tirava onda e a minha avó mais essa coisa sentimental mesmo de muita presença e tudo.

E tu dava algum sentido pra essas visões? Assim, tu pensava o que seria, qual o sentido disso ou não?

Rapaz, eu tenho um primo que nessa época ele até começou a ver coisas do espiritismo, né? E aí eu ficava naquela assim “cara, vejo ou não vejo?” “é ou não é?” e tudo. Aí eu lia algumas coisas, mas também não me aprofundei, mas aí assim eu lembro muito da fala das minhas tias e da minha mãe “ah isso é tua avó, a presença da tua avó ainda tá aqui com a gente” e tudo né? Po, eu tinha 15, 16 anos, né? Eu era adolescente, né? Então pra a gente que era dos anos 80 a gente era guri, né? Então, não tinha muito discernimento das coisas assim, pra mim é...eu lembro que na época não dava muito sentido, eu ficava mais era com medo mesmo, né? Ficava com medo, tipo assim “cara, será que existe vida após a morte é isso?”, entendeu? Eu lembro que eu pensava muito nisso e esse corredor que te falei, corredor que eu me encostava assim na parede, né? E eu ficava pensando muito nisso, porque minha avó ficava muito nesse corredorzinho que era pra uma cozinha, né? Mas eu sentia muito medo, cara. Sério! Eu sonhava direto, po, com isso. Acho que nesse ano especificamente que vovó morreu, porque foi assim, vovó morreu em fevereiro desse ano, não lembro se foi de 2004 ou 2005, né? Então ela morreu no começo do ano, então assim, foi o ano todo pensando nisso e tudo, até as coisas se materializarem...[travou], sabe? Entendeu?

Entendi! E além dessas experiências em relação a morte da sua avó, do seu avô, essa coisa toda. Você já teve algum outro tipo de experiência?

Não, não tive. Que eu lembre assim Rafisa, não tive, o...acho que tem..tem assim, talvez uma histórias que possa ser algo em relação a isso, é...quando eu morava no cohatrac, a gente tinha uma casa lá, os meus pais tinham uma casa lá que eram muito grande. Aquelas casas que tinha um quintal enorme, né? Casas também antigas, né? E uma vez pulou um ladrão, né? Nessa casa. E até uma coisa que eu lembro agora, muito claramente na minha cabeça, é...que eu vi esse ladrão com meu pai e ele tava com uma camisa branca, né? E esse quintal que era o fundo da minha casa, ele era muito escuro, cara. Muito escuro! E quando eu tava com medo de alguma coisa, sei lá tipo...assistir uma notícia no jornal sobre um assaltante e um ladrão que invadiu uma casa. E aí eu ia lá no quintal e via o quintal todo escuro e eu via um vulto de uma camisa branca e era justamente desse cara que invadiu lá em casa essa época. Que eu lembro era muito claro, foi muito claro agora isso, nessa época, não lembro de ter tido outras, apesar de ter escutado muito da minha família, essa coisa de alguém que pegou o pé de alguém, alguém que puxou alguém quando tava dormindo, essas coisas, né?

Tranquilo, tu tens alguma dúvida? Quer falar alguma coisa? Quer tirar alguma dúvida?

Não, assim eu acho que eu tenho...pra falar da pesquisa né? Que eu achei bem interessante quando eu fui responder o questionário, me dei conta que tem coisa que é real (risada) e isso é bacana. E assim, eu fiquei pensando muito nessas relações, cara...familiares que eu tinha, principalmente a minha família que é do interior e tem muita história, po, muita história com isso, de coisas que viu, de alguém que morreu, né? De coisas [travou] por exemplo, a família do meu pai é de São João Batista, eles tem fazenda, tipo que já viram cavalo longe, sabe essas coisas né? Mas achei muito interessante nesse ponto é...eu acho que, o que eu posso dizer assim, mas sobre isso é que essas experiências que eu tive eu senti muito mais medo por não ter consciência talvez do que [travou]...que essas questões realmente tem um fundamento, que eu poderia conhecer pra me apropriar disso em relação ao conhecimento né? E as pessoas tem muito preconceito em relação a isso, acho que muito por essa falta de aprofundamento, então eu fiquei pensando nisso, que pode ser uma pesquisa que tire esse preconceito, né? Das pessoas que “nossa, isso aqui é coisa do demônio”, né? Então...acho que é isso.

Na verdade a ideia de trazer esse universo das experiências anômalas pra academia é a gente poder desmistificar e pensar que são experiências subjetivas. Então tu mesmo trouxeste experiências em relação a tua família, tu tem uma visão, tua família tem outra visão, você falou que na época teu primo foi estudar o espiritismo e o que a gente tem percebido muito nas entrevistas é que as religiões vem muito no sentido de tentar dar um sentido, ficou meio estranho essa frase, mas é isso. Tentar dar um sentido pra essas experiências e apaziguar, né? Medo, angústia, sofrimento. Porque as religiões trazem respostas pra tudo, né? Porque você nasce, porque você morre, o que você vai fazer depois da morte, né? Enfim...

Rafisa, eu lembrei agora também dessa coisa da mídia, né? Da televisão, acho que a gente tem idades muito próximas, né? Principalmente nos anos noventa, é...que tinha essa história de E.T, tinha um E.T de Varginha, que um E.T apareceu não sei aonde, cara eu tinha muito medo disso, muito medo disso e eu tinha vários sonhos né? E assim, quando eu tava dormindo, quando eu morava com meus pais na época, eu e meu irmão tínhamos...dormíamos no mesmo quarto e cara, meu irmão era zero medo assim, zero medo, o que ele não tinha de medo, eu tinha muito medo e então cara, eu sonhava que o E.T entrou no quarto, que ia me levar, eu ia ser abduzido, né? Mas isso muito por conta dessa força da televisão de plantar esse medo, sem essa coisa, né? Essa informação que isso existe sei lá, que isso pode ser coisa da imaginação, sei lá né? A gente não tinha essa informação, então a mídia jogava isso como uma coisa pra vender.

Nessa mesma época tinha a história do chupa cabra, não sei se tu lembra.

(risada) Outro que eu tinha medo

Enfim,eu tô preocupada com o horário, tu tens uma reunião agora às 09:30, então eu queria te agradecer por ter contribuído com a pesquisa, por ter tirado um tempinho pra conversar com a gente. Qualquer coisa se tu tiver alguma dúvida, se tiver alguma questão aí que pode surgir, você pode entrar em contato com a gente. Tá bom?

Tá bom, beleza.